



Comunidade de Aprendizagem





Comunidade de Aprendizagem

Sumário

• Comunidade de Aprendizagem.....	1
• Aprendizagem Dialógica.....	17
• Atuações Educativas de Êxito.....	37
• <i>Participação Educativa da Comunidade</i>	39
• <i>Grupos Interativos</i>	51
• <i>Tertúlia Dialógica</i>	65
• <i>Biblioteca Tutorada</i>	81
• <i>Formação de Familiares</i>	89
• <i>Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflito</i>	99
• <i>Formação Pedagógica Dialógica</i>	113
• Fases de Transformação.....	125
• Voluntários na Escola.....	137
• Atividades de Estudo.....	159
• Bibliografia.....	175

Olá, Leitor!

Neste caderno você conhecerá o projeto Comunidade de Aprendizagem, sua proposta de transformação para escola, origem e fundamentos científicos.

No capítulo “Comunidade de Aprendizagem” são apresentadas as principais características de uma escola como Comunidade de Aprendizagem. Em seguida, abordamos sua origem e sua importância para enfrentar os desafios que a sociedade atual coloca para a educação. Ao final, apresentamos a base científica que fundamenta esse projeto e suas práticas.

No capítulo “Aprendizagem Dialógica”, apresentamos a concepção de aprendizagem que está por trás deste projeto, bem como os princípios que a sustentam.

No capítulo “Atuações Educativas de Êxito”, você encontrará um aprofundamento em cada uma das práticas que são implementadas em uma Comunidade de Aprendizagem. São elas: Participação Educativa da Comunidade; Grupos Interativos; Tertúlia Dialógica; Biblioteca Tutorada; Formação de Familiares; Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflito; Formação Pedagógica Dialógica.

No capítulo “Fases de Transformação” é apresentado o processo que as escolas passam ao se transformarem em uma Comunidade de Aprendizagem.

No capítulo “Voluntários na Escola” são descritas ações para mobilizar voluntários e mantê-los atuando nas escolas como Comunidade de Aprendizagem, ponto fundamental para uma boa implementação.

Por fim, no capítulo “Atividades de Estudo” está disponibilizada uma série de propostas de estudos com a intenção de apoiá-lo nas discussões, reflexões e debates sobre as diferentes Atuações Educativas de Êxito, indicadas pelo Projeto.

Com a intenção de ajudá-los na leitura de todo este material, destacamos, no decorrer deste caderno, em qual parte dele você poderá encontrar cada conceito ou informação importante (em “Consulte”).

Esperamos que todos esses materiais sirvam de apoio para aqueles que acreditam que todos os meninos e meninas podem aprender mais e chegar aos mesmos e melhores resultados.

Bom trabalho!



o que é?

Comunidade de Aprendizagem é um projeto de transformação Educacional e Social que tem início na escola, mas que se expande para toda a comunidade por meio de sua participação nas decisões e atividades da escola.

Quando uma escola decide se transformar em uma comunidade de aprendizagem são colocadas em prática Atuações Educativas de Êxitos identificadas pela Comunidade Científica Internacional como aquelas mais eficazes para conduzir ao êxito acadêmico, superar o fracasso escolar e promover a melhora nas relações.



Uma escola como Comunidade de Aprendizagem

O projeto Comunidade de Aprendizagem é um processo de transformação da escola e seu entorno por meio da implementação de Atuações Educativas de Êxito que favorecem a participação da comunidade³, com o objetivo de superar as **desigualdades sociais**. Esse processo envolve todos aqueles que, de forma direta ou indireta, influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento de todos os estudantes, entre eles professores, familiares, amigos, pessoas do bairro, membros de associações e organizações de moradores⁵, etc.

Existem três aspectos fundamentais que definem uma Comunidade de Aprendizagem e possibilitam a melhora dos resultados de todos os estudantes e da convivência entre todos da escola. Conheça-os na página a seguir.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade*

5. Capítulo *Voluntários na Escola*



I. TRANSFORMAÇÃO DA ESTRUTURA E DA CULTURA ESCOLARES

A escola passa por um processo de transformação que consiste em um conjunto de etapas⁴ orientadas a partir do que todos sonham ser a melhor escola para os estudantes. Para esse processo, é preciso acreditar que as pessoas e as sociedades podem mudar; entender que a escola é um agente de mudança, não de reprodução; ter altas expectativas; considerar que é a transformação do entorno, e não sua adaptação a ele, que promove a aprendizagem.



CONSULTE

4. Capítulo *Fases de Transformação*

2. Capítulo *Aprendizagem Dialógica*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflito*

2. APRENDIZAGEM DIALÓGICA

O foco central da transformação está na perspectiva dialógica da aprendizagem², na qual todos participam e interagem de maneira igualitária, respeitando a inteligência cultural de cada um, criando sentido para a aprendizagem e fomentando relações mais solidárias.

Nas Comunidades de Aprendizagem, põe-se em prática a democracia deliberativa³, em que as normas e decisões são estabelecidas em consenso com a comunidade, e potencializa-se a formação teórica e técnica para que a discussão e a aplicação das decisões sejam baseadas na argumentação.

Transformar a estrutura e a cultura escolares significa reconhecer que o professor sozinho não pode garantir uma educação de qualidade; é preciso haver uma colaboração próxima com as famílias e membros da comunidade, para que todos os estudantes, de fato, melhorem seus resultados. Significa também acreditar que aprendemos por meio da interação!

3. ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO

Os desafios que a sociedade atual exige não são os mesmos da sociedade industrial (que caracterizou a maior parte do século XX). Hoje, a capacidade de acessar novas fontes de informações de forma rápida e econômica tem transformado os contextos em que as pessoas aprendem, e as escolas precisam diversificar cada vez mais suas propostas e atividades para garantir que nenhuma criança, jovem ou adulto seja excluído da Sociedade da Informação. Para enfrentar esse desafio, é necessário identificar e implementar Atuações Educativas de Êxito que melhorem tanto o desempenho acadêmico quanto a convivência nas escolas.

Atuações Educativas de Êxito são práticas avaliadas por investigações científicas, e validadas por membros da comunidade científica internacional, que demonstraram gerar os melhores resultados em qualquer contexto.

São três os principais objetivos que orientam as ações e o dia a dia de uma Comunidade de Aprendizagem:

Eficácia – investir na melhoria dos resultados de aprendizagem dos estudantes

Equidade – investir na melhoria dos resultados de aprendizagem de todos os estudantes

Coesão social – avançar na melhoria da convivência e na participação de toda a comunidade

A primeira Comunidade de Aprendizagem foi a Escola de Jovens e Adultos de Verneda, localizada no distrito de Sant Martí, em Barcelona, Espanha. Foi criada em 1978, quando os moradores de Verneda, impulsionados por Ramón Flecha e Jesús Gómez, organizaram uma escola com o objetivo de fazer a educação chegar a todos do bairro, tornando-se acessível também aos adultos.



Abaixo apresentamos um mapa geral de Comunidade de Aprendizagem. Nele, estão localizados os Princípios, as Fases de Transformação e as Atuações Educativas de Êxito, que promoverão a melhora da aprendizagem e da convivência. Esse mapa irá orientá-lo no processo de apropriação do projeto.

UMA ESCOLA COMO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

EMBASA SUAS AÇÕES NOS PRINCÍPIOS DE APRENDIZAGEM DIALÓGICA



PASSA PELAS FASES DE TRANSFORMAÇÃO



IMPLEMENTA ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO





Como surgiu?



CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem Dialógica

O CREA conta, atualmente, com 70 investigadores de diferentes disciplinas e diversos países, grupos culturais, religiões e opções de vida. Mantém estreita colaboração com pesquisadores das melhores universidades do mundo (*Harvard, Wisconsin, Cambridge*, entre outras) e com os principais autores em diferentes temas e disciplinas.

Uma das principais causas pelas quais as escolas da atualidade não estão respondendo às necessidades reais dos estudantes e aos desafios da Sociedade da Informação é, precisamente, o fato de que muitas das práticas e estratégias utilizadas não são baseadas em evidências e conhecimentos científicos. Embora possa parecer paradoxal, a grande maioria das ações e reformas não são certificadas por teorias e ações reconhecidas como eficazes e equitativas.

Para mudar essa situação, a educação não pode basear-se em propostas de supostos especialistas, nem em ideias bem-intencionadas, mas, sim, no conhecimento acumulado pela comunidade científica internacional acerca das atuações educativas que asseguram o êxito dos estudantes. A Sociedade da Informação² conta com recursos informativos que permitem estar em contato constante com a comunidade científica internacional e conhecer as investigações educativas e sociais que oferecem um marco de referência efetivo para o desenvolvimento das práticas educativas.

Nos anos 1990, o Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, com base no conhecimento acumulado pela comunidade científica internacional e em colaboração com os principais autores e autoras de diferentes disciplinas de todo o mundo, promoveu a implementação de Comunidades de Aprendizagem em escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O DIREITO DE BENEFICIAR-SE DOS AVANÇOS DA CIÊNCIA

O Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais*, documento criado em 1966 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, estabelece em seu artigo 15 o direito de que todos os seres humanos desfrutem do progresso científico e suas aplicações.

Na medida em que vivemos na Sociedade da Informação, onde o bem mais valioso é o conhecimento, ter acesso ao progresso científico acumulado e às fontes mais relevantes de informação são elementos básicos de garantia de igualdade e perspectiva de inserção social.

Por esta razão apresentamos abaixo algumas fontes de acesso à comunidade científica internacional, a qual é constituída pelos autores mais relevantes de todas as áreas e que participam dos melhores programas de pesquisa, das melhores universidades do mundo e das publicações de maior impacto.

Programas de pesquisa científica. Nem todos os projetos e estudos possuem a mesma validade científica. Muitas entidades (como fundações, empresas, etc.) financiam estudos que não passam por avaliações sobre o rigor científico da pesquisa. Além disso, os resultados e as conclusões podem ser influenciados por objetivos políticos ou econômicos dos financiadores. Os programas de pesquisa científica incorporam avaliações prévias do projeto e, cada vez mais, análises de seu impacto.

Melhores universidades do mundo. Um dos mais conhecidos é o *Academic Ranking of World Universities (ARWU)*, que pode ser consultado em www.shanghairanking.com/index.html. Universidades como *Harvard, Stanford, Massachusetts, Califórnia* e *Cambridge* aparecem nas primeiras posições em todos os *rankings*. Nas páginas de cada uma delas na internet é possível acessar seus centros de pesquisa, equipes, projetos já realizados ou em andamento.

Publicações e trabalhos científicos. As revistas científicas se distinguem das demais por contar com procedimentos e formas de organização que contemplam a validade e o rigor científicos, bem como a novidade dos resultados apresentados. Atualmente, as revistas de maior reconhecimento científico são aquelas que se encontram listadas no *Journal Citation Report (JCR)*.

Os trabalhos científicos estão disponíveis em bases de dados especializadas, dentre as quais destacamos o *ISI Web of Knowledge* e o *ERIC (Educational Resources Information Center)*, centrados no campo da pesquisa educacional. Embora ainda seja necessário fazer uma assinatura ou pagamento para ter acesso a muitos desses conteúdos, é crescente o número de publicações de acesso gratuito (*open access*). Nesse sentido, é bom conhecer a **Public Library of Science**, conhecida como **PLOS** (em português, Biblioteca Pública de Ciência). Trata-se de um projeto sem fins lucrativos que tem como objetivo criar um acervo de revistas e publicações científicas dentro do modelo de licenciamento de conteúdo aberto.

* Ref: Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Disponível em: <<http://dhnet.org.br>> Acesso em: 11 maio 2002.

Para ampliar seu conhecimento sobre o CREA, recomendamos uma consulta à página do centro na web, onde você encontrará informações sobre o projeto e artigos que apresentam resultados e pesquisas referendadas: <http://utopiadream.info/ca/>

O *Journal Citation Report (JCR)* é um recurso que permite avaliar e comparar publicações científicas influentes, indexadas no *Institute for Scientific Information (ISI)*.



Uma das principais características do INCLUD-ED está na metodologia comunicativa crítica em que a pesquisa foi conduzida (Gómez et al., 2006). Essa abordagem é caracterizada por estabelecer um diálogo permanente entre os investigadores e a comunidade científica, por um lado, e os diversos agentes sociais, especialmente as pessoas que estavam sendo pesquisadas, por outro. Dessa forma, foi possível compartilhar, contrastar e interpretar conjuntamente todo o processo de investigação, evitando os erros e preconceitos que frequentemente aparecem nas pesquisas com grupos vulneráveis.

O PROJETO INCLUD-ED

Esse projeto analisou estratégias educativas que contribuem para superar as desigualdades e promover a coesão social, bem como aquelas que geram exclusão social. Foram revisadas as principais teorias e contribuições científicas do mundo sobre esse tema, as reformas educacionais feitas nos países membros da União Europeia e as práticas adotadas em escolas que, apesar de se encontrarem em contextos desfavoráveis e enfrentarem muitas dificuldades, obtiveram êxito educativo tanto nos resultados escolares quanto na coesão social. Foram realizados 22 estudos de casos específicos e 6 estudos de casos longitudinais, acompanhando a evolução das escolas ao longo de quatro anos. Cinco grupos vulneráveis foram definidos como foco central: pessoas com deficiência, minorias culturais, imigrantes, jovens e mulheres. Além disso, destacaram-se quatro áreas relacionadas com a exclusão social: habitação, emprego, saúde e política.



Mapa dos países pesquisados no INCLUD-ED

OS RESULTADOS DO INCLUD-ED E AS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO

O projeto de pesquisa INCLUD-ED identificou as práticas que efetivamente aumentaram o desempenho acadêmico dos estudantes e melhoraram a convivência e as atitudes solidárias em todas as escolas analisadas. A pesquisa partiu da premissa de que o sucesso ou fracasso da escola está mais relacionado às práticas que a escola implementa do que ao seu contexto social, econômico e cultural. Conclui-se que práticas que geram aprendizagem devem ter duas características principais: trabalho com grupos heterogêneos e participação educativa da comunidade. Ou seja, comprovou-se cientificamente que práticas educativas quando implementadas respeitando essas duas características, levam a uma melhora na convivência e nos resultados acadêmicos dos estudantes independentemente da realidade em que a escola está inserida. As Atuações Educativas de Êxito propostas no projeto Comunidade de Aprendizagem, carregam estas duas

As Atuações Educativas de Êxito são atividades que precisam estar presentes na rotina das escolas que são Comunidades de Aprendizagem, mas não são as únicas. As boas práticas feitas pela escola podem continuar.

características e, portanto, podem ser implementadas em qualquer escola. Em um país como o Brasil, com uma grande diversidade de realidades sociais e econômicas, oferecer às escolas um projeto que apresenta práticas possíveis de ser aplicadas em qualquer contexto e que garantem a melhora no rendimento acadêmico dos estudantes, é algo novo e de grande importância para o desenvolvimento de nossa sociedade.

São sete as Atuações Educativas de Êxito identificadas pela pesquisa, que podem ser implementadas em Comunidades de Aprendizagem:

GRUPOS INTERATIVOS

Forma de organização da sala de aula identificada como aquela que proporciona os melhores resultados quanto à melhora da aprendizagem e à convivência.

Dentro da sala de aula, formam-se grupos reduzidos de estudantes, agrupados de forma heterogênea quanto a níveis de aprendizagem, cultura, gênero, raça, etc. Esse tipo de organização inclui todos os estudantes, que contam com o apoio de outros adultos, além do professor responsável pela aula, para mediar as interações. Isso possibilita atender às necessidades de todos, além de proporcionar igualdade de oportunidades e resultados, sem que seja preciso separar ou segregar os estudantes.

TERTÚLIAS DIALÓGICAS

Encontros de pessoas para dialogar que promove a construção coletiva de significado, bem como a aproximação com a cultura clássica universal e o conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade. Essas relações igualitárias envolvem a solidariedade, o respeito, a confiança, o apoio, e não a imposição.

BIBLIOTECA TUTORADA

Uma forma de extensão do tempo de aprendizagem que propõe a criação de espaços extraclasse nos quais os estudantes realizam atividades, acompanhados por voluntários (professores, familiares e demais pessoas da comunidade). Pesquisas demonstram que essa ampliação do tempo de aprendizagem tem impacto importante na melhora dos resultados educativos. As atividades que acontecem na Biblioteca Tutorada são de caráter instrumental e de apoio às tarefas escolares, acelerando a aprendizagem de todos, especialmente dos estudantes com maiores necessidades educativas.

FORMAÇÃO DE FAMILIARES

Consiste na formação de familiares com o propósito de facilitar o estudo de conteúdos e habilidades elegidas por eles próprios e tendo como foco principal a formação instrumental.

PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA DA COMUNIDADE

Forma de participação que se baseia no envolvimento das famílias, dos professores e de outras pessoas da comunidade nos espaços formativos e nas tomadas de decisões da escola sobre os aspectos que influenciam a aprendizagem dos estudantes. Esse tipo de participação incide em questões fundamentais da vida escolar e gera um impacto significativo e importante na aprendizagem dos estudantes, uma vez que a aprendizagem depende muito mais do conjunto de interações que o estudante estabelece do que apenas daquelas que ele vivencia dentro da sala de aula. Além disso, a composição de diferentes agentes na aprendizagem fortalece as redes de solidariedade.

MODELO DIALÓGICO DE PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITO

Modelo de prevenção e resolução de conflitos baseado no diálogo como ferramenta para superar as desigualdades. Nesse modelo, a resolução do conflito se dá por meio do consenso entre todas as partes envolvidas, especialmente os estudantes, sobre as normas de convivência. Essas normas são elaboradas de forma colaborativa por toda a comunidade.

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DIALÓGICA

Um processo profundo, rigoroso e ético de desenvolvimento profissional pelo qual passam os educadores que implementam Atuações Educativas de Êxito e ajudam a transformar suas escolas em Comunidades de Aprendizagem, oferecendo as melhores oportunidades para seus estudantes. Esses docentes se atualizam e debatem seus conhecimentos em relação às teorias e investigações educativas mais relevantes no cenário científico atual. Esse processo, pautado essencialmente no diálogo, envolve formação continuada de qualidade, considera evidências e resultados e está de acordo com as melhores práticas de formação de professores, segundo a comunidade científica internacional.

No capítulo em que apresentamos as Atuações Educativas de Êxito, há referências aos resultados do INCLUD-ED com o intuito de proporcionar a todos o conhecimento científico disponível.

O INCLUD-ED foi o único projeto de ciências sociais e humanas incluído pela Comissão Europeia na lista de 10 “histórias de êxito” do 6º e do 7º Programa Marco de Investigação. Na biblioteca do portal da Comunidade de Aprendizagem é possível encontrar, na íntegra e traduzido para o português, o projeto INCLUD-ED.

Os resultados obtidos pelo INCLUD-ED foram citados nas diretrizes do Parlamento Europeu como forma de superar o abandono escolar e a desigualdade na educação, com a recomendação de que se aplicassem as Atuações Educativas de Êxito e de que as escolas se tornassem Comunidades de Aprendizagem.

A EXPERIÊNCIA DE COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM NO BRASIL E AMÉRICA LATINA

SONHANDO A CRIAÇÃO DAS COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

Do desejo de gerar uma transformação social e educacional a partir da escola, o Instituto Natura criou, em 2011, sua visão: criar condições para os cidadãos formarem Comunidades de Aprendizagem.

Ao longo do ano seguinte, dedicou-se ao aprofundamento do conceito de Comunidade de Aprendizagem buscando pesquisas e centros de estudo e investigação de referência que pudessem alicerçar do ponto de vista teórico e científico sua visão.

Houve, então, a aproximação com o CREA e a Parceria com o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos (NIASE/UFSCAR), pelo fato de que em ambos os Centros de Estudos, linhas de investigação e pesquisa estavam orientadas para a implementação do projeto Comunidades de Aprendizagem na escola.

A pesquisa INCLUD-ED garantiu o aporte de evidências científicas de resultado na defesa das Atuações Educativas de Êxito e sua capacidade de ser aplicada ao contexto nacional com semelhantes resultados aos que já haviam sido observados nos países da Europa.

Com a missão e as parcerias estabelecidas, o Instituto Natura começou a sua atuação na implementação de Comunidades de Aprendizagem na escola. Desde o início, o projeto foi feito em colaboração com as Secretarias de Educação, uma vez que o objetivo compartilhado entre todos era de tornar essa ação uma política pública.

*Subida ao morro do Andaraí, Julho de 2013
– Ginásio Carioca Epitácio Pessoa convida a
Comunidade a sonhar uma escola com os
melhores resultados de aprendizagem.*



DO SONHO À PRÁTICA

A primeira parceria foi feita com a Secretaria Municipal de Educação, da cidade do Rio de Janeiro, em 2013, quando foi implementado o projeto Comunidade de Aprendizagem em três escolas de Ensino Fundamental II, chamados Ginásios Cariocas. Após terem conhecido as bases teóricas do projeto e decidirem por se transformarem em Comunidades de Aprendizagem, as escolas convidaram a comunidade a sonhar a escola e efetivamente participar de suas decisões.

Foram dois anos de parceria e muitas atuações das escolas, como por exemplo, a realização de Grupos Interativos em todas as disciplinas e a implementação de Tertúlia Literária como uma eletiva fixa. A experiência bem-sucedida com a inserção dessas Atuações Educativas de Êxito nos Ginásios Cariocas fortaleceu as ações do Instituto rumo à expansão.

Em 2014, mais sete municípios no Brasil aderiram ao projeto e se engajaram na transformação de suas escolas.

Inicialmente direcionado aos segmentos dos ensinos médio e fundamentais I e II, logo as Secretarias notaram a potência do projeto e a oportunidade de que fosse franqueado e oferecido a outros segmentos. Atualmente as AEE's estão presentes desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos.

A escola de Educação Infantil EMEB Ana Henriqueta Clark Marim, localizada no município de São Bernardo do Campo/SP, que se transformou em Comunidade de Aprendizagem em novembro de 2014, implementa as Atuações Educativas de Êxito de forma bastante lúdica e interativa. Com o uso de jogos, realizam Grupos Interativos, trabalhando conteúdos específicos para o segmento infantil como raciocínio lógico, linguagem, memória etc. A partir dessas atividades, foi observado melhora nos níveis de concentração, sociabilidade e aprendizagem das crianças. Além disso, a implementação de outra Atuação Educativa de Êxito, Participação Educativa da Comunidade, envolve a comunidade e familiares nas tomadas de decisões junto a gestão da escola, por meio das reuniões de comissões mistas, proporcionando um envolvimento diferente destes com a escola, onde sentimentos como pertencimento e empoderamento são despertados. Os familiares também participam nos momentos de aprendizagem direta dos estudantes, quando são voluntários em atividades como Grupos Interativos, apoiando o trabalho do professor e contribuindo para a melhora de aprendizagem de todas as crianças.



Ainda no ano de 2014, cinco países da América Latina – México, Colômbia, Peru, Chile e Argentina – uniram-se à rede de Comunidades de Aprendizagem e têm transformado escolas e incluído Atuações Educativas de Êxito em sua rotina.

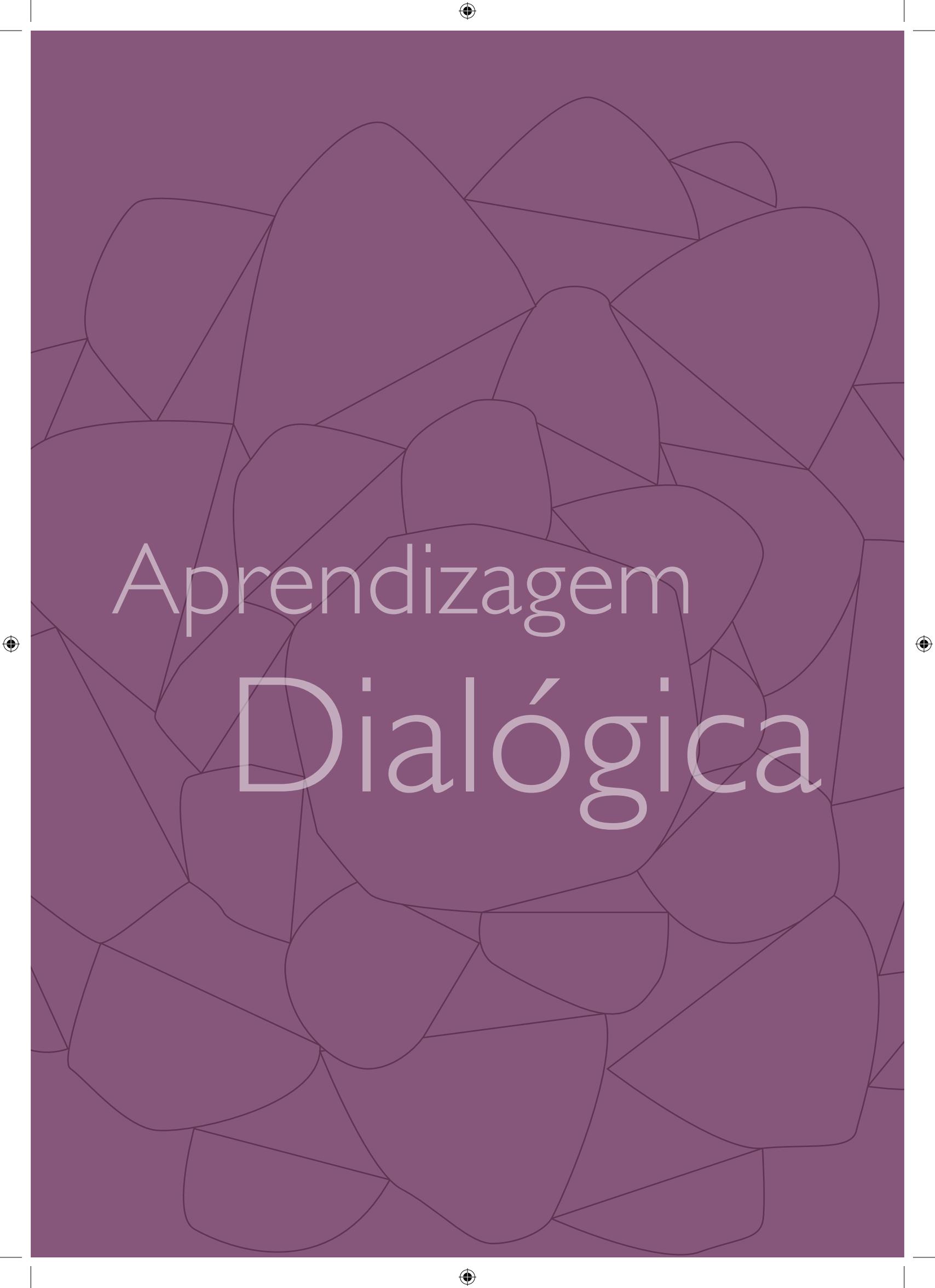
Ideias para guardar

Comunidade de Aprendizagem

Uma escola que transforma seu ambiente e seu entorno, embasa sua filosofia na perspectiva dialógica da aprendizagem e implementa as Atuações Educativas de Êxito comprovadas cientificamente, garantindo assim os melhores resultados em qualquer que seja o contexto social que esteja inserida.



A escola que é Comunidade de Aprendizagem não precisa realizar todas as Atuações Educativas de Êxito, mas quanto mais delas fizer e ao mesmo tempo, melhores e mais rápidos serão os resultados.



Aprendizagem
Dialógica

A close-up photograph of two young women with dark, curly hair. They are looking down and to the left, appearing to be engaged in a shared activity or conversation. The woman on the left has her hair styled in loose curls, while the woman on the right has her hair pulled back with a black bow. The background is slightly blurred, showing what appears to be a classroom or school setting.

o que é?

Concepção de aprendizagem fundamentada na premissa de que a interação e o diálogo são ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos.

Na sociedade atual, a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que os estudantes estabelecem na escola com todas as pessoas de seu entorno, bem como na vivência em múltiplos espaços a que têm acesso.



Olá, Leitor!

Este capítulo apresenta o enfoque da Aprendizagem Dialógica, fundamento teórico de uma Comunidade de Aprendizagem. Com ele você poderá conhecer um pouco mais sobre a concepção de aprendizagem que está por trás deste projeto e os princípios que a sustentam.

Iniciamos nossa conversa pelas principais mudanças que ocorreram na sociedade nos últimos tempos, que culminaram na transformação da sociedade predominantemente industrial em Sociedade da Informação e as demandas advindas desse novo enfoque da sociedade. Focaremos a concepção comunicativa da aprendizagem na qual está inserida a Aprendizagem Dialógica, caracterizada pela importância de todas as interações que cada estudante estabelece com as demais pessoas que fazem parte de seu cotidiano, não só com os educadores. Destacamos nessa seção as principais teorias e autores que fundamentam a concepção comunicativa e a Aprendizagem Dialógica. Finalmente, abordamos o desenvolvimento dessa teoria na prática, na forma de sete princípios que permeiam transversalmente o trabalho dos educadores: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

Os princípios descritos aqui são aqueles que demonstram na prática a concepção da Aprendizagem Dialógica e, portanto, estão presentes em todas as Atuações Educativas de Êxito.

Sociedade da Informação

Ao longo da história, as concepções sobre como se aprende evoluíram, estando sempre vinculadas ao contexto social no qual surgiram e foram colocadas em prática.

As mudanças decorrentes da passagem da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação, promovendo acesso rápido e econômico a novas fontes de informação, transformaram o modo como as pessoas aprendem e influenciaram instituições em diferentes âmbitos da sociedade.

Apesar do grande esforço da escola para acompanhar as mudanças ocorridas, continuam fazendo parte da rotina escolar de muitos estudantes concepções de aprendizagem que não respondem às necessidades da Sociedade da Informação.

A seguir, de modo sintético, abordamos as principais mudanças ocorridas na sociedade atual e como elas modificaram o acesso e o vínculo das pessoas com o conhecimento. Em seguida, nos aprofundaremos sobre o conceito e os princípios da Aprendizagem Dialógica, concepção que vem ao encontro à demanda da sociedade atual.

MUDANÇAS NA SOCIEDADE

Muitas mudanças ocorreram com a entrada na Sociedade da Informação. É possível notá-las no que diz respeito às profissões, as brincadeiras, a escola, a família, as relações entre as pessoas, o acesso às informações, entre outros. Está tudo diferente! Segundo Castells (2011), no final da década de 70, a partir do advento da internet, o tipo de organização da sociedade, até então centrado na ideia de indústria e cidade, passa a girar em torno da informação, seu acesso rápido e a possibilidade de transformá-lo em conhecimento. Quando a informação começa a circular em tempo real, o conhecimento científico ganha uma importância que nunca tivera antes. Isso muda completamente a relação entre os indivíduos e a produção do conhecimento ganha uma velocidade vertiginosa, motivada pela demanda e pelas respostas rápidas e eficazes, somente possíveis pelo fato de o mundo inteiro estar conectado.

Segundo Mello (2015), essa nova forma de sociedade alterou a relação mundial econômica, fortalecendo os setores de serviços e financeiros, colocando um novo contexto de trabalho. A demanda passou a ser por um tipo de trabalhador capaz de lidar com informação e conhecimento com rapidez, que busca soluções e respostas para o que ele ainda não sabe e através do trabalho conjunto, coletivo. Muito diferente da demanda da Sociedade Industrial, quando havia a necessidade do profissional se isolar para realizar bem o trabalho, não

O início da Sociedade da Informação pode ser marcado em 1973, quando acontece a crise do petróleo e o esgotamento das fontes de produção industrial, e se inicia uma revolução tecnológica global. O fator-chave para o sucesso de instituições, empresas, países e pessoas, no âmbito individual, situa-se na capacidade de acessar, selecionar e processar informações diversas que estão ao alcance de todos. O que produz valor e crescimento é a geração de um novo conhecimento a partir do processamento de informações. Assim, os recursos intelectuais substituem os recursos materiais como fatores determinantes.

falar muito com outras pessoas, não interferir; hoje é fundamental saber conviver, compartilhar e, por isso, também saber lidar e solucionar conflitos e problemas. Mas como mudança social, isso não se limita ao trabalho. Da mesma forma que a sociedade industrial se estruturou em torno das cidades e modificou a estrutura das relações entre os sujeitos e entre as famílias, a Sociedade da Informação também gera mudanças amplas, inclusive na escola.

Apesar dos avanços e da crescente ampliação do acesso à informação, Castells (2011) afirma que corremos um grande risco de causar um fenômeno de exclusão social muito maior do que o que já foi produzido até agora, visto que o acesso à informação está disponível para determinadas esferas da sociedade e para outras não. Assim, se queremos favorecer ações que promovam diretamente a superação da desigualdade social, os instrumentos de que temos que lançar mão são o domínio da escrita e da leitura, o aprendizado de línguas, o manejo das tecnologias da Informação e da Comunicação, a competência para a pesquisa, o desenvolvimento da habilidade para a convivência e a capacidade de usar o diálogo como ferramenta na busca por soluções coletivas.

GIRO DIALÓGICO

Entre as mudanças ocorridas na sociedade, o Giro Dialógico (Flecha, Gómez & Puigvert) é um processo social que alterou as relações pessoais, seja nas famílias, na escola, no trabalho ou qualquer outro grupo social. Na atualidade é raríssimo encontrar pessoas, independentemente de sua faixa etária ou classe social, que aceitem atender a orientações e ordens sem questionar, sem compreender o que está sendo pedido, sem perguntar quais os motivos pelos quais deverá ser realizado daquela maneira e não de outra, sem oferecer sugestões de como lograr resultado agindo de outra forma.

CRISE DE AUTORIDADES

Com a intensificação da produção de conhecimento e comunicação em tempo real, as hierarquias já não estão preestabelecidas. No contexto atual a autoridade vem depois da relação, de forma que uma pessoa é considerada autoridade se ela nos diz coisas importantes que efetivamente nos ajudam e fazem sentido. A autoridade do professor, antes incontestável, hoje é definida pelas boas relações que estabelece com seus estudantes, relações estas pautadas em ações que tenham sentido para estes e que causem impacto positivo em suas vidas. Isso leva a uma importante mudança no reconhecimento das autoridades tradicionais (pai, professor, policial, advogado), já que a pessoa não é mais respeitada pelo papel que ocupa, mas pelo que diz e faz.

SOCIEDADE REFLEXIVA

Uma consequência importante desse processo social é a intensificação do direito a escolha de sua trajetória de vida e a reivindicação pelo direito à diferença. Estes dois aspectos geram um contexto complexo que tange diretamente o papel da escola e também o complexifica, por ser uma instituição que integra este mundo e não está isolada

dele. A escola lida com relações mais permanentes, o que demanda também acordos constantes para o convívio e para a aprendizagem, sendo assim, é um espaço privilegiado para potencializar a aquisição dos instrumentos para que as pessoas façam suas escolhas. A escola também é um dos primeiros espaços onde os estudantes e toda a comunidade vivenciam de forma mais direta o multiculturalismo e o transculturalismo, fenômenos dessa nova sociedade, que oferecem mais risco de conflito, mas, igualmente, grande oportunidade de se converter em fonte de aprendizado e desenvolvimento para todas as pessoas, por meio do diálogo e da interação. A Aprendizagem Dialógica vem justamente atender a essa demanda.

CONCEPÇÃO COMUNICATIVA: APRENDIZAGEM DIALÓGICA

Para a concepção comunicativa, situada no contexto sócio-histórico da Sociedade da Informação, mais importante que o acúmulo de informações é a maneira como estas são processadas e incorporadas pelo sujeito. Esse enfoque reconhece as contribuições das concepções anteriores, mas introduz a ideia central da interação. Se faz necessário que as escolas abandonem o modelo de escola tradicional, próprio da sociedade industrial, e busquem maneiras de ensinar baseadas no diálogo e na participação de todas as pessoas da comunidade escolar: pais, mães, familiares, pessoas do entorno e outros agentes do contexto educativo.

Na concepção comunicativa, a realidade é entendida como uma construção social humana na qual os significados são construídos nas interações entre as pessoas e nos consensos que estabelecem.

Papel do estudante: atrelado ao seu potencial para interagir com diferentes pessoas e aprender com elas, não só na escola ou nos espaços designados para a aprendizagem, mas em todos os espaços de sua vida.

Ensino: baseado no diálogo que busca a melhor aprendizagem para todos, ou seja, que todos os estudantes cheguem aos mesmos e melhores resultados. O desenho do currículo não está vinculado ao que os estudantes sabem ou não sabem, mas aponta para os resultados que se quer alcançar para todos.

Papel do professor: agente educativo que deve conduzir a aprendizagem propondo o maior número possível de situações de interação, que visam conseguir os melhores resultados para todos. Transforma o contexto favorecendo a máxima aprendizagem para todos e não adapta o currículo e o ensino diminuindo expectativas para os que apresentam maior dificuldade.

Nesse sentido, a aprendizagem acontece nas interações entre os próprios estudantes e entre professores, familiares e outros agentes do contexto educativo. Dessa forma, os processos de ensino e aprendizagem são ampliados enormemente, já que se multiplicam as interações e também os contextos de aprendizagem.

É também papel dos educadores (professores e gestores escolares) estabelecer relações com o entorno em que o estudante está inserido, intervindo educativamente em todos os contextos, fomentando as interconexões entre eles e promovendo a participação da comunidade não só nos espaços de gestão e organização da escola, mas também nas situações de aprendizagem. A inclusão de pessoas da comunidade como agentes educativos nas escolas é uma das atuações que mais êxito vem gerando aos estudantes (Yeste, Lastika & Caballero, 2013).

Papel da Gestão: tem um papel fundamental na abertura dos espaços de participação da comunidade na escola e na construção de processos de tomada de decisão compartilhados. Deve também promover o diálogo igualitário cuidando para fomentar e articular as Comissões Mistas e demais formas de participação.

Neste sentido não é suficiente apenas propor um espaço de fala, voz e ação para uma comunidade pouco ou nada habituada a tê-lo, mas a gestão precisa sustentá-lo durante algum tempo ainda que esteja silencioso e ser paciente com sua ocupação gradual, favorecendo permanentemente novos espaços para que, pouco a pouco, a comunidade possa povoá-los.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

A concepção comunicativa da aprendizagem é elaborada a partir de bases interdisciplinares e corroborada por contribuições de autores relevantes nas áreas da Educação, da Psicologia e da Sociologia (em destaque nos quadros).

Segundo este autor, toda aprendizagem acontece em um primeiro momento no plano social (intersubjetivo) e, posteriormente, é apropriada pelo sujeito no plano individual (intrasubjetivo). De forma que tudo aquilo que incorporamos como aprendizagem, vem sempre precedido de uma interação, até que passa a fazer parte do sujeito.

Nesse sentido, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal torna-se extremamente relevante. Trata-se da distância existente entre o desenvolvimento real (ponto em que se encontra o estudante) e o desenvolvimento potencial (ponto a que o estudante pode chegar com a colaboração de colegas mais capazes ou a ajuda de uma pessoa adulta), e é a interação que contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes. Ao mencionar a ajuda de um adulto, Vygotsky nunca especificou que este devia ser o professor. Portanto, é preciso considerar que a pessoa adulta pode ser qualquer uma daquelas com as quais os estudantes interagem: um familiar, um morador do bairro, um voluntário da universidade, etc. Para esse autor, o processo de ensino e aprendizagem não acontece independentemente do entorno sociocultural em que os estudantes estão inseridos, já que eles constroem o conhecimento na interação com todos os elementos culturais de seu entorno. O desenvolvimento vem sempre impulsionado pela aprendizagem e pelas interações estabelecidas.

A Aprendizagem Dialógica prioriza as interações com maior presença de diálogos, entre pessoas o mais diversas possível, buscando o entendimento de todos e valorizando as intervenções em função da validade dos argumentos. Difere das interações de poder, nas quais predominam relações de poder e o peso da estrutura social desigual. (Aubert *et al.*, 2008; Searle & Soler, 2004).

LEV VYGOTSKY

A Formação Social da Mente.
São Paulo: Martins Fontes.

Pensamento e Linguagem.
São Paulo: Martins Fontes.

JEROME BRUNER

A Cultura da Educação.
São Paulo: Artmed.

Atos de Significação.
São Paulo: Artmed.

É relevante apontar que Jerome Bruner, autor de referência internacional da Psicologia Educativa, tem pesquisado ao longo de sua trajetória acadêmica desde posturas teóricas mais cognitivistas a teorias cada vez mais dialógicas. Para o autor, a interação é um elemento principal da aprendizagem (Bruner, 1995), e os contextos interativos têm uma importância-chave para a aprendizagem. Bruner (2000) propõe converter as aulas em subcomunidades de aprendizes mútuos, onde o professor não tem o monopólio do processo de aprendizagem – seu papel é potencializar que os estudantes se ajudem mutuamente. Isso implica a transformação dos espaços educativos em espaços de interação e diálogo entre estudantes. Bruner sugere, ainda, que se organizem fóruns nas escolas, nos quais os estudantes possam expressar suas ideias e debatê-las, por meio do diálogo, com os demais.

GORDON WELLS

Indagación Dialógica.
Barcelona: Paidós.

Gordon Wells também argumenta que o entorno escolar tem que ser de ação e interação colaborativa (Wells, 2001). Para isso, o professor precisa mudar seu papel tradicional de transmissor de conhecimento e passar a colaborar, dialogicamente, com os estudantes e pessoas da comunidade. Ele propõe o que chama de indagação dialógica, na qual os estudantes levantam uma pergunta a respeito de um assunto que queiram aprofundar. Os espaços escolares são organizados para ajudá-los a encontrar respostas, disponibilizando-se todos os recursos do entorno. A indagação é uma estratégia para estimular nos estudantes a predisposição a se interessar pelas coisas, a levantar perguntas e a tentar compreender o mundo a partir da colaboração mútua na busca de respostas (Wells, 2001). Trata-se de um enfoque educativo que reconhece a relação dialética que acontece através da interação comunicativa do indivíduo com o entorno.

PAULO FREIRE

À Sombra desta Mangueira.
São Paulo: Olho D'Água.

Pedagogia da Autonomia.
Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pedagogia do Oprimido.
Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Considerado o autor mais importante da educação do século XX, desenvolveu em sua obra de 1970, *Pedagogia do Oprimido* (2003), a ideia da ação dialógica, na qual o diálogo é o processo básico para a aprendizagem e a transformação da realidade. Esse diálogo freiriano não tem um formato metodológico específico; consiste na construção de uma atitude de diálogo, que fomenta a curiosidade epistemológica e a recriação da cultura (Freire, 1997). Para Freire, a necessidade de diálogo faz parte da natureza humana; é um fator central na vida das pessoas na medida em que, por meio dele, nos criamos e reciamos. Para promover nos estudantes uma aprendizagem libertadora, criadora de cultura e crítica em relação ao mundo, os educadores têm que proporcionar um ambiente de diálogo, no qual se propõem perguntas e se buscam respostas a partir da interação entre as pessoas e com o mundo (Freire, 1997).

JÜRGEN HABERMAS

Teoria do Agir Comunicativo.
São Paulo: Martins Fontes.

Criador da Teoria da Ação Comunicativa, Habermas explica que a subjetividade provém da intersubjetividade. O autor defende a ideia de que o pensamento e a consciência de uma pessoa são fruto das interações sociais que ela estabelece com os outros. A subjetividade se constitui como produto de um processo de interiorização das relações sociais que acontecem no mundo externo. O pensamento subjetivo está intimamente relacionado com o pensamento social, intersubjetivo, e se produz nas múltiplas relações que temos com pessoas diferentes, nos inúmeros contextos de que participamos ao longo da vida (*apud* Aubert *et al.*, 2008).

Como a Aprendizagem Dialógica acontece na prática?

Como já foi apontado, a Aprendizagem Dialógica se situa em um referencial teórico que conta com a contribuição de diferentes áreas (Psicologia, Sociologia, Pedagógica, etc.) e enfatiza o papel da intersubjetividade, das interações e do diálogo como promotores de aprendizagem. A partir de agora, serão apresentados cada um dos princípios, seus fundamentos e um exemplo prático.

DIÁLOGO IGUALITÁRIO

O que é O diálogo igualitário acontece sempre que se consideram as contribuições de todas as pessoas que participam dele. Todos devem ter a mesma oportunidade de falar e de ser escutado, sendo que a força está na qualidade dos argumentos, no sentido do que se defende, e não na posição hierárquica de quem está falando. Isso quer dizer que todas as contribuições são válidas, independentemente de quem fala e de sua função, origem social, idade, sexo, etc.

Base teórica Existem dois grandes pensadores que embasam esse conceito: Freire e Habermas.

Segundo Freire (1997), o diálogo igualitário contribui para a democratização da organização da escola ao permitir a participação de todos os membros da comunidade escolar em igualdade de condições. Essa natureza de diálogo envolve todos que aprendem e que ensinam (pais, familiares, voluntariado, professores, outros profissionais, estudantes), já que todos influenciam a aprendizagem de todos. O diálogo é um processo interativo mediado pela linguagem e, para ser de fato dialógico, precisa acontecer de maneira horizontal. Para Freire, o diálogo é condição para a construção de conhecimento, convida a uma postura crítica e envolve uma preocupação em conhecer o pensamento de cada ator que participa da situação interativa.

Em sua teoria da ação comunicativa, Habermas (2001) defende que todas as pessoas têm capacidade de linguagem e ação para iniciar uma relação interpessoal. Ele situa as relações humanas em dois polos: relações dialógicas e relações de poder. No primeiro caso, o entendimento entre as pessoas é possível; no segundo, não. No entanto, Habermas reconhece que não existem interações totalmente dialógicas, porque sempre se produzem relações de poder devido às desigualdades existentes na estrutura social mais ampla. Por isso, é importante ter consciência dessas desigualdades e buscar as condições mais adequadas para reduzir ao mínimo suas influências nas interações

O diálogo a que se refere a Aprendizagem Dialógica e que serve para aumentar os níveis de aprendizagem de todos os estudantes é aquele que valoriza a qualidade dos argumentos e é respeitoso com todas as pessoas, por mais diferentes que sejam quanto ao nível socioeconômico, ao gênero, à cultura, ao grau de instrução e à idade. Dialogar é chegar a acordos, não impor uma opinião.

que acontecem dentro da comunidade escolar, especialmente entre professores e familiares. É importante entender que o lugar social de professor ou de diretor já confere uma posição e uma garantia de escuta do grupo, por isso é necessário respeitar o espaço de silêncio quando as pessoas ainda não se sentem confiantes para falar, possibilitando que aos poucos possam ocupar o lugar da fala.

EXEMPLO DA PRÁTICA

Quando a diretora Letícia organizou a primeira reunião para convidar a comunidade a participar das Atuações Educativas de Êxito houve mais silêncio que diálogo: “o primeiro chamamento de voluntários resultou em zero de interesse”, afirma ela.

No entanto a perspectiva de compartilhar as questões e desafios da escola com a comunidade, motivou a diretora a buscar alternativas diante desse silêncio inicial.

Notou, por exemplo, que o acolhimento, oferecer um café bem cuidado, faz a diferença e aos poucos os voluntários foram chegando.

Letícia aprendeu a ser dialógica a partir deste exercício que se manifesta no ouvir, observar, fazer perguntas e estar aberta a receber as respostas.

Uma mãe voluntária nos Grupos Interativos, relatou: “A persistência da diretora em convidar, valeu. Ela pergunta sempre: o que você quer fazer? Quando e como pode fazer? E a escola oferece esse espaço.”

“Todos têm suas ocupações e a escola deve estar aberta a participação de acordo com as possibilidades”, diz a diretora.

Hoje são muitas as contribuições das famílias e a escola pode contar com uma rede de solidariedade e apoio com mais de 20 voluntários.

EMEF Anna Queiroz - Tremembé/SP.

INTELIGÊNCIA CULTURAL

O que é Todas as pessoas são sujeitos capazes de ação e reflexão e possuem uma inteligência relacionada à cultura de seu contexto particular. A inteligência cultural não apenas considera o saber acadêmico, mas também a prática e a comunicação para se chegar a acordos e consensos cognitivos, éticos, estéticos e afetivos. Todas as pessoas devem encontrar condições e meios para expressar sua inteligência cultural em condições de igualdade.

Base teórica O conceito de inteligência cultural vai além do de inteligência acadêmica e engloba a pluralidade das dimensões da interação humana: a inteligência acadêmica, a inteligência prática, assim como a inteligência comunicativa (Flecha, 1997). As habilidades práticas são aquelas que se aplicam para resolver uma situação concreta na vida cotidiana, incluindo as que se aprendem observando os outros, as que se adquirem através da própria ação. As habilidades comunicativas são aquelas usadas nos atos comunicativos para resolver problemas que, em um primeiro momento, uma pessoa não seria capaz de resolver sozinha.

Segundo Habermas e Chomsky, dois dos principais autores que contribuem para a construção desse princípio, todas as pessoas possuem habilidades comunicativas inatas, sendo capazes de produzir linguagem e gerar ações no meio em que vivem. Vygotsky (1995, 1996) também tratou do conceito de inteligência prática ao dizer que as crianças aprendem fazendo. Scribner (1988), seguindo o pensamento de Vygotsky, demonstrou que as pessoas adultas realizam em suas atividades diárias operações cognitivas equivalentes às desenvolvidas pelas crianças. A concepção de inteligência cultural reconhece todas essas contribuições e valida a ideia de que todas as pessoas, de qualquer idade, nível educativo, social, econômico e cultural, têm capacidade de linguagem e ação e podem se desenvolver através de suas interações. Por meio do diálogo, criamos e transformamos significados, aprendemos comunicativamente.

O reconhecimento da inteligência cultural permite superar enfoques centrados nos déficits. Implica valorizar tanto os estudantes como suas famílias, especialmente as que não têm formação acadêmica, e têm capacidades que podem ser reconhecidas e estimuladas no contexto escolar para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem. A diversidade de pessoas que participam de todos os espaços da escola permite que os estudantes se aproximem de outras formas de ver o mundo, enriquecendo e potencializando seu desenvolvimento.

EXEMPLO DA PRÁTICA

Foi através da cunhada, Jamile, que Érica soube das reuniões da Comissão Mista. “Vamos lá, a escola precisa de ajuda, temos que participar!” - dizia Jamile. Érica, então, resolveu participar, sem saber ao certo que papel poderia desempenhar como voluntária. Para sua surpresa, descobriu que a escola tinha o desejo de construir um jardim e uma horta. “Meu marido trabalha com jardinagem e eu tenho conhecimento no assunto também, não sabia que eu poderia contribuir tanto para a realização desse desejo. Ajudar a realizar o sonho de alguém não tem preço, é bonito demais. Eu vim para fazer isso junto com as crianças, mexi na terra com elas, conversava e ensinava sobre o cultivo”, conta Érica emocionada. O contexto particular de Érica permitiu que a transformação ocorresse não só na escola, mas também na sua vida pessoal, quando se viu reconhecida e admirada pelo seu trabalho como voluntária. “Depois que eu comecei a participar passei a entender melhor o trabalho da escola e a confiar mais. Hoje deixo minha filha e fico tranquila. A recompensa é encontrar os estudantes pelo bairro e ouvir: ei tia, a alface já está crescendo! Posso levar um tempero para casa?”.

EMEF Eva Santos - Serra Grande/BA

TRANSFORMAÇÃO

O que é Promover interações transformadoras que possibilitem mudanças nas próprias pessoas e nos contextos em que vivem. A educação não deve restringir-se a uma acomodação à realidade social de cada um, mas atuar como agente transformador dessa realidade.

A Aprendizagem Dialógica acontece por meio da utilização das capacidades comunicativas. Na Sociedade da Informação, o uso das habilidades comunicativas permite que o indivíduo participe mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva da sociedade.

Em Comunidade de Aprendizagem não há adaptação ao contexto e sim transformação – acreditar que a escola é um agente de mudança e não de reprodução, possibilitando assim uma grande conquista social: a superação das desigualdades.

Base teórica A Comunidade de Aprendizagem está voltada para para uma educação transformadora. Quando a escola abre suas portas para a comunidade e esta participa do planejamento e desenvolvimento do projeto educativo e também da intervenção educativa direta (nas aulas), o contexto se transforma e aumentam os resultados de aprendizagem e melhora a convivência entre todos, dentro e fora da escola.

Para Vygotsky, a chave da aprendizagem está nas interações entre as pessoas e delas com o meio, e com a transformação das interações é possível melhorar a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os atores que fazem parte da comunidade educativa. Mead (1973) reforça essa ideia ao analisar as interações interpessoais e perceber que incorporamos atitudes e condutas de outras pessoas por vários motivos: para nos sentir aceitos no grupo, responder às expectativas de pessoas importantes, etc. Na educação, meninos e meninas incorporam a imagem que os professores e outras pessoas influentes em sua aprendizagem têm deles, construindo assim seu autoconceito. Quando as interações são positivas, trabalha-se com altas expectativas em relação aos estudantes e eles alcançam melhores resultados; quando, no entanto, são negativas, podem comprometer toda a trajetória escolar.

Ter altas expectativas em relação aos estudantes faz com que os professores, em vez de adotarem uma visão adaptativa (de ajustar a aprendizagem ao contexto e ao modelo de interação já existente), busquem a transformação do contexto e das interações que nele acontecem para chegar a melhores resultados de aprendizagem para todos os estudantes.

Outro autor relevante nesse princípio é Freire (1997), quando afirma que somos seres de transformação e não de adaptação. Essa transformação é possível através de um processo dialógico igualitário entre pessoas que querem mudar a situação de desigualdade que vivemos. Assim, a aprendizagem entendida como ação transformadora é aquela que transforma as dificuldades em possibilidades.

EXEMPLO DA PRÁTICA

Tremembé é um município situado na região do Vale do Paraíba, cone leste paulista com 44.912 habitantes. Estão ali situados também quatro unidades de Presídios Estaduais.

Nada menos dialógico e mais excludente do que o sistema prisional com o qual convive a cidade e as tantas crianças que estudam nas escolas da rede municipal, muitas delas com suas histórias de vida ligadas ao presídio, com mães, pais ou parentes presos.

Apesar deste contexto, em setembro de 2014, após terem conhecido e estudado os princípios e a base teórica de Comunidades de Aprendizagem, equipe escolar e comunidade de 12 escolas da rede municipal decidiram aderir ao projeto.

Caminhando para o terceiro ano de implantação, o Município transformou todas as unidades da rede, incluindo, em 2015, as Escolas de Educação Infantil. As Tertúlias Dialógicas Literárias foram incluídas como uma disciplina do currículo e os Grupos Interativos estão incorporados à rotina. A participação da comunidade no contexto escolar se dá por meio de muitas Comissões Mistas que realizam encontros regulares executando as demandas sonhadas pelas escolas.

A conquista, fidelização e aprimoramento dos voluntários é um processo contínuo previsto em ações e políticas da Secretaria, assim como formações sistemáticas, amplas e profundas voltadas aos professores e gestão das escolas.

Comunidade de Aprendizagem é uma realidade no Município e só foi possível porque os princípios embaixadores da Aprendizagem Dialógica foram vivenciados e incorporados pelas pessoas, transformando as práticas e sendo finalmente capilarizados pelas Ações Educativas de Êxito.

17 escolas foram transformadas no Município, sendo cinco delas de Educação Infantil.

CRIAÇÃO DE SENTIDO

O que é Significa possibilitar um tipo de aprendizagem que parta da interação e das demandas e necessidades das próprias pessoas. Quando a escola respeita as individualidades dos estudantes, garantindo o seu sucesso na aprendizagem, todos finalmente veem sentido naquilo que estão aprendendo. Fomentar a criação de sentido melhora visivelmente a confiança e o empenho dos estudantes na busca de suas realizações pessoais e coletivas. É função da escola possibilitar a aprendizagem dos conhecimentos socialmente significativos produzidos e acumulados pela humanidade, ajudando os estudantes a reconhecer que estão aprendendo conteúdos importantes. O sentido se cria por meio do diálogo entre todos na busca da superação de dificuldades e não por meio da supervalorização da cultura do estudante em detrimento do conhecimento científico ou pela adequação dos conteúdos e atividades à realidade local.

Para que o êxito acadêmico seja alcançado, no entanto, é preciso que as contribuições e diferenças culturais trazidas pelos estudantes sejam respeitadas e valorizadas convertendo-se em fontes de aprendizado para todos.

Uma escola que fomenta a criação de sentido é aquela onde o diálogo e a interação são as ferramentas de medição que possibilitam que as diferenças coexistam ao mesmo tempo em que todos alcançam os mesmos níveis de excelência acadêmica.

Base teórica Um dos maiores problemas nas escolas atuais é a desmotivação de muitos estudantes, que não encontram sentido para participar das aulas.

Esse problema já foi identificado e debatido por muitos autores. Freire (2003), por exemplo, reconhece que o ensino é distanciado das experiências que os estudantes vivem fora da escola. Eles não veem sentido na organização das aulas, nos conteúdos, nas relações humanas que estabelecem, porque seus saberes, sua cultura, sua forma de se comunicar e se comportar não são levados em conta. De que forma se pode recuperar o sentido da aprendizagem?

Na sociedade de hoje, há cada vez mais possibilidade de escolher como se quer viver; tanto no trabalho como na vida pessoal (Beck, 2008). Essa pluralidade de opções exige uma reflexão maior dos sujeitos, de forma que o diálogo e a reflexão têm sido mais importantes que a autoridade, substituindo as relações de poder por relações dialógicas na tomada de decisões. A individualização também é outro efeito do aumento de opções. A sensação que temos é que nada mais é seguro e dura para a vida toda; só o que permanece são os investimentos que fazemos em nós mesmos. Para que a escola faça sentido aos estudantes é importante que as novas características da sociedade sejam levadas em conta, que o diálogo e a reflexão estejam no centro da aprendizagem.

O sentido se constrói quando as contribuições e diferenças culturais são tratadas de modo igualitário e o estudante sente que a escola valoriza sua própria identidade. Potencializar a aprendizagem instrumental também ajuda na criação de sentido, pois ajuda os estudantes a reconhecer que estão aprendendo conteúdos importantes.

EXEMPLO DA PRÁTICA

Quando conheceu o projeto Comunidade de Aprendizagem, o professor do Ensino Fundamental, Eric Camargo, participou ativamente da Sensibilização e das discussões das Fases de Transformação e das Comissões Mistas: “Me interessei muito pelas Tertúlias, me inscrevi no curso de Ensino a Distância (EAD) e fui o primeiro a realizá-lo aqui em minha escola”. Eric conta que ao desenvolver as Tertúlias Literárias com sua turma de 6º ano, notou uma grande transformação: “Percebi que eu tinha um jeito um pouco distante de lidar com os estudantes, me concentrava no conteúdo que tinha para passar e não muito mais que isso. Com a Tertúlia, estou vendo nascer uma nova relação com esses estudantes, a ponto de eu começar a repensar algumas estratégias nas demais aulas regulares. Estou levando mais em conta os interesses e a opinião deles e o diálogo como ferramenta de aprendizado. Passei a basear mais os conteúdos nas vivências da minha turma e isso fortaleceu muito o meu vínculo com eles, que se mostram mais interessados, mais valorizados e participantes”. O professor iniciou recentemente um diálogo com uma escola no Chile, que está implementando o Comunidade de Aprendizagem. Os estudantes brasileiros e chilenos se comunicam a partir da Tertúlia Dialógica. “Como estamos lendo “Dom Quixote”, talvez esse livro, que é muito importante na cultura de língua espanhola, possa ser o mote da nossa troca de experiências. Estou muito animado com essas ideias que estão surgindo, sinto novos ares na minha escola, novos espaços de diálogo que vão aos poucos melhorando a aprendizagem dos estudantes”.

EMEB Antônio Pinto de Campo | Cajamar | SP

SOLIDARIEDADE

O que é Criação de situações de aprendizagem que privilegiem relações horizontais, de igualdade, equilibradas e justas. Para superar o abandono escolar e a exclusão social é preciso contar com práticas educativas democráticas, das quais todos devem participar. E isso envolve também o entorno da escola. Quando toda a comunidade está envolvida solidariamente num mesmo projeto, fica muito mais fácil transformar as dificuldades em possibilidades, melhorando assim as condições culturais e sociais de todas as pessoas.

Base teórica Todo projeto educativo que pretende ser igualitário tem que estar embasado na solidariedade. Se a Aprendizagem Dialógica pretende a superação das desigualdades sociais, a solidariedade deve ser um de seus elementos principais, educar em valores não é um discurso ou um conteúdo, pratica-se a solidariedade a cada dia nas aulas e na escola. O diálogo que acontece com toda a comunidade educativa, em relações horizontais e em todos os espaços e situações da escola, contribui para interações mais solidárias. O ensino solidário só é possível se os atores envolvidos são pessoas que se relacionam movidas não por interesses pessoais ou corporativos, mas por aquilo que beneficia a educação e cria condições

para que todos os estudantes cheguem aos mesmos resultados. Para Bruner (1996), a Solidariedade, certamente, não exclui a presença de alguém cumprindo o papel de professor. Simplesmente implica que o professor não exerce tal papel como monopólio, que os aprendizes também “se apoiam” uns aos outros.

Esse princípio deve ser vivido pelos estudantes e permear o trabalho deles, como, por exemplo, nos [Grupos Interativos](#)³ e na [Biblioteca Tutorada](#)³.

Ser solidário não significa, simplesmente, querer que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades; mais do que isso, é exigir os mesmos direitos para todos e agir em favor disso quando não acontece.

Na Comunidade de Aprendizagem, as pessoas trabalham conjuntamente na busca do mesmo objetivo: conseguir a melhor educação para todos. O valor da solidariedade implica uma educação igualitária que ofereça as mesmas oportunidades: no lugar da competitividade, entra a colaboração; e no da imposição, o consenso mútuo.

EXEMPLO DA PRÁTICA

Na Escola Dr. Mariano Boedo, em Salta, Argentina, vivencia-se plenamente o princípio da Solidariedade de muitas formas, entre elas, a participação dos voluntários nos Grupos Interativos de Matemática, com o 6º ano, e as Oficinas de Esportes e de Dança Árabe, sonhadas pela comunidade escolar como possibilidade de oferecer aos estudantes atividades no contra turno. Tais oficinas estão sendo realizadas por meio do planejamento da Comissão Mista de Oficinas e, para que esse sonho se consolidasse, contou-se com o trabalho voluntário do professor Ignacio e da professora Florencia, que generosamente ministram as oficinas.

DIMENSÃO INSTRUMENTAL

O que é O acesso ao conhecimento instrumental, advindo da ciência e da escolaridade, é essencial para operar transformações e agir no mundo atual. Quando falamos de dimensão instrumental, nos referimos à aprendizagem daqueles instrumentos fundamentais, como o diálogo e a reflexão, e de conteúdos e habilidades escolares essenciais para a inclusão na sociedade atual, como por exemplo: ler, escrever, fazer contas, interpretar textos, manejar as tecnologias da informação e da comunicação, dominar diferentes idiomas.

Base teórica Com base nas teorias do déficit, durante muito tempo têm-se reforçado práticas escolares que, ao invés de oferecer um currículo instrumental de qualidade, possibilitando aos estudantes o acesso às habilidades mencionadas para superação das desigualdades e inserção na sociedade atual, opta-se um currículo reduzido ou menos exigente para o estudante que vem de um contexto desfavorecido, já que, em geral, tais estudantes apresentam maior dificuldade em aprender.

O que a realidade nos mostra é que os estudantes que moram em bairros desfavorecidos são os que mais precisam de uma boa preparação acadêmica, que enfatize a dimensão instrumental da aprendizagem, para que possam superar a exclusão social e diminuir o risco de permanecerem nessa condição.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Grupos Interativos*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Biblioteca Tutorada*

Diferentes estudos sobre trajetórias escolares de pessoas em risco de exclusão social e que sofrem maiores desigualdades mostram que a escola pela qual passaram foi muito pouco competente no que se refere à dimensão instrumental da aprendizagem.

As Atuações Educativas de Êxito que trabalham a Dimensão Instrumental são: Grupos Interativos, Biblioteca Tutorada, Formação de Familiares, Formação Dialógica Pedagógica e Tertúlias Dialógicas Literárias.

A Aprendizagem Dialógica supera a oposição entre a dimensão humanista e a dimensão instrumental da educação, investindo no currículo da competência e do esforço e utilizando todos os mecanismos necessários para que o conhecimento chegue a todos os estudantes, e especialmente àqueles que mais necessitam.

É importante que todos os estudantes saiam da escola preparados para se inserir na Sociedade da Informação e operar transformações necessárias na sua própria vida e da sua comunidade. Para isso, a dimensão instrumental da aprendizagem é fundamental. A comunidade científica internacional tem destacado a importância do âmbito instrumental da aprendizagem para a superação das desigualdades sociais e educativas (Apple & Beane, 1997; Ladson-Billings, 1995). Devemos nos preocupar com as dimensões humanista e instrumental ao mesmo tempo, reforçando-as mutuamente. Nas Comunidades de Aprendizagem, esse princípio se traduz em potencializar a aprendizagem instrumental, em todos os espaços, a partir do lema: que a aprendizagem que queremos para nossos filhos esteja ao alcance de todos.

Vários autores contribuíram para a fundamentação desse princípio. Para Freire (1997), existe um interesse universal pelo conhecimento, que ele chama de curiosidade epistemológica; todas as pessoas são capazes de falar, ouvir, explicar, compreender, aprender, etc. Wells (2001) fala da atitude de questionar o conhecimento através do diálogo. Vygotsky (1996) diz que todas as pessoas têm a capacidade de utilizar o contexto de forma instrumental, como uma ferramenta para transformar sua própria psicologia e o curso de seu desenvolvimento.

Está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos o direito “de participar dos avanços científicos e de seus benefícios” (artigo 27); e no Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais o direito “de beneficiar-se do avanço da ciência e de suas aplicações” (artigo 15). A escola é uma ferramenta cultural que foi criada com a função de transmitir o conhecimento acumulado por gerações anteriores e favorecer a transformação pessoal e social, garantindo assim, o cumprimento desse direito.

EXEMPLO DA PRÁTICA

Com as Tertúlias Dialógicas Literárias é possível fomentar com frequência a Dimensão Instrumental, seja na motivação para pesquisa de assuntos que os clássicos abordam e sobre os quais o grupo tem pouco conhecimento, seja por novas discussões que surjam em meio à Tertúlia, ou por curiosidade de conhecer mais sobre o autor, outras obras, sua vida, autores ou personalidades citadas no livro, enfim, muitas possibilidades. O Professor Gustavo Costa, do Ginásio Carioca Epiácio Pessoa, enquanto moderava Tertúlias com “O livro das mil e uma noites”, de Mamede Mustafa Jarouche, com uma turma do 9º ano, se viu diante de uma situação interessante para despertar a busca por novos conhecimentos. Depois de alguns capítulos, uma das estudantes pediu a palavra e disse: “Eu ainda não entendi quem é essa ‘aurora’ que aparece todo final de noite, alcança a Sharazad e ela para de falar.” Com a intervenção do moderador, foram relidos alguns trechos onde, de fato, aparecia sempre a mesma frase e vários participantes se inscreveram para explicar o que entendiam que era a tal aurora, inclusive um

deles afirmando categoricamente, que não podia ser nome de pessoa, porque estava escrito com letra minúscula. Até que, para surpresa de todos, confirmaram no dicionário, que era o momento imediatamente anterior ao nascer do sol.

IGUALDADE DE DIFERENÇAS

O que é Para além da igualdade homogeneizadora e da defesa da diversidade que não leva em conta a equidade, a igualdade de diferenças é a igualdade real, na qual todas as pessoas têm o mesmo direito de ser e de viver de forma diferente e, ao mesmo tempo, ser tratadas com respeito e dignidade.

Base teórica Para a fundamentação desse princípio, mais uma vez recorreremos a Paulo Freire. Como destaca o autor (1997), não será possível conceber as diferenças de maneira tolerante e igualitária enquanto estas estiverem associadas à ideia de que uma cultura é superior a outra. No âmbito educativo, nenhuma relação intercultural balizada em crenças racistas, classistas, de gênero ou de orientação sexual melhorará a aprendizagem dos estudantes em relação à convivência; na verdade, terá o efeito contrário, de aumentar os conflitos e o fracasso escolar, especialmente para aqueles vistos como inferiores.



A melhor forma de acabar com os preconceitos racistas na escola é criar nas aulas situações de interação entre pessoas de culturas diferentes, em espaços de diálogo igualitário que promovam a aprendizagem de todos.

Nossas escolas são o reflexo de uma sociedade diversa e plural. O grande desafio é entender que não basta apenas reconhecer as diferenças para ter uma educação igualitária. Para oferecer uma educação melhor, é necessário que todas as pessoas, independentemente de sua origem, cultura, crença, etc, estejam incluídas e que suas vozes sejam levadas em consideração. Portanto, não almejamos a igualdade que homogeneiza a diversidade desigual, mas a que proporciona os mesmos resultados a todos, a despeito das diferenças sociais e culturais.

Guiar-se por objetivos igualitários é a via para alcançar uma educação democrática e maior coesão social.

EXEMPLO DA PRÁTICA

Vera Golbi é mãe e voluntária, na Escola de Educação Infantil Ana Henriqueta Clark Marim, São Bernardo do Campo, São Paulo. Participa da Comissão Mista e está se preparando para ser moderadora de Tertúlias Literárias com a comunidade. Para isso, fez o Curso a Distância de Tertúlia Dialógica Literária e participou da oficina sobre essa mesma Atuação de Êxito oferecida no Encontro Internacional de Contadores de Histórias, em São Paulo. Numa das Tertúlias vivenciadas durante a oficina, com o conto “As três maçãs”, do “Livro das mil e uma noites”, quando a discussão sobre a submissão da mulher estava em alta, todos se inscrevendo para comentar o quanto era desrespeitosa a servilidade que se espera da mulher, ainda nos dias de hoje, Vera inscreveu-se e na sua fala trouxe uma visão totalmente diferente: “Eu não concordo com o que vocês estão dizendo, que uma mulher servir ao seu marido é motivo de infelicidade. Eu tenho várias tias que a alegria delas é servir à família. Eu mesma, sinto uma alegria muito grande em receber as pessoas na minha casa, preparar e servir o que sei fazer de melhor para elas. Isso me dá prazer.” Sua fala caiu como um divisor de águas que reverteu completamente o rumo da conversa. Outras pessoas, encorajadas por esse ponto de vista, trouxeram exemplos que corroboraram com o que Vera havia dito. Certamente, essa mãe voluntária só teve coragem de colocar uma posição tão contrária às demais pessoas porque sentiu que tinha assegurado o princípio da “igualdade de diferenças”, que seria respeitada em sua fala e, mais, que sua contribuição poderia enriquecer o diálogo entre todos, como de fato aconteceu.

“A Aprendizagem Dialógica acontece nos **diálogos que são igualitários**, em interações em que se reconhece a **inteligência cultural** de todas as pessoas, e está orientada para a **transformação** do grau inicial de conhecimento e do contexto sociocultural, como meio de alcançar o êxito de todos. A Aprendizagem Dialógica acontece em interações que aumentam a **aprendizagem instrumental**, favorecendo a **criação de sentido** pessoal e social, e que são guiadas pelo sentimento de **solidariedade**, em que a **igualdade e a diferença** são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores.”

(Aubert et al., 2008:167)

Ideias para guardar

Princípios da Aprendizagem Dialógica

- 1. Diálogo igualitário:** a força está nos argumentos e não na hierarquia de quem fala. É escutar com respeito e falar com respeito e sinceridade.
- 2. Inteligência cultural:** abrange, além do saber acadêmico, também o prático e o de comunicação. Todas as pessoas têm capacidade de ação e reflexão.
- 3. Transformação:** educação como agente de transformação e não como adaptação à realidade, por meio das interações.
- 4. Criação de sentido:** aprendizagem que parte da interação e das demandas e necessidades das próprias pessoas e possibilita ao estudante interesse real pelos conteúdos ensinados e pela escola.
- 5. Solidariedade:** envolvimento solidário de todas as pessoas da comunidade no projeto educativo da escola.
- 6. Dimensão instrumental:** aprendizagem dos instrumentos fundamentais para a inclusão na sociedade atual.
- 7. Igualdade de diferenças:** todas as pessoas têm o igual direito de ser respeitadas em suas diferenças.





7 Atuações Educativas de Êxito

Neste capítulo você encontrará as informações básicas para conhecer e colocar em prática o trabalho as Atuações Educativas de Êxito.

Iniciamos nossa conversa com uma apresentação mais conceitual, uma justificativa para essa maneira de organizar o trabalho em sala de aula, de onde surgiu e quais ganhos proporciona.

Em seguida, estão descritas orientações (“Como organizar?”) para desenvolver as diferentes propostas de Atuações Educativas de Êxito. Essa descrição está dividida em três momentos:

ANTES: o que é preciso preparar e ter para organizar essa prática.

DURANTE: como atuam o professor, os voluntários e estudantes durante a realização da proposta.

DEPOIS: como é possível aproveitar as observações feitas para atividades e intervenções futuras.

A cada orientação está vinculado um argumento teórico (“Por quê e para quê”) que explicita por que essa é uma maneira de ensinar que facilita a aprendizagem de todos os estudantes, além de apresentar os resultados que se podem alcançar.

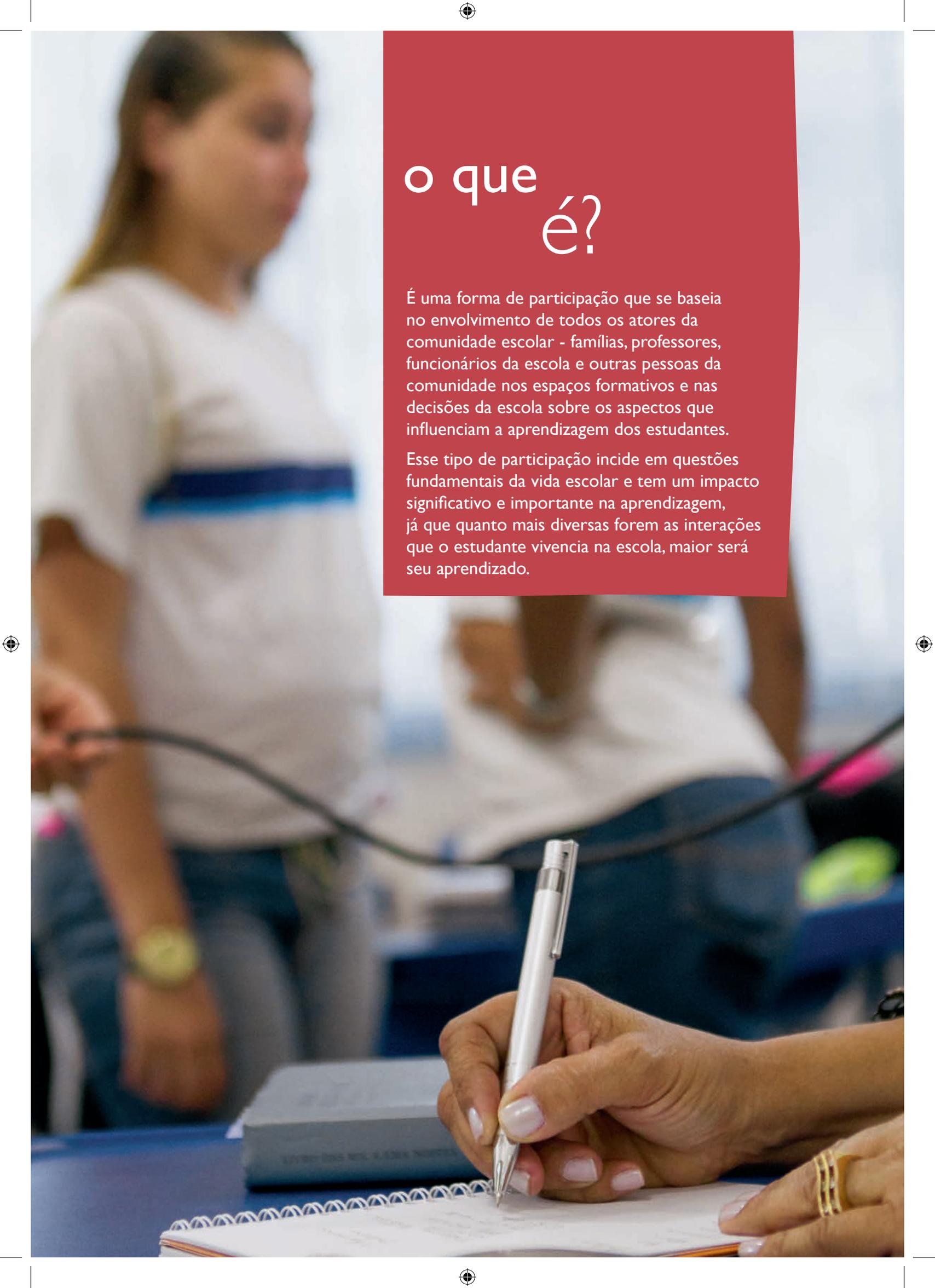
Com a intenção de ilustrar e aprofundar o seu estudo sobre essas práticas, no capítulo Atividades de Estudo, estão descritas sugestões de atividades que podem ser realizadas em momentos de formação continuada para promover discussão, debate e reflexão.

Na Biblioteca do portal Comunidade de Aprendizagem, há também vídeos que exemplificam algumas dessas Atuações Educativas de Êxito.

Outra ferramenta disponível para aprimorar a formação nas diferentes Atuações Educativas de Êxito é o curso de Educação a Distância que está disponível no portal do projeto. Nele você encontrará exercícios, exemplos e vídeos que foram elaborados para dar suporte e segurança àqueles que desejam incluir as Atuações Educativas de Êxito na rotina escolar. O curso é gratuito, dá direito ao certificado de conclusão e pode ser realizado por qualquer pessoa que se cadastrar no portal. Há ainda um fórum para tirar dúvidas e ter acesso aos comentários e perguntas de outras pessoas.



Participação Educativa da Comunidade



o que é?

É uma forma de participação que se baseia no envolvimento de todos os atores da comunidade escolar - famílias, professores, funcionários da escola e outras pessoas da comunidade nos espaços formativos e nas decisões da escola sobre os aspectos que influenciam a aprendizagem dos estudantes.

Esse tipo de participação incide em questões fundamentais da vida escolar e tem um impacto significativo e importante na aprendizagem, já que quanto mais diversas forem as interações que o estudante vivencia na escola, maior será seu aprendizado.



Introdução

Há algumas décadas, numerosas pesquisas internacionais evidenciaram os benefícios da participação das famílias e da comunidade na educação.

A pesquisa INCLUD-ED¹, que analisou estratégias educativas que contribuem para superação das desigualdades e promoção da coesão social, bem como aquelas que geram exclusão social realizada em diversos países da Europa, identificou cinco tipos de participação da comunidade nas escolas: informativa, consultiva, decisória, avaliativa e educativa. No quadro da página a seguir estão listadas as principais características de cada uma.



CONSULTE

I. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NAS ESCOLAS		
PARTICIPAÇÃO INFORMATIVA	<ul style="list-style-type: none"> • As famílias recebem informações sobre as atividades escolares, o funcionamento da escola e as decisões que foram tomadas. • As famílias não participam da tomada de decisões. • As reuniões de pais consistem em informar as famílias sobre essas decisões. 	Menor probabilidade de conseguir êxito escolar e participação das famílias.
PARTICIPAÇÃO CONSULTIVA	<ul style="list-style-type: none"> • A participação das famílias nas decisões da escola é muito limitada; restringe-se apenas a responder a eventuais consultas. • As decisões são centralizadas nos órgãos de direção da escola. 	
PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA	<ul style="list-style-type: none"> • As famílias e outros membros da comunidade participam das atividades de aprendizagem dos estudantes, tanto dentro quanto fora do horário escolar. • As famílias e outros membros da comunidade participam de programas educativos direcionados a eles e oferecidos de acordo com suas necessidades. 	Maior probabilidade de conseguir êxito escolar e participação das famílias.
PARTICIPAÇÃO AVALIATIVA	<ul style="list-style-type: none"> • As famílias e outros membros da comunidade participam do processo de aprendizagem dos estudantes, ajudando a avaliar seu progresso educativo. • As famílias e outros membros da comunidade participam da avaliação geral da escola. • As famílias participam da avaliação de escolhas curriculares. • As famílias contribuem com diferentes pontos de vista sobre a evolução individual dos estudantes e os resultados alcançados pela escola. 	
PARTICIPAÇÃO DECISÓRIA	<ul style="list-style-type: none"> • As famílias e outros membros da comunidade participam do processo de tomada de decisões, tendo uma participação representativa nos órgãos que tomam as decisões. • As famílias e outros membros da comunidade podem falar, expressar suas opiniões, debater e chegar a consensos em relação à educação que todos querem para os estudantes. • As famílias participam da construção de normas e acordos da escola e ajudam a supervisionar sua aplicação. • As famílias e outros membros da comunidade supervisionam a responsabilidade da escola em relação aos resultados educativos. 	

De todas essas formas de participação, as três últimas são as que têm maior impacto no êxito escolar:

As participações decisória, avaliativa e educativa incidem em questões fundamentais da vida escolar e afetam diretamente a aprendizagem e os resultados, uma vez que:

- facilitam a coordenação do discurso entre as famílias, a escola e outros agentes educativos;
- possibilitam a tomada de decisões conjunta para um mesmo fim: melhorar o rendimento escolar dos estudantes e proporcionar aos estudantes a oportunidade de obter êxito acadêmico;
- melhoram a relação entre família, escola e bairro;

- reforçam as relações de solidariedade², cumplicidade e amizade entre a escola e a comunidade, beneficiando tanto os estudantes quanto a comunidade em geral;
- permitem uma relação mais igualitária com as famílias e outros agentes, contribuindo para a superação das desigualdades e a prevenção e resolução de conflitos³ de maneira mais efetiva.



CONSULTE

2. Capítulo *Aprendizagem Dialógica*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos*

Participação	Onde acontece	Como funciona	Porque funciona
PARTICIPAÇÃO AVALIATIVA E DECISÓRIA	Comissões mistas	São organizados grupos compostos por representantes dos diferentes grupos que compõem a comunidade escolar (estudantes, professores, funcionários, familiares) que se encarregam de organizar a implementação das <i>Atuações Educativas de Êxito</i> . Tem ainda o objetivo de converter os sonhos da comunidade em realidade no processo de transformação da escola.	Esta forma de organização assegura a participação dos diferentes atores da comunidade escolar em um diálogo igualitário, independentemente de sua posição. O que vale para chegar a um acordo ou decisão é a qualidade do argumento. A pluralidade de vozes garante ainda soluções mais ágeis e coerentes ao contexto.
	Assembleias	São reuniões amplas em que todos os integrantes da comunidade escolar são chamados a participar. Os objetivos são debater, acordar e decidir de forma democrática, entre toda a comunidade, questões relevantes sobre o funcionamento da escola e validar as decisões tomadas nas comissões mistas.	Assegura que mais pessoas possam opinar e decidir, inclusive familiares que não podem participar de forma sistemática das comissões ou <i>Atuações Educativas de Êxito</i> , garantindo que as decisões sejam validadas por um fórum amplo. Além disso, fomenta a coesão social.
PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA	<i>Atuações Educativas de Êxito:</i> Grupos Interativos, Biblioteca Tutorada e Comissões Mistas	Os familiares e pessoas da comunidade participam voluntariamente de atividades na escola que apoiam a aprendizagem instrumental dos estudantes e melhoram a convivência.	Esse tipo de participação aumenta os recursos humanos disponíveis para a escola sem a necessidade de recursos financeiros e possibilita um aumento nas interações entre estudantes e pessoas da comunidade que favorece a aprendizagem.
	<i>Atuações Educativas de Êxito:</i> Formação de Familiares	A comunidade organiza formações de acordo com suas necessidades instrumentais (ex.: oficinas de informática, alfabetização de adultos ou cursos de idiomas) e a escola apoia cedendo um espaço fora do período de aulas para que essas possam acontecer. Escola e comunidade se mobilizam na busca por voluntários especializados capazes de conduzir as formações.	Pesquisas indicam que os resultados acadêmicos de crianças e adolescentes não dependem tanto do nível de instrução alcançado previamente pelos familiares, mas sim do fato destes também estarem em um processo de formação enquanto seus filhos estão na escola. Isso aumenta o sentido, as expectativas e o compromisso de todos com a educação.



Como organizar Comissões Mistas?

Existem distintas maneiras de organizar Comissões Mistas, uma vez que elas são formadas e desenvolvidas em função da necessidade da escola e da comunidade. As orientações e dicas a seguir buscam apenas destacar alguns princípios importantes para garantir a efetividade das comissões.

Orientações e dicas para organizar e formar Comissões Mistas atuantes

PARA FORMAR AS COMISSÕES MISTAS

ESTABELEÇA PRIORIDADES

Como Tenha em mente as prioridades de trabalho. Só assim é possível identificar que tipo de comissão é preciso formar e quem serão os responsáveis. A seleção de prioridades acontece principalmente na fase de planejamento da transformação da escola.

Um aspecto prioritário é envolver as comissões mistas na organização de voluntários na escola para que as Ações Educativas de Êxito possam acontecer sem sobrecarregar equipe gestora e professores. Por exemplo, uma comissão pode ser criada exclusivamente para organizar os participantes semanais nos grupos interativos, de forma que estes aconteçam sistematicamente.

Exemplos de Comissão Mista:

- Comissão de Voluntários
- Comissão de Aprendizagem
- Comissão de Convivência
- Comissão de Comunicação
- Comissão de Ambientação
- Comissão de Relação com o Entorno
- Comissão de Biblioteca

VALORIZE TODAS AS COMISSÕES

Como Considere que todas as comissões são igualmente importantes para os objetivos da escola.

DÊ AUTONOMIA ÀS COMISSÕES

Como Lembre-se que a gestão da escola se dá por meio das comissões e que estas precisam ter autonomia para tomar decisões. É importante, no entanto, ressaltar que, embora as Comissões Mistas tenham autonomia e capacidade de decidir, as decisões devem ser submetidas à Comissão Gestora e sancionadas pelo Conselho Escolar, que é o organismo escolar legal.

Por quê e para quê Para melhorar o nível de aprendizagem, é preciso transformar a cultura escolar. Essa transformação implica que a escola e a gestão se abram à participação efetiva da comunidade. Isto pode ser concretizado quando a escola implementa sugestões pensadas pela comunidade de uma revisão do currículo, das práticas pedagógicas que possam elevar os níveis de aprendizagem e melhorar as relações das pessoas na escola. Isto promove uma mudança nas relações de poder e na gestão gerando mais solidariedade entre famílias e gestão, que pode ganhar na solução dos desafios do cotidiano escolar.

FORME GRUPOS HETEROGÊNEOS

Como Organize os grupos de cada comissão de forma heterogênea e considere que todos devem participar: estudantes, professores, outros profissionais da escola, membros da comunidade, familiares, etc.

Por quê e para quê É preciso valorizar a diversidade de pessoas como elemento de riqueza cultural, uma vez que todas possuem uma inteligência relacionada a sua cultura – a chamada inteligência cultural² (saber acadêmico, prático e comunicativo). Essa valorização deve sempre ser acompanhada do valor da igualdade na interação entre as diferentes pessoas – a igualdade de diferenças².

PARA O BOM FUNCIONAMENTO

OUÇA A VOZ DA COMUNIDADE

Como Considere o que a comunidade e as famílias têm a dizer e conte com elas na hora de tomar as decisões.

CONSIDERE A DISPONIBILIDADE DOS PARTICIPANTES

Como Seja flexível ao estabelecer os horários das reuniões e assembleias, procurando adequá-los às possibilidades dos familiares e pessoas da comunidade.

Por quê e para quê A participação das famílias e da comunidade nos processos decisórios e avaliativos permite que as escolas assegurem, como prioridade, a educação de qualidade e as altas expectativas. Para que os interessados na melhor educação para os estudantes possam participar desses processos, é preciso garantir seu acesso a eles, realizando as assembleias e reuniões em horários possíveis a todos, ou à maioria.

FAÇA BOM USO DO TEMPO

Como Tome o máximo de decisões instrumentais no menor tempo possível, dando espaço para as argumentações, mas sem perder de vista o tempo de que se dispõe.

A elaboração de uma pauta para cada encontro das comissões pode ajudar no cumprimento da agenda de trabalho, garantindo o alcance das metas e sonhos da escola.

Além disso, sempre inicie as reuniões pontualmente, dentro do horário estabelecido e independentemente do número de pessoas presentes.

Por quê e para quê Para garantir a efetiva participação de todos, é importante que todos tenham a oportunidade de envolver-se nas discussões, mas também que se cumpram os horários de início e término das reuniões, de forma que os familiares e a comunidade possam se organizar e sentir-se respeitados. Para que o objetivo principal, a aprendizagem dos estudantes, seja assegurado, é preciso que o foco das reuniões esteja nas decisões que se relacionam diretamente com esse fim.

O objetivo das Comissões Mistas e das Assembleias é promover propostas e mudanças mediante debates, consensos e diversidade de opiniões. Essas atuações são pautadas no princípio da inteligência cultural², que pressupõe a interação de pessoas de diferentes culturas, através de meios verbais e não verbais (ações comunicativas), com a finalidade de construir entendimentos no âmbito cognitivo, estético e afetivo.

CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem Dialógica

PROMOVA O DIÁLOGO IGUALITÁRIO

Como Estabeleça um clima de confiança e diálogo, utilizando uma linguagem clara e igualitária, sem recorrer a termos técnicos.

GARANTA A PLURALIDADE DE VOZES

Como Evite protagonismos, ou seja, que sempre os mesmos se manifestem.

Por quê e para quê Para que todos tenham a chance de participar e não desistam no meio do processo, é preciso garantir que compreendam claramente o que está em discussão. Para estabelecer um diálogo igualitário², é preciso também que as ideias e contribuições dos atores envolvidos sejam consideradas em função da validade de seus argumentos e não da posição hierárquica.



CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem
Dialógica

COMUNIQUE-SE

Como Utilize todos os canais possíveis: além das tradicionais cartas e telefonemas, converse com os familiares na porta da escola e por meio das associações de bairro ou de outras oportunidades de comunicação que você identifique na comunidade.

Por quê e para quê Para que a comunidade de fato participe e se sinta responsável pela aprendizagem dos estudantes, é preciso que a escola se esforce em comunicar a todos, de maneira efetiva, sua intenção de abrir o espaço escolar para a comunidade.

VALORIZE A PARTICIPAÇÃO

Como Não se queixe do pequeno número de participantes nem “desqualifique” os que não participam. Esse tipo de atuação desmotiva e não promove a interação.

VALORIZE OS ESTUDANTES

Como Quando as famílias são convidadas, é preciso enfatizar os aspectos positivos de seus filhos e filhas para evitar que as intervenções se limitem a queixas ou temas negativos e problemáticos.

ACREDITE NO POTENCIAL DAS FAMÍLIAS

Como Mantenha altas expectativas sobre a capacidade das famílias de participar dos assuntos da escola e de se envolver nas decisões. Elas são imprescindíveis para melhorar a qualidade da atuação escolar.

Por quê e para quê Para superar as desigualdades, a educação precisa atuar como agente transformador e estimular interações entre as pessoas, permitindo que todos participem de forma mais ativa, crítica e reflexiva.

O QUE FAVORECE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E DA COMUNIDADE?

- Criar um clima de confiança e diálogo.
- Adequar os horários das reuniões às possibilidades das famílias e da comunidade.
- Reunir-se com os familiares para ressaltar aspectos positivos de seus filhos e filhas.
- Passar de reuniões informativas para reuniões em que todos tomam decisões: “a voz de todos vale”.
- Compartilhar as decisões sobre conteúdos e as responsabilidades.
- Fomentar que todos participem durante as reuniões e assembleias.
- Estabelecer um diálogo igualitário e evitar a linguagem técnica.
- Valorizar a participação existente.
- Ter altas expectativas quanto à capacidade dos familiares e da comunidade.

Orientações e dicas para o trabalho em Comissões Mistas

QUAIS SÃO AS RESPONSABILIDADES DE UMA COMISSÃO MISTA?

- Executar os sonhos prioritários que foram definidos pela comunidade traçando estratégias e organizando pessoas e recursos para que o trabalho seja bem aproveitado.
- Definir metas e prazos para que os sonhos aconteçam.
- Elaborar registros ao final de cada reunião para manter uma memória do que foi acordado.
- Comunicar a gestão da escola a respeito de cada decisão tomada.
- Agendar reuniões periódicas para avaliar o que está sendo feito e planejar os passos seguintes (quinzenalmente ou mensalmente, de acordo com as necessidades de cada comissão).
- Acompanhar de perto cada coisa que está sendo feita no espaço da escola para garantir que tudo aconteça de acordo com o planejado.
- Respeitar o espaço e os horários da escola durante a execução dos projetos.

Na organização e execução das Atuações Educativas de Êxito uma Comissão Mista deve ser criada exclusivamente para esta finalidade. Abaixo algumas dicas de como essa comissão poderá potencializar seu trabalho:

ANTES DE INICIAR AS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO

- Elaborar e manter uma lista atualizada de pessoas interessadas em atuar como voluntários com informações pessoais e de contato, disponibilidade de horários e dias para o trabalho e em qual Atuação Educativa de Êxito tem interesse de participar.
- Convidar os interessados para a formação de voluntários (utilizar os materiais disponíveis para esta finalidade – caderno Formação de Voluntários e vídeo encartado no caderno).
- Conversar sobre as normas da escola.
- Acordar as responsabilidades do voluntariado em relação aos dias e horários compromissados com as Atuações Educativas de Êxito.

DURANTE A EXECUÇÃO DAS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO NA ESCOLA

- Encaminhar à escola a lista com os horários e nomes dos voluntários com atualizações e checar se os dias e horários atendem às necessidades da escola.
- Avaliar a atuação dos voluntários - assiduidade, responsabilidade, andamento do trabalho.
- Reportar-se à gestão da escola a respeito de mudanças e tomadas de decisão, como, por exemplo, incluir uma nova Atuação Educativa de Êxito na rotina escolar.
- Elaborar estratégias de fidelização do grupo de voluntários, como por exemplo: ações de reconhecimento, encontros, cafés para conversar sobre o trabalho.
- Elaborar estratégias para conquistar mais voluntários.
- Divulgar a atuação dos voluntários na escola através de jornal, mural e comunicados internos.

Ideias para guardar

Participação Educativa da Comunidade

O QUE É

1. Unir esforços para alcançar objetivos comuns.
2. Compartilhar a responsabilidade sobre as decisões que afetam a escola com a comunidade escolar – pais, mães, familiares, funcionários da escola, estudantes e outros membros da comunidade.
3. Ampliar as formas de participação das famílias e da comunidade: pontuais (festas, encontros, etc.), Comissões Mistas e Assembleias, Formação de Familiares, atuação direta na sala de aula (como voluntários nos Grupos Interativos), etc.
4. Escola e comunidade, o que significa buscar as melhores soluções para os desafios da escola com base na qualidade dos argumentos apresentados independentemente da posição hierárquica de quem os apresenta.
5. Respeitar e valorizar a inteligência cultural das famílias e a aprendizagem das crianças e da escola.
6. Nutrir expectativas altas acerca do papel das famílias como motor de transformação do contexto escolar; melhora da convivência e excelência na aprendizagem.

O QUE NÃO É

1. Basear a participação das famílias em uma cultura de queixa: elas não participam, participam sempre os mesmos, etc.
2. Chamar as famílias apenas para dar informações sobre o desempenho ou o comportamento escolar de seus filhos, por ter baixa expectativa da participação dos familiares nas reuniões escolares.
3. Favorecer somente a participação pontual, sem incentivar, por exemplo, a presença dos familiares dentro da sala de aula.
4. Manter relações de poder com as famílias, enfatizando apenas a perspectiva do professor e da escola.
5. Ignorar o valor da contribuição dos familiares, colocando obstáculos a sua participação – por exemplo, marcar reuniões em horários que dificultem sua presença.
6. Nutrir baixas expectativas acerca da participação dos familiares, desconsiderando seu papel no processo de aprendizagem e na transformação do contexto escolar.



Grupos Interativos



o que são?

Uma forma de organização de aula que proporciona os melhores resultados da atualidade quanto à melhora da aprendizagem e da convivência. Por meio deles, as interações se multiplicam, se diversificam e o tempo de trabalho efetivo se expande. Esse tipo de organização inclui todos os estudantes, contando com o apoio de outros voluntários, além do professor responsável pela aula. Nos Grupos Interativos o objetivo é desenvolver, em uma mesma dinâmica, a aceleração da aprendizagem para todos, além de valores e sentimentos como a amizade e a solidariedade. Vale a pena saber mais!

Introdução

Há algum tempo, a comunidade científica internacional¹ identificou qual tipo de organização de aula é mais efetiva para gerar o máximo de aprendizagem para todos. E, por outro lado, quais tipos de organização de aula reproduzem o fracasso escolar e as desigualdades sociais que afetam muitos estudantes.

A pesquisa INCLUD-ED¹, realizada em diversos países da Europa, apontou, dentre as práticas educativas observadas, quais formas de organização dos estudantes na sala de aula têm maior impacto no rendimento educativo. Durante esse estudo, três formas de agrupamento foram identificadas: *Mixture*, *Streaming* e *Inclusion**.



CONSULTE

I. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*

* Mantivemos os termos em inglês usados pela pesquisa INCLUD-ED, mas a partir de agora usaremos a tradução para o português: *Mistos*, *Homogêneos* e *Inclusão*.

MISTOS

IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO ACESSO

A forma mais comum de organizar as aulas em nossas escolas é aquela que acolhe por volta de 30 ou 40 estudantes, com um único professor conduzindo a classe. Nesse tipo de organização, a aula é irregular, uma vez que há estudantes com diferentes níveis de aprendizagem, diferentes dificuldades comportamentais, diversidade de cultura, religião, peculiaridades familiares, etc.

Estudos mostram que esse tipo de agrupamento não permite ao professor atender à diversidade que encontra na sala de aula. O que costuma acontecer é que o estudante que geralmente vai bem consegue acompanhar o ritmo das aulas, enquanto aquele que tem mais dificuldade fica para trás, apresentando falta de atenção e de motivação.

A ideia que costuma justificar esse tipo de agrupamento é a de atender melhor às particularidades de cada estudante e oferecer um ensino mais personalizado. Mas, o que essas atividades fazem, na verdade, é adaptar o currículo a grupos distintos de estudantes, de acordo com seu rendimento dentro de um mesmo centro. (Wößmann & Schütz, 2006)

HOMOGÊNEO

ATENÇÃO À DIVERSIDADE A PARTIR DA DIFERENÇA

Como alternativa ao agrupamento misto, com o objetivo de atender às diferenças e à crescente diversidade, alguns países têm desenvolvido várias formas de agrupamento homogêneo. *Trata-se de uma forma de adaptar o currículo a grupos distintos de estudantes, de acordo com suas capacidades, dentro de um mesmo centro escolar* (European Commission, 2006:19).

Há diferentes tipos de agrupamento homogêneo. São eles:

- Grupos de apoio ou reforço escolar separados do grupo de referência: os estudantes são separados da aula, durante o horário escolar, para receber apoio pedagógico. Esse tipo de agrupamento leva à rotulação dos estudantes e à diminuição do nível de instrução recebida.
- Adaptação curricular individual excludente: o currículo oficial é adaptado ao nível de aprendizagem de cada estudante ou grupo e reduz-se o nível de dificuldade dos conteúdos.
- Opções excludentes: algumas escolas oferecem matérias optativas, mas estas são propostas aos estudantes de acordo com o seu rendimento escolar, o status socioeconômico familiar e as expectativas do professor.
- Agrupamentos por nível de rendimento: dentro da mesma escola, os grupos (turmas) são formados de acordo com o nível de rendimento escolar de cada estudante e o currículo é adaptado a cada um desses grupos.

Essa última forma de agrupamento é a mais habitual e pode acontecer dentro ou fora da aula, em todas ou em algumas matérias, para enfrentar e administrar a diversidade dos estudantes. Nesse sentido, há décadas se tem demonstrado que o trabalho com grupos homogêneos gera fracasso escolar, conforme assinalou Flecha (1990) em seu livro *La Nueva Desigualdad Cultural*.

INCLUSÃO

IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO ACESSO E NOS RESULTADOS

Acabamos de ver situações nas quais os estudantes permanecem todos juntos com um único professor ou são separados por nível de rendimento. Agora, veremos como é possível organizar os estudantes de forma heterogênea por meio de cinco tipos de agrupamentos inclusivos.

- Desdobramentos em grupos heterogêneos: redução da proporção professor/estudante pela divisão do grupo de referência em subgrupos heterogêneos que ficam sob a responsabilidade de diferentes professores.
- Ampliação do tempo de aprendizagem: proporcionar ajuda ou atividades educativas de reforço escolar em períodos extraescolares (férias e contraturno).
- Adaptação individual e inclusiva: adaptar os métodos de ensino para facilitar a aprendizagem de todos sem reduzir os conteúdos curriculares.
- Opções inclusivas: oferecer diversas matérias optativas e respeitar as escolhas dos estudantes independentemente de seu rendimento de aprendizagem.
- Grupos heterogêneos com reorganização de recursos: proporcionar mais apoio às necessidades dos estudantes por meio da redistribuição e reorganização dos recursos humanos e materiais já existentes. A presença de outros voluntários⁵ para mediar as interações possibilita atender às necessidades de todos os estudantes, proporcionando igualdade de oportunidades e de resultados, sem que seja preciso separá-los ou segregá-los.

De todas essas formas de inclusão, a última representa o trabalho com Grupos Interativos. Estes consistem em grupos de 4 ou 5 estudantes, reunidos de maneira heterogênea, que, mediados por um voluntário, devem realizar todas as atividades propostas pelo professor.

Há um rodízio das atividades nos grupos de modo que todos os estudantes realizem todas as atividades. O tempo do rodízio varia de acordo com faixa etária onde os Grupos Interativos estão sendo realizados, recomendando-se de 15 a 20 minutos para estudantes do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos e 5 a 10 minutos para a Educação Infantil.

Essa prática que envolve atividades de apropriação de conteúdos já trabalhados em classe pode ser realizada com qualquer faixa etária e em qualquer matéria (Português, Matemática, Inglês, Ciências, Educação Física, etc.), sempre apresentando bons resultados e aumentando a aprendizagem dos estudantes, além de favorecer a criação de novos laços de amizade.

GRUPOS INTERATIVOS

Forma de agrupamento inclusivo na qual todos os estudantes participam do processo de aprendizagem com a ajuda do professor e de outros recursos materiais e humanos, sem que nenhum deles fique para trás. Assim, os Grupos Interativos trazem os melhores resultados no âmbito da aprendizagem e da convivência.



CONSULTE

5. Capítulos *Voluntários na Escola e Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade*

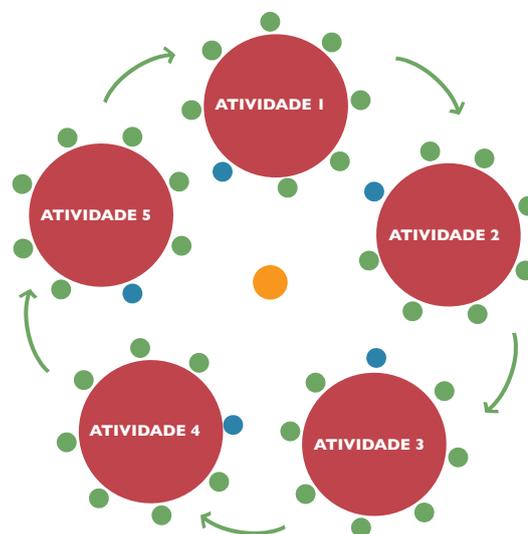
Como organizar Grupos Interativos?

Pode-se mudar a organização dos estudantes para adaptar a proposta ao tempo de aula existente e ao número de estudantes na sala. Um exemplo seria organizar os estudantes em seis grupos e propor somente três atividades; dessa forma, eles se revezariam apenas três vezes e o tempo total passaria a ser de 1 hora e 20 minutos para cada atividade.

Para organizar Grupos Interativos é preciso considerar:

1. Quantos estudantes há na classe, para definir o tamanho e a quantidade dos grupos. O ideal é que os grupos tenham entre quatro a seis estudantes.
2. O tempo total disponível para a realização dessa prática. Por exemplo, para cinco atividades necessita-se 1 hora e 40 minutos de aula (20 minutos para cada atividade).
3. Para a Educação Infantil os tempos devem ser adaptados: cada atividade deverá ter entre cinco e dez minutos e o tempo total da prática deve ficar entre 30 e 40 minutos. As experiências em Educação Infantil mostram também que um número menor de troca entre as atividades é mais produtivo do que mudar muitas vezes, o que pode deixar as crianças agitadas, sendo assim, dois ou três jogos ou atividades são suficientes e garantem a dinâmica da aula.

- 35 estudantes
- 1 professor
- 5 voluntários
- 5 atividades diferentes
- 🕒 (1h40 min de aula)



Orientações e dicas para organizar e formar Grupos Interativos

I. ANTES

DIVISÃO DA TURMA EM GRUPOS HETEROGÊNEOS

Como O professor planeja a divisão da turma em pequenos grupos heterogêneos de estudantes. Essa heterogeneidade se refere ao nível de conhecimento, às habilidades, ao gênero, à cultura, língua, etc. O importante é garantir a maior diversidade e heterogeneidade possível entre os estudantes (de quatro a seis integrantes). O primeiro critério a ser considerado deve ser a competência e o ritmo de aprendizagem, ou seja, assegurar que em todos os grupos haja estudantes com habilidades distintas e diferentes níveis de aprendizagem. Após essa primeira organização, outros critérios devem ser usados.

Na Educação Infantil podem ser considerados outros critérios que garantam a diversidade para além das competências e ritmo de aprendizagem, como, por exemplo, crianças com perfis diferentes - crianças mais quietas agruparem-se com as mais falantes.

Embora na Educação Infantil ainda não se trabalhe com conteúdos instrumentais, este é um momento particularmente importante para o desenvolvimento das crianças, no qual as habilidades cognitivas e interpessoais estão sendo construídas. Neste sentido, os Grupos Interativos são uma potente ferramenta de trabalho para os educadores, possibilitando que a base sobre a qual o conhecimento será construído esteja assentada nos princípios da solidariedade, do diálogo igualitário e do respeito às diferenças.

Por quê e para quê Maior número, diversidade e riqueza de interações facilitam a aprendizagem. Segundo a concepção comunicativa da aprendizagem, construímos o conhecimento através da linguagem e da interação com os outros. Portanto, quanto mais interações, maior aprendizagem. A diversidade de ritmos e capacidades se justifica com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky: as crianças podem avançar mais com a ajuda de um adulto ou de companheiros mais experientes. E, finalmente, a diversidade permite incorporar a inteligência cultural² de todo o grupo.



CONSULTE

**2. Capítulo Aprendizagem
Dialogica**

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Como O professor prepara diferentes propostas (uma para cada grupo) para trabalhar conteúdos que tenham sido previamente ensinados. Não se introduz um conteúdo novo; são atividades de “apropriação” que os estudantes terão de realizar lançando mão de seus saberes, com relativa autonomia. Podem ser as mesmas trabalhadas nas aulas, como as do livro didático, ou novas propostas elaboradas pelo professor:

Por exemplo, para a área de Português, pode-se organizar uma atividade de comunicação oral, uma de ortografia, uma de leitura e uma de produção escrita. Para a área de Matemática, podem ser exercícios de cálculo, geometria, numeração e resolução de problema.

Para crianças pequenas, com idades de até três anos, o professor poderá organizar na sala de aula estações com diferentes brincadeiras. Os voluntários devem ficar posicionados em cada uma delas para interagir com as crianças. Essas, por sua vez, podem circular livremente de acordo com o interesse e permanecer pelo tempo que puderem sustentar a atenção naquela brincadeira. Não é necessário fazer o rodízio de atividades a cada 20 minutos.

Para crianças um pouco maiores, de quatro e cinco anos, os jogos educativos são uma boa alternativa já que favorecem a interação e começam a desenvolver habilidades instrumentais, tais como raciocínio lógico, coordenação motora e concentração. É interessante selecionar jogos que as crianças já tiveram contato e incluir em cada um dos grupos crianças que já compreenderam as regras para que possam ajudar as demais a também jogar com autonomia. Também podem ser indicadas propostas de artes (desenho, pintura, massa de modelar, costura, etc.), atividades de leitura e escrita, realização de pequenos experimentos, etc.

A Educação Infantil é um espaço privilegiado para iniciar com os Grupos Interativos, uma vez que as crianças se desenvolverão aprendendo sobre como buscar soluções conjuntas através do diálogo igualitário e da solidariedade.



Por quê e para quê Para que a educação seja de fato uma ferramenta de transformação social que minimize as desigualdades, é necessário que os grupos mais excluídos, assim como os das classes mais favorecidas, tenham acesso a uma boa preparação acadêmica que enfatize a dimensão instrumental³ da aprendizagem. Aquilo que os estudantes aprendem na escola deve prepará-los para sua inserção na sociedade. Nos Grupos Interativos, solidariedade e conteúdo são colocados em jogo ao mesmo tempo, uma vez que privilegiam a aprendizagem instrumental e são imprescindíveis para romper com a exclusão social, ao mesmo tempo em que a diversidade é utilizada como uma potente ferramenta para melhorar a aprendizagem de todos.

DIVISÃO DE ATIVIDADES ENTRE OS VOLUNTÁRIOS

Como Para os estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos: antes do início da aula, o professor recebe o grupo de voluntários (um para cada grupo), explica o que vão fazer, oferece as opções de atividades para que escolham em qual grupo querem estar e lembra-os de seu papel em classe: facilitar que os estudantes realizem as atividades de maneira solidária.

Para Educação Infantil (crianças de dois a três anos): antes do início da aula o professor senta em círculo com as crianças e voluntários para explicar as atividades (neste caso as estações/cantos de brincadeiras) e ajudar na aproximação entre os adultos e as crianças.

Crianças de quatro a cinco anos: o professor explica aos voluntários o que irão fazer, pede que eles escolham em qual proposta querem estar e lembra-os de seu papel: ajudar as crianças a interagir e ajudarem-se de forma a finalizar a situação proposta.

Por quê e para quê A participação educativa da comunidade³ – nesse caso, por meio dos voluntários – transforma as relações e o contexto de aprendizagem dos estudantes, enriquecendo-o e potencializando-o. Quanto mais diversificado o perfil desses voluntários, maior a aprendizagem. Exerce-se o princípio da igualdade de diferenças³ – em que todas as pessoas têm o direito de ser e de viver de maneira diferente.

2. DURANTE

Nesta etapa do trabalho, os atores envolvidos são o professor, os voluntários e os estudantes. Embora tenham atuações diferentes, os três têm a intenção de facilitar que todos os estudantes alcancem a aprendizagem esperada de forma colaborativa.

PROFESSOR

Como O professor explica ao grupo, de maneira breve e clara, os objetivos de cada uma das atividades que serão trabalhadas na aula. As atividades começam e o professor circula livremente pela classe,



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade*

É interessante que os voluntários recebam o resultado ou respostas das atividades que irão acompanhar nos grupos. Dessa forma, eles poderão apoiar o trabalho dos estudantes e potencializar as interações.



Os voluntários não precisam ter nenhum conhecimento acadêmico prévio. Eles só precisam ter a disponibilidade de participar e acreditar na transformação e melhoria das aprendizagens dos estudantes.

“Eu adorei poder ter contato com pessoas mais velhas, pois sinto que sempre é uma troca. Eles me dão experiências de vida que eu só iria adquirir mais para frente. Por exemplo, a Dona Olívia está agora aprendendo a ler e escrever e, quando fui ajudá-la em um Grupo Interativo, ela me agradeceu e disse o quanto foi importante na vida dela. Descobrimos juntos o significado de superar desafios para alcançar um objetivo maior na vida. Estou me inspirando na força de vontade desses adultos.”

Depoimento do estudante Pedro Marques Moreira de 13 anos que atua como voluntário na Escola Arthur Natalino Deriggi – São Carlos/SP.

oferecendo uma atenção mais personalizada aos estudantes, além de apoiar e reforçar o trabalho dos voluntários.

Na Educação Infantil a função do professor é a de apoiar os voluntários e intervir no caso de algum eventual conflito entre as crianças ou surgir alguma dúvida em relação à atividade proposta. Neste caso não há um resultado correto, mas promover interações de qualidade é o objetivo principal.

Por quê e para quê Todos têm a mesma oportunidade de aprender. Nos Grupos Interativos, não se nivelam por baixo nem os conteúdos, nem as expectativas dos estudantes. O professor acompanha mais de perto os estudantes que, por diversas razões, podem precisar de uma ajuda maior para alcançar os mesmos objetivos. Assegura-se assim a igualdade de oportunidades por meio da igualdade de resultados. Todos os estudantes melhoram seu rendimento nas avaliações internas e externas.

ESTUDANTES

Como Os estudantes que participam dos Grupos Interativos sabem que têm de resolver a atividade entre todos. Assim, há ocasiões em que eles a realizam juntos e outras em que a realizam sozinhos. Quem termina primeiro ajuda os demais. Um explica ao outro, todos incentivados pelo voluntário.

Por quê e para quê Dessa forma, acontece a internalização do aprendizado por meio da linguagem, do diálogo e da interação. Acelera-se a aprendizagem de todos os estudantes. Os que têm mais dificuldades se beneficiam da interação com seus colegas mais experientes e o voluntário. Os que têm maior rendimento fazem um exercício de metacognição: ao terem de verbalizar para compartilhar o processo de resolução, apropriam-se com maior profundidade do conteúdo. Consolidam-se, assim, os conhecimentos adquiridos. Essa dinâmica melhora a autoestima acadêmica de todos os estudantes e a confiança em sua própria capacidade. Ao mesmo tempo, desenvolvem-se atitudes solidárias, que podem resultar em relações de amizade.

Para a Educação Infantil é extremamente benéfico, proporcionando uma convivência mais harmoniosa. É importante que, mesmo entre as crianças pequenas, sejam ensinadas e incentivadas formas pacíficas e solidárias de resolução de conflitos.

VOLUNTÁRIOS

Como O voluntário dos Grupos Interativos dinamiza e potencializa a interação entre iguais. Não ensina, nem explica – só facilita a interação, buscando que os estudantes auxiliem uns aos outros. Suas intervenções podem ser, por exemplo, propor que um estudante ajude outro a terminar sua atividade; estimular que um estudante conte aos demais como fez para resolver determinada questão.

Na Educação Infantil, a função do voluntário é ajudar as crianças a interagir entre si e finalizar as atividades e jogos propostos de forma conjunta e solidária.

Na Educação de Jovens e Adultos, pessoas de faixas etárias diferentes podem contribuir. Há experiências muito positivas em que adolescentes ou jovens que já concluíram o Ensino Médio, participam dos Grupos Interativos auxiliando pessoas mais velhas que estão sendo alfabetizadas. Além do aspecto instrumental, um importante aprendizado intergeracional pode ser construído entre voluntários e estudantes.

Por quê e para quê Assegura-se a participação ativa de todos. Otimiza-se 100% do tempo de trabalho em que o voluntário se encarrega de “ativar” todos os estudantes, incentivando-os a ajudar-se mutuamente. Não há, portanto, tempos “mortos” ou perdidos. Incorpora-se em cada grupo a inteligência cultural³ do voluntário, o que enriquece o processo de aprendizagem do estudante. A própria presença do voluntário aumenta muito a motivação dos estudantes.

RODÍZIO

Como Depois de 20 minutos para estudantes do Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos e, de 5 a 10 minutos para a Educação infantil, os grupos mudam de atividade.. Pode ser o voluntário quem troca de grupo ou os estudantes. A aula só termina quando todos os grupos tiverem passado por todas as atividades. Caso os estudantes não terminem o exercício, o professor decide em que momento dará continuidade.

Por quê e para quê As classes são mais dinâmicas e o tempo de aprendizagem é otimizado. Os estudantes verbalizam que “aprendem quatro vezes mais”, o que é coerente com o melhor aproveitamento do tempo de aprendizagem. Pratica-se a todo momento o diálogo igualitário, em que a força está nos argumentos e não na posição hierárquica de quem fala. Nos Grupos Interativos, todos aprendem a argumentar e a chegar a consensos baseados em argumentos.



CONSULTE

3. Capítulo Aprendizagem
Dialogica



3. DEPOIS

FINALIZAÇÃO

Como Após todos os grupos terem passado por todas as atividades, o professor agradece publicamente aos voluntários pela presença e, quando possível, aproveita para tomar nota das impressões dos voluntários.

Por quê e para quê Valoriza-se a presença do voluntário dentro da aula e incorpora-se o seu critério – sua contribuição é levada em conta na avaliação dos estudantes. Isso é importante para a melhora dos resultados e o planejamento de outras atividades. Essa é uma porta de entrada da comunidade na escola, por meio da participação educativa e avaliativa de que fala o capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Participação Educativa da Comunidade*

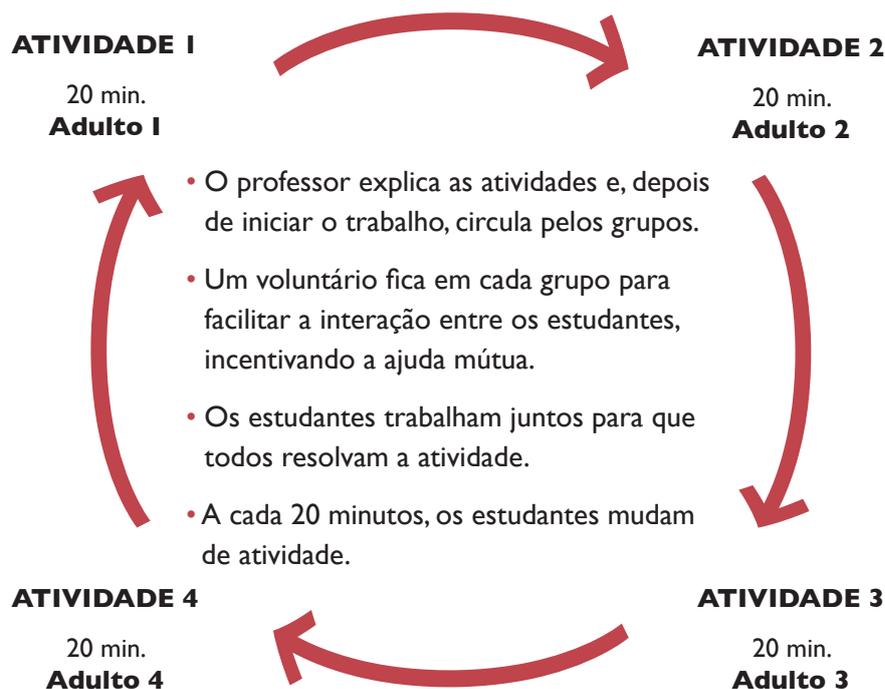


Como organizar Grupos Interativos?

ANTES

- Distribuir os estudantes em pequenos grupos heterogêneos.
- Planejar um número de atividades de acordo com o número de grupos organizados na classe.
- Receber voluntários, apresentá-los e distribuí-los nos grupos.

DURANTE



DEPOIS

- O professor agradece aos voluntários e recebe sua devolutiva.

Ideias para guardar

Grupos Interativos

O QUE SÃO

1. Uma forma de organização de aula.
2. Divisão da classe em pequenos grupos, cada um dos quais contando com a presença de um voluntário. A participação de voluntários para facilitar as interações entre os estudantes promove a aprendizagem mútua e aumenta a motivação, criando um bom clima de trabalho.
3. Grupos nos quais se estabelecem relações entre os estudantes por meio do Diálogo Iguatário.
4. Grupos reunidos de forma heterogênea, tendo como critérios diferentes níveis de aprendizagem, culturas, gêneros, etc.
5. Grupos em que os estudantes, por meio de rodízio, têm a oportunidade de realizar todas as atividades propostas, alcançando, todos, os mesmos resultados. Tanto o professor como os voluntários mantêm altas expectativas em relação aos estudantes.
6. Grupos em que todos os estudantes aprendem, inclusive os que têm mais facilidade, porque ajudar os outros implica um exercício de metacognição que lhes permite consolidar seus conhecimentos ao ponto de serem capazes de explicá-los a outras pessoas.

O QUE NÃO SÃO

1. Uma metodologia.
2. Divisão da classe em pequenos grupos, assistidos apenas pelo professor, em que se reproduzem as interações da aula tradicional.
3. Agrupamentos flexíveis ou atividades diversificadas nas quais os estudantes escolhem qual proposta irão realizar e por quanto tempo.
4. Grupos reunidos de forma homogênea, tendo como critério o rendimento escolar.
5. Grupos em que os estudantes realizam atividades selecionadas de acordo com seu nível de aprendizagem. As expectativas em relação aos estudantes diferem em função dos diferentes níveis de aprendizagem.
6. Grupos cooperativos nos quais a expectativa é de que apenas os estudantes que sabem menos avancem a partir da interação com aqueles que sabem mais.



Tertúlias Dialógicas



o que é?

Encontro de pessoas para dialogar a partir de uma obra clássica, que promove a construção coletiva de significado, além da aproximação com a cultura clássica universal e o conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade. Essas relações igualitárias envolvem a solidariedade, o respeito, a confiança, o apoio, em vez da imposição.

Introdução

ter.tú.lia

sf (cast tertulia) 1 Reunião familiar. 2 Agrupamento de amigos. 3 Assembleia literária. 4 Pequena agremiação literária, menos numerosa que as academias e arcádias. 5 Assembleia.

Retirado de: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tert%FAlia>

A Tertúlia Dialógica é uma prática que consiste em um encontro de pessoas que acontece ao redor de obras clássicas da Literatura, das Artes Visuais, do Cinema, do Teatro, da Música, das Ciências, entre outros. Nesses encontros, os participantes, depois de fazer uma primeira apreciação individual da obra em questão, debatem entre todos, de forma a compartilhar suas impressões e ouvem as dos demais participantes, ampliando assim, sua interpretação.

Inicialmente, a Tertúlia Dialógica foi desenvolvida com a leitura de obras literárias, tendo como pano de fundo a vivência dos sete princípios da Aprendizagem Dialógica. Porém, aos poucos foram sendo implementadas novas formas utilizando clássicos de outras áreas. Atualmente, são realizadas Tertúlias Dialógicas variadas, com diferentes linguagens artísticas e até científicas. Sendo assim, usaremos o termo “leitura” para designar não só a leitura de textos, mas a apreciação de obras Clássicas em geral (leitura de um livro, leitura de uma obra de arte, leitura de um texto científico, leitura de uma música, etc.). Essa forma de ler e interpretar as obras clássicas, proposta nas Tertúlias, é chamada de Leitura Dialógica.

A literatura não vinha da autoridade do professor ou do currículo, mas sim de sentimentos humanos muito intensos. Não era para ser individualmente estudada, e sim coletivamente compartilhada.

(Flecha, 1997:50)



Leitura Dialógica

A concepção de Leitura Dialógica se enquadra nas características principais da sociedade atual na qual existe uma crescente presença do diálogo em todas as esferas sociais: desde o ambiente privado até a política global (Flecha, Gómez & Puigvert, 2001). Por outro lado, sustenta-se na concepção comunicativa da aprendizagem, que a interação e o diálogo estão no centro. Segundo a psicologia sociocultural de Vygotsky (1995), a aprendizagem parte sempre da interação social, de modo que os estudantes atingem níveis mais altos de desenvolvimento através da interação, mediada por uma pessoa adulta. O desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, portanto, dependem da interação social através da qual a cultura, a sociedade e o sujeito se transformam. George Herbert Mead (1934) também desenvolveu a ideia de que internalizamos o que previamente vivenciamos na interação com outras pessoas.

A Tertúlia Literária Dialógica nasceu em 1978, na escola de adultos La Verneda Sant-Martí, de Barcelona. Um grupo de educadores, liderado por Ramón Flecha, implementou essa atividade cultural e educativa que atualmente é difundida pelo mundo todo.

Depois de um tempo de experiência bem sucedida com a Literatura, iniciou-se o trabalho com outras áreas. No Centro Educacional Mario Benedetti, Madrid, realizam-se Tertúlias Literárias, Musicais, Cinematográficas, não só com os estudantes, mas com toda a comunidade.

Segundo Soler (2001), a leitura dialógica é uma forma de compreender uma obra clássica na qual seu conteúdo (seja ele um texto, um quadro, uma música, etc.) são interpretados entre todos, sejam leitores e apreciadores habituais ou não. As primeiras experiências, emoções ou sentidos gerados a partir da leitura ou apreciação da obra passam a ser objeto de diálogo e reflexão conjunta, com foco não só no significado do texto/da obra clássica, mas também nas experiências de cada um. A experiência individual de ler e apreciar torna-se uma experiência intersubjetiva, e a incorporação das diferentes vozes, vivências e culturas gera uma compreensão que ultrapassa aquela a que se pode chegar individualmente. Para Paulo Freire, o aprendizado da leitura não se reduz a um ato mecânico e descontextualizado, mas deve ser uma abertura ao diálogo sobre o mundo e com o mundo (Freire, 1984; Freire & Macedo, 1989).

Nesse sentido, as práticas de leitura dialógica, como as Tertúlias Literárias, as Tertúlias Musicais, as Tertúlias de Artes Visuais, entre outras, aumentam o vocabulário, melhoram a expressão oral e escrita, ampliam a compreensão leitora, o pensamento crítico e a capacidade de argumentação em todos os envolvidos, produzindo importantes transformações na superação de desigualdades.



Conhecendo mais sobre Tertúlias Dialógicas

Existem alguns critérios fundamentais para a realização das Tertúlias Dialógicas.

O **primeiro** deles consiste em escolher obras clássicas universais e que contribuam para a reflexão crítica sobre aspectos centrais da nossa sociedade. Ao se aproximarem das obras clássicas, os grupos sociais, que normalmente não teriam contato com elas, preenchem uma lacuna cultural importante, pois abrem-se as portas para o êxito acadêmico, elevando as expectativas das pessoas sobre elas mesmas e sobre a sua comunidade, transformando o entorno. Além disso, estudo realizado pela Universidade de Liverpool, da Inglaterra, e divulgado em 2013, comprova que obras clássicas estimulam mais o cérebro do que literatura mais simples e que a prosa mais “desafiadora” e a poesia geram muito mais atividade cerebral do que a versão mais simples das mesmas histórias.

Esse critério se justifica também pela maneira como é organizada a atividade, ao oferecer a possibilidade de construir significado entre todos os participantes, possibilita que as pessoas tenham a oportunidade de conhecer obras clássicas, que, sozinhas, teriam mais dificuldade de compreender ou, até mesmo, não se abririam para apreciar.

Por exemplo, lendo *A Metamorfose*, de Kafka, ou *As Aventuras de Oliver Twist*, de Charles Dickens, os estudantes podem discutir sobre temas como as relações com suas famílias, a pobreza, a infância, a justiça, a incompreensão; ou, escutando *Adagio em Sol Menor*, do compositor italiano barroco, Albinoni, podem discutir sobre variados sentimentos e sensações como relaxamento e tensão, leveza e angústia, lembranças de morte e de vida; ou ainda, apreciando a tela *Retirantes*, de Candido Portinari, podem falar da migração de sua família ou de conhecidos, da situação de vida no Nordeste do Brasil, na época em que foi produzida a tela e comparar com a situação atual e até abordar situações semelhantes em outros lugares do mundo.

O **segundo critério** fundamental consiste em favorecer a participação de pessoas sem titulações acadêmicas e com pouquíssima experiência leitora, pois todas as pessoas têm capacidade de ação e reflexão e possuem uma inteligência cultural² associada a seu contexto particular, que abrange o saber acadêmico, a prática e a comunicação. Dessa forma, promove-se um intercâmbio enriquecedor, que estimula a construção de novos sentidos.

O **terceiro critério** é que seja garantida a vivência dos sete princípios da Aprendizagem Dialógica. Uma das formas de garantir isso é a presença de um moderador. Essa pessoa tem como principal função assegurar que todos possam falar e ser respeitados em suas opiniões, criando um espaço de diálogo igualitário², no qual a força esteja nos argumentos e não na posição hierárquica de quem fala. Por meio dessa escuta

 **CONSULTE**
2. Capítulo Aprendizagem
Dialógica



CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem Dialógica

igualitária, é que se acolhe a inteligência cultural² de cada pessoa, permitindo a expressão de todos e garantindo o respeito aos diferentes pontos de vista. A partir desse reconhecimento de cada sujeito como alguém que tem algo a ensinar, é que acontece a autovalorização de cada pessoa e de umas com as outras, promovendo transformação² em cada um que se vê como sujeito capaz de realizar grandes coisas e, por conseguinte, a transformação social, protagonizada por esses sujeitos transformados. Tal transformação, porém, só consegue sua eficácia máxima, quando se garante a dimensão instrumental², acesso de todos aos conteúdos necessários para se desenvolver bem nessa sociedade, entre eles, analisar e selecionar conhecimento, refletir sobre ele e transformá-lo. É esse diálogo que promove a criação de sentido² ao favorecer que os participantes estabeleçam a relação entre a obra, a sua vivência, o que foi dito pelos outros, conectando seus conhecimentos e experiências individuais, com novos conhecimentos que constrói naquele momento. Nesse espaço coletivo de aprendizagem, onde todos aprendem uns com os outros, construindo novos significados para a obra que está sendo discutida, é que se experimenta a solidariedade² como possibilidade real e não como discurso, na vivência plena de que a grande riqueza que se pode experimentar numa Tertúlia Dialógica vem do fato de que todos somos diferentes e podemos ser igualmente respeitados e valorizados², justamente por isso.

Quando se trata de clássicos da Literatura, apesar de não haver uma regra, costuma-se aceitar que romances clássicos devem ter sido escritos antes do século XX.

Alguns traços marcantes também podem nos ajudar a identificá-los:

- **Crítica Social e Política na Literatura Clássica** - A literatura clássica serve para ensinar aos leitores algo a respeito de seu próprio mundo. Um exemplo é o aclamado *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen, que, apesar de não se ater a problemas sociais ou políticos de nível global, aprofunda-se no estudo das expectativas e decoro social da Inglaterra Vitoriana e possibilita entender o que significava ser mulher (e pertencer à sociedade) no século XIX, bem como, discutir o lugar da mulher na sociedade de hoje.

- **Atemporalidade e Universalidade na Literatura Clássica** - Isso significa que apesar de lidar com problemas sociais e/ou políticos do passado, um livro clássico possui um tema geral que continua sendo relevante para o mundo de hoje. A universalidade de um romance é outro fator que ajuda a torná-lo um clássico. Embora todo livro seja escrito em um lugar específico, seu enredo precisa ser significativo em qualquer país, sob influência de qualquer cultura, para ser considerado universal. Um exemplo, é *Anna Karenina* (1877), do russo Leon Tolstoy. *Anna Karenina* explora temas como ciúme, casamento, expectativas sociais e paixão.

•**Uso da Linguagem** - Um livro que não for bem escrito não resistirá ao teste do tempo. Madame Bovary (1856), de Gustave Flaubert, é um exemplo de romance dos mais bem escritos e perfeitamente organizados de todos os tempos.

•**Influência na Literatura Futura** - Romances considerados clássicos têm grande influência na literatura. Qualquer bom escritor deve ter lido, relido e estudado os clássicos antes de embarcar em sua própria jornada literária. Por exemplo, o escritor moçambicano Mia Couto, afirma que sua obra é amplamente influenciada por algumas das obras de Guimarães Rosa; Proust, nascido em 1871, se reconhece influenciado por Balzac, nascido em 1799.

•**Romance Clássico x Clássico Contemporâneo** – É importante, também, distinguir romance clássico e clássico contemporâneo. Em primeiro lugar, para um livro ser considerado um clássico contemporâneo todas as características acima devem ser contempladas. Além disso, é preciso que tenham se passado pelo menos 40 anos de sua publicação.





Como organizar

Tertúlias Dialógicas?

Essa prática pode ser realizada com pessoas de qualquer faixa etária, uma vez que tanto o professor quanto um colega ou parente, pode ler para aqueles que ainda não têm domínio completo da leitura. Favorecer a participação de qualquer pessoa que tenha interesse, independentemente de sua formação acadêmica, e mesmo que sejam pessoas com pouquíssima ou nenhuma experiência leitora, ajuda a promover um intercâmbio enriquecedor, que estimula a construção de novos sentidos.

As Tertúlias Dialógicas podem ser realizadas em diversos ambientes (em clubes, centros comunitários, nas casas das pessoas, escolas, etc.).

Basicamente os passos são:

1. Dar acesso à obra que será motivo da Tertúlia a todos os participantes, orientando-os sobre escolher ao menos uma parte para comentar com o grupo. Isso deve ser feito com alguma antecedência do dia da Tertúlia: semanas, dias ou horas.
2. Organizar o espaço de modo a favorecer o diálogo igualitário, de preferência com todos sentados em círculo.
3. Abrir as inscrições e anotar em ordem os nomes de quem irá fazer algum destaque.
4. Dar início às falas seguindo a ordem das inscrições. A cada destaque feito, abrir inscrições para quem quiser comentar o destaque feito.
5. Encerrados os comentários sobre aquele destaque, passar a palavra à próxima pessoa inscrita e assim por diante, até que todos que queiram tenham se colocado.
6. Ao final, combinar a próxima Tertúlia (quando será, onde, qual será a obra e se for literatura, qual trecho será lido).

Para as **Tertúlias de Artes Visuais Dialógicas**, pode-se oferecer uma cópia da obra que se pretende discutir, para que os participantes analisem em casa e tragam por escrito o que querem destacar e comentar da obra, ou expor a obra por meio de um telão ou algo semelhante, oferecendo um tempo para que todos analisem, escolham seu destaque e tomem nota do que querem comentar. Os debates sobre as pinturas de Frida Kahlo, por exemplo, podem levar à história do México, ao feminismo, à maternidade, à história da pintura, entre outros assuntos.

Já nas **Tertúlias Musicais Dialógicas** é possível perceber que a capacidade comunicativa e expressiva da música é diferente da capacidade comunicativa das palavras. Nas Tertúlias Musicais, os participantes escutam e comentam uma peça de música clássica, e todos podem desfrutar, aprender, discutir e compartilhar. As óperas de Mozart ou de Verdi, os concertos de Beethoven e as sinfonias de Mahler são alguns exemplos que podem servir de tema para os encontros. Há grupos que, no início da Tertúlia, escutam todos juntos a música escolhida, garantindo um tempo para que todos reflitam sobre o que querem destacar e comentar. Quando se abre as inscrições, os participantes podem falar sobre sua impressão geral da música como um todo ou mencionar um trecho específico. Nesse caso, é oportuno colocar novamente a música para tocar naquele trecho, de modo a favorecer que todos ouçam refletindo sobre o que foi comentado pela pessoa. Em algumas escolas da Espanha, faz-se Tertúlias Dialógicas Musicais ao vivo. A comunidade se organiza e consegue trazer uma pequena orquestra para se apresentar e a cada peça tocada, o moderador abre as inscrições, trocam-se opiniões e impressões durante um tempo e passa-se à peça seguinte. No Colégio Porto Seguro, em São Paulo, gravou-se uma quantidade de CDs com uma coletânea de músicas clássicas. Os estudantes levam o CD para ouvir em casa, com a orientação de qual será a faixa discutida na próxima Tertúlia. Ouvem a música em casa e trazem anotados os trechos que querem destacar e o que querem comentar sobre esses trechos.

Tertúlias Científicas Dialógicas. Os avanços nas áreas da engenharia, física, química, biologia, eletrônica, computação e medicina, que estão mudando o futuro da humanidade, geralmente estão fora do alcance das pessoas com menor nível de escolaridade. As Tertúlias Científicas fortalecem o diálogo entre ciência e sociedade, estreitam relações e reforçam a capacidade dos participantes de questionar, buscar informações e discutir os grandes mistérios debatidos pela ciência.

Tertúlias Pedagógicas Dialógicas. Nesses encontros tanto os professores quanto os familiares ou outros participantes leem e discutem as obras originais mais relevantes para a educação: Lev Vygotsky, John Dewey, Paulo Freire, entre outros. No caderno Formação Pedagógica Dialógica, você encontrará mais informações sobre esse tipo de Tertúlia.

As sugestões acima podem ser úteis para se pensar como organizar Tertúlias Dialógicas Cinematográficas, Teatrais ou de qualquer outra área, desde que preservada a exigência primeira de que seja uma obra clássica da área escolhida.

A partir de agora, apresentaremos, mais detalhadamente, orientações para a organização de Tertúlias Literárias Dialógicas no contexto escolar.

Orientações e dicas para organizar e formar Tertúlias Literárias Dialógicas

Com grupos da Educação Infantil ou qualquer pessoa com pouca proficiência leitora, mesmo nas classes de EJA, pode-se adotar a estratégia de “padrinhos de leitura”. Em algumas escolas em São José do Rio Preto, SP, estudantes que já estão mais adiantados na escolaridade, quinto ano, por exemplo, sentam-se com os pequenos num horário de aula de Português e o seu treino de leitura em voz alta é ler para o estudante da Educação Infantil, ajudando-o a se preparar para a Tertúlia Literária que acontecerá logo depois. Nesse caso, os padrinhos não participam da Tertúlia, mas essa também pode ser outra possibilidade interessante para favorecer a inteligência cultural.

I. ANTES

PAPEL DO MODERADOR

Como O primeiro passo é o **moderador** ter clareza do seu papel: organizar a conversa e favorecer a participação de todos. O moderador não explica, não apresenta, nem contextualiza a obra.

Por quê e para quê A forma como o moderador organiza a conversa garante a predominância do diálogo igualitário. Por isso, é importante que ele não proponha nenhuma análise da obra e faça o possível para não manifestar sua opinião, evitando assim estabelecer uma relação de poder com os participantes, que provavelmente se influenciariam pela opinião do professor.

ESCOLHA DO LIVRO

Como O grupo participante da Tertúlia escolhe o livro de literatura clássica universal que quer ler e define o trecho que será lido no primeiro encontro.

Por quê e para quê A possibilidade de participar da escolha do livro está alinhada com o princípio da criação de sentido, porém, o critério primeiro é preservado: seja feita com clássicos da literatura universal, que, segundo a pesquisa INCLUD-ED¹, demonstrou ter características de forma e conteúdo que possibilitam a melhora na aprendizagem e a superação da lacuna cultural.

LEITURA DO LIVRO

Como Os participantes leem as páginas selecionadas para a Tertúlia e cada um escolhe um trecho para compartilhar e relatar por que selecionou aquele trecho.

Caso não seja possível realizar a leitura previamente, seja pela falta de textos/livros para todos porque não conseguem ler sozinhos ou porque não desenvolveram ainda esse hábito, pode-se destinar um tempo para isso no início da Tertúlia. Um hábito importante que também deve ser criado aqui, é o de cada participante ter seu caderno de Tertúlia. Nele toma-se nota da parte que vai destacar e do comentário que irá fazer.

Por quê e para quê Para garantir o ciclo de leitura dialógica é necessário que haja primeiramente uma experiência subjetiva com o texto: eu, em meu primeiro contato com o texto, o que pensei, o que entendi, que coisas quero destacar? Esse primeiro movimento da leitura dialógica pode ser garantido, inclusive, quando se lê por meio de outra pessoa mais experiente, desde que, o padrinho de leitura, assegure que o afilhado dê suas opiniões e manifeste suas impressões. Quanto ao caderno de anotações, esse recurso favorece a dimensão instrumental,



CONSULTE

I. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*

já que o estudante começa a usar a escrita como apoio para a fala e para a memória. Certamente essas suas primeiras experiências de registro escrito como apoio para a fala em público, serão embriões de futuras preparações para falar em seminários ou em discursos em momentos importantes de sua vida.

2. DURANTE

TURNO DA PALAVRA*

Como O moderador abre o turno da palavra perguntando quem gostaria de compartilhar o trecho escolhido. Anota a ordem das pessoas que querem falar e dá a palavra ao primeiro da lista.

Por quê e para quê Ao organizar o turno da palavra, o moderador assegura que se cumpram os princípios da Aprendizagem Dialógica².

Ao favorecer que todos tenham chance de se inscrever para compartilhar seu trecho, garante que todos possam ocupar o espaço de fala em algum momento e, ao mesmo tempo, que todos exercitem a escuta, já que terão que ouvir mais vezes do que falar.

LEITURA E ARGUMENTAÇÃO

Como A primeira pessoa indica a página e o parágrafo onde está o trecho escolhido e lê em voz alta enquanto todos acompanham. Em seguida, argumenta por que o escolheu, de preferência usando como apoio para a fala o registro escrito que fez.

Por quê e para quê Ler em voz alta ganha outro sentido e outro gosto quando se tem que ler para compartilhar com alguém. Já acompanhar a leitura do colega habitua os estudantes a ir diretamente à fonte original e compartilhar exatamente o que o autor ou autora diz. Nesse exercício de leitura e explanação, os estudantes aprendem a compartilhar as experiências e reflexões e argumentar motivados pela leitura, reforçando sua compreensão leitora e expressão oral.

**A expressão “turno da palavra” se refere ao tempo e à ordem em que cada participante vai falar.*



CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem Dialógica

O moderador tem o papel de favorecer a fala dialógica. Por exemplo, quando um estudante diz que escolheu determinado trecho para ler porque gostou, pode-se perguntar a ele por que gostou; dessa forma, o estudante pode expor seus argumentos, e não apenas expressar que gostou.

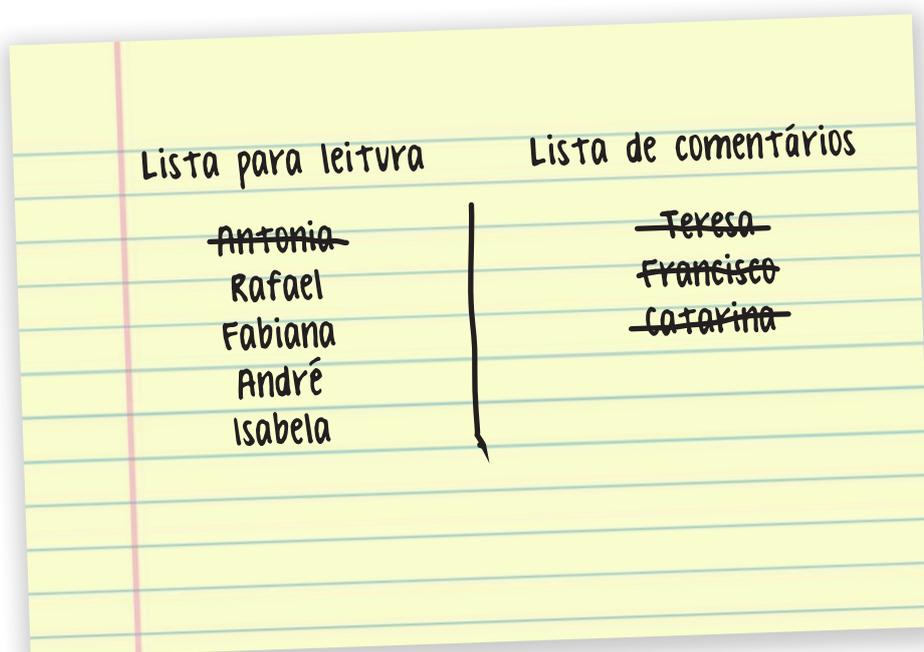
Com a Educação Infantil ou estudantes que ainda não leem convencionalmente, o moderador pergunta ao participante inscrito que parte ele quer destacar. Tendo compreendido a que parte se refere, indica em que página está e qual linha, aguarda que todos localizem e lê em voz alta para que acompanhem. Em seguida, pede ao participante que destacou o trecho que comente porque o escolheu. E procede à abertura do turno de palavras para os comentários, assim como quando a leitura do trecho é feita pelo próprio participante e assim por diante.



COMENTÁRIOS

Como O moderador pergunta se alguém escolheu o mesmo trecho ou quer comentar o trecho lido ou a ideia colocada, abre outro turno de palavra para os comentários, anota a ordem e passa a palavra aos participantes conforme essa nova lista.

Por quê e para quê Quando se dá aos participantes a oportunidade de comentar o trecho lido e ouvir os comentários dos demais, a compreensão leitora aumenta, favorecendo tanto a ampliação da interpretação inicial do texto e das reflexões desencadeadas por ele, quanto a transformação da compreensão da própria pessoa.



CICLO DA TERTÚLIA

Como Depois de terem sido feitos todos os comentários sobre o primeiro trecho lido, o moderador dá a palavra ao próximo nome da lista de inscritos.

Após a leitura e argumentação, o moderador abre um novo turno de palavra para comentários dos demais participantes sobre o segundo trecho lido.

Segue-se esse procedimento, até que todos tenham tido sua palavra garantida.

Por quê e para quê Ao garantir que todos que queiram façam seus destaques e comentários intensifica-se a vivência do segundo movimento

da leitura dialógica, que é a reflexão intersubjetiva e interpretação coletiva do texto.

A construção do conhecimento compartilhado, a partir do texto lido, reforça a leitura crítica, a compreensão leitora e as competências comunicativas.

3. DEPOIS

LEITURA DO LIVRO

Como Os participantes da Tertúlia voltam ao livro, tendo em mente todos os diálogos e reflexões compartilhados na última sessão, e preparam-se para o próximo encontro.

Por quê e para quê A leitura dialógica inclui tanto o processo individual como o coletivo, uma vez que, a partir do diálogo estabelecido com o outro, é possível enriquecer a leitura do trecho que já foi lido e daquele que ainda será.

Aprendizagens

Alguns aprendizados específicos podem ser favorecidos a partir da leitura dialógica:

- Troca e ampliação de interpretações a partir da leitura de diferentes obras, construção de conhecimento compartilhado, desenvolvimento da leitura crítica, ampliação da compreensão leitora e do vocabulário e melhoria das habilidades cognitivas relacionadas à leitura.
- Desenvolvimento da comunicação oral, tanto do ponto de vista das habilidades de falante como as de ouvinte.
- Desenvolvimento de atitudes como maior respeito às diferenças e solidariedade para com todos.

OUTRAS DICAS PARA O MODERADOR

E se ninguém quiser falar?

No início das Tertúlias é possível que haja um clima de timidez e que poucos ou nenhum participante se inscreva para falar; por isso, é importante que o moderador traga sempre alguns trechos para destacar e comentar de modo a instigar os primeiros comentários dos participantes.

E se o tempo for insuficiente?

Dependendo do número de participantes e do ânimo que eles têm para falar, o tempo disponível para a atividade pode ser curto. Nesses casos, é importante que o moderador estabeleça combinados no início da Tertúlia ou tão logo perceber que o tempo será insuficiente, para que ninguém saia frustrado. Uma forma bastante interessante de solucionar essa equação tempo X garantia de fala para todos, é dividir

a turma em dois grupos. Para isso, é preciso formar outro moderador, que pode ser um voluntário, que comece participando das Tertúlias com o foco de aprender como o moderador faz. Pode ser também algum outro funcionário ou professor interessado em ocupar esse papel. Essas pessoas podem realizar o curso a distância de Tertúlias Dialógicas, que está disponível no portal da Comunidade de Aprendizagem.

E se a discussão gerar desentendimentos?

O espaço da Tertúlia é, por excelência, um espaço para se aprender a expor opiniões contrárias e divergentes com respeito e boa capacidade de argumentação. Cabe ao moderador não podar essa possibilidade, mas também cuidar para que esse exercício seja feito com segurança para todos. Assim, sempre que os ânimos se aflorarem mais do que o sustentável para a harmonia da atividade, é importante fazer intervenções que ajudem o grupo a voltar para o texto, ou passar a fala ao próximo inscrito para que leia um novo trecho levando, assim, a outro foco ou solicitar que o participante tente dizer a mesma coisa de uma maneira mais respeitosa. Ao final, conforme estiver o clima entre todos, é bom ressaltar de forma breve quão importantes são esses espaços onde podemos colocar opiniões diversas e sem nos tornarmos inimigos.

E se alguém quiser dizer algo muito interessante sem ter se inscrito?

É muito importante que o moderador seja rigoroso com a ordem das falas. Uma pessoa que não está inscrita não pode assumir a palavra, mesmo que o que ela tenha a dizer seja a coisa mais interessante do mundo. O papel do moderador é sempre lembrar a todos que é necessário se inscrever e somente falar quando chegar sua vez. Isso ajudará as pessoas a afinarem sua capacidade de escuta, já que é muito comum ouvirmos uma pessoa falar já pensando no que lhe vamos responder; o que diminui nossa atenção ao que está sendo dito.

E se há pessoas que nunca querem falar?

É imprescindível que as pessoas sejam respeitadas em suas diferenças. Há pessoas que pouco falam, mas que aprendem muito em seu silêncio. Porém, dentro da dimensão instrumental está a capacidade de comunicação oral, por isso, o moderador sempre vai tentar motivar as pessoas que não falam, mas sem acuá-las. Uma boa estratégia é não as abordar em público. Depois ou antes da Tertúlia, em particular, pedir para ver as anotações que fizeram, comentar, ainda que rapidamente, sobre seus destaques e elogiar seus comentários, são bons jeitos de deixar pessoas tímidas mais confiantes. É importante investigar também o que está por trás da omissão da pessoa. Às vezes ela não está lendo em voz alta de uma forma que acredita que seja boa para a Tertúlia e o moderador pode combinar de ler o trecho para ela fazer o comentário. O contrário também pode acontecer; a pessoa querer ler em voz alta o trecho, mas não querer comentar. O moderador pode combinar que a pessoa fará a leitura e ele ou um colega o comentário. Também há possibilidade de essas pessoas não estarem de fato fazendo sua leitura individual. Nesse caso, pode-se adotar os padrinhos de leitura, ou no momento da leitura individual, o moderador ler um pouco, um dia para uma pessoa, outro dia para outra, ou pode propor que os que quiserem,

leiam em dupla. No Ginásio Carioca Epitácio Pessoa, a professora Carla Aida e o professor Gustavo Costa adotam uma forma interessante e que tem dado resultado: numa das Tertúlias são os estudantes que leem individualmente, na outra são os professores que leem em voz alta e os estudantes acompanham. Os estudantes dizem que é mais gostoso assim, porque o professor e a professora leem bonito e dá para entender melhor.

E se não há quantidade de livros suficiente?

Há várias possibilidades de se realizar Tertúlias Literárias Dialógicas ainda que não se tenha um livro para cada participante. Algumas alternativas que têm sido adotadas por muitas escolas no Brasil e em outros países da América Latina são:

- Fazer cópias de contos clássicos que são de domínio público. Pode-se montar coleções desses contos e ir rodiziando as cópias pelas várias turmas.
- Em escolas que possuem uma sala de informática ou sistemas de *tablets* que circulam pelas salas, tem-se baixado livros clássicos que estão disponíveis para *download*, constituindo nesses aparelhos uma pequena biblioteca que pode ser usada por todas as turmas em seu horário de uso dos equipamentos. Em São José do Rio Preto, SP, o uso dos *tablets* para a leitura tem se configurado num chamariz a mais para essa atividade. Para isso, não é necessário que haja *internet* na escola, pois pode-se salvar os livros num *pen drive* e salvar nos computadores.
- Em alguns municípios têm-se feito uma biblioteca comunitária para Tertúlias. Cada escola verifica quantos e quais títulos tem da lista de clássicos, juntam os títulos de modo a ter uma maior quantidade de cada e circulam esses *kits* entre as escolas.
- Outra alternativa é dividir a turma em dois grupos, enquanto uma turma está realizando Tertúlia, a outra produz uma atividade diferente e depois trocam.. Também pode-se compartilhar um livro por dupla.
- Em algumas escolas, a Comissão Mista de Aprendizagem, após organizar a lista de livros clássicos de preferência dos estudantes, solicitou doação às empresas e comércio local, montando assim, seu acervo. Esse tipo de campanha solidária também pode ser motivada usando-se o *Facebook*. Nesse caso, os livros podem até já ser usados, desde que estejam em bom estado.



Ideias para guardar

Tertúlias Dialógicas

O QUE É

- 1.** Encontro baseado na leitura dialógica, que envolve um processo de leitura e interpretação coletiva, em um contexto no qual são valorizados os argumentos dos participantes sobre as obras clássicas apreciadas. Através desse procedimento dialógico, cada pessoa no grupo dá um novo sentido às obras e alcança compreensões muito profundas e críticas, que, sozinha, ela teria mais dificuldade de obter.
- 2.** Leitura e apreciação coletiva de obras clássicas universais, escolhidas de comum acordo.
- 3.** Exercício de leitura dialógica no qual a compreensão das obras se produz através de um processo de interpretação coletiva, mediado por qualquer pessoa do grupo - que, nessa função, tem o papel de favorecer o diálogo igualitário entre todos os participantes.
- 4.** Prática em que predomina o diálogo igualitário, promovendo o desenvolvimento de valores como a convivência, o respeito e a solidariedade.
- 5.** Pode ser realizada com familiares, membros da comunidade, professores, voluntários e estudantes de qualquer faixa etária e nível de ensino.

O QUE NÃO É

- 1.** Reunião formativa sobre algum tema de interesse na qual um especialista transmite o conhecimento.
- 2.** Leitura e apreciação de diferentes obras clássicas escolhidas de acordo com a classe econômica e a situação acadêmica dos participantes.
- 3.** Exercício de apreciação e leitura coletiva em que predominam as interpretações e a compreensão das pessoas com maior status acadêmico, que monopolizam o debate ou impõem suas opiniões.
- 4.** Prática formativa em que não há diálogo igualitário entre os participantes e, portanto, um ensina e os demais aprendem.
- 5.** Requer participantes letrados, especialistas em um tema específico ou com alto nível cultural.
- 6.** Encontro baseado na leitura dialógica para conversar sobre obras contemporâneas.



Biblioteca Tutorada



o que é?

É uma forma de extensão do tempo de aprendizagem que propõe a criação de espaços extraclasse nos quais os estudantes realizam atividades, acompanhados por voluntários (professores, familiares e demais pessoas da comunidade). Pesquisas demonstram que essa ampliação do tempo de aprendizagem traz impacto importante na melhora dos resultados educativos. As atividades que acontecem são de caráter instrumental e de apoio às tarefas escolares, acelerando a aprendizagem de todos, especialmente dos estudantes com maiores necessidades educativas.

Introdução

A Biblioteca Tutorada consiste em uma prática para a inclusão educativa de todos os estudantes, que amplia o tempo de aprendizagem e conta com o envolvimento de voluntários³ e estudantes. Nesses momentos, podem acontecer Tertúlias Literárias, realização das tarefas de casa, resolução de dúvidas, leituras, pesquisas, atividades de atenção individualizada ao estudante com mais dificuldade, etc.

Existem três conceitos fundamentais que sustentam a proposta da Biblioteca Tutorada como prática educativa de êxito: ampliação do tempo de aprendizagem, prática inclusiva e aprendizagem instrumental.

AMPLIAÇÃO DO TEMPO DE APRENDIZAGEM

Pesquisas revelam que existe uma relação positiva entre o aumento do tempo de aprendizagem e os resultados acadêmicos. Creemers e Reezigt (1996), há vinte anos, comprovaram que as escolas mais eficientes são aquelas que garantem o maior tempo de aprendizagem.

A ampliação do tempo é muito importante, principalmente quando avaliamos que a jornada regular de quatro horas é insuficiente até mesmo para dar conta dos conteúdos curriculares no Brasil. Soma-se a isso a falta de acesso a bens culturais das famílias, sobretudo àquelas que vivem em contextos associados à pobreza. Segundo dados do MEC, 60% dos estudantes da rede pública de ensino não dispõe sequer de uma mesa para fazer suas lições de casa.

Deve-se considerar ainda que grande parte desses estudantes são oriundos de famílias não letradas e com baixo repertório cultural.

Para superar essas distâncias, é necessário que o estudante tenha acesso a um maior leque de oportunidades educativas, e, sendo assim, o tempo estendido é uma estratégia valiosa, embora não seja um fim em si mesmo.

Ou seja, as atividades da Biblioteca Tutorada devem cumprir a função de atender às necessidades identificadas pelos educadores e pela escola de forma que as propostas sejam elaboradas para responder a demandas concretas de aprendizagem, cumprindo o papel de cobrir os déficits mencionados.

Também não deve se limitar à ampliação do tempo de aprendizagem somente para aqueles que apresentam maiores necessidades educativas, embora este seja um importante espaço de superação de dificuldades para estes estudantes, mas que as atividades possam estar acessíveis a todos, com ou sem dificuldade.



CONSULTE

3. Capítulos *Voluntários na Escola e Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade*

Na Biblioteca Tutorada, amplia-se o horário escolar regular por meio da oferta de atividades formativas para os estudantes no contraturno, nas férias ou até mesmo nos finais de semana.



Além de ampliar o número e a qualidade das interações, a Biblioteca Tutorada favorece as interações entre pessoas com diferentes experiências (professores, pessoas da comunidade, familiares e estudantes de todas as idades), o que incentiva a aprendizagem dos estudantes.

Trazer o capital social e humano da comunidade para a escola é uma forma de articular e combinar saberes e práticas da inteligência cultural com os conhecimentos acumulados pela humanidade e reconhecidos como fundamentais, ensinados na escola. Além disso, as pessoas da comunidade tomam-se um recurso disponível para viabilizar atividades no contraturno, finais de semana ou férias, sem sobrecarregar os profissionais da escola.

PRÁTICA INCLUSIVA³

Nessa forma de agrupar os estudantes não se promove a exclusão ou diminuição do nível de instrução, uma vez que os estudantes com necessidades educativas especiais ou em situação de risco de exclusão social não são separados do grupo de referência durante o período regular, mas é oferecida a eles atenção individual em horário extraclasse.

Estudantes com acúmulo de carências por conta de condições de pobreza ou vulnerabilidade social são mais frágeis diante da previsão de seu fracasso, é importante por isso que a escola invista em práticas inclusivas, que não os estigmatize e reforcem a crença de que não são capazes.

Por esta razão, na Biblioteca Tutorada estes estudantes devem ser desafiados a realizar as propostas orientadas pelo professor (a) com base nos mesmos exercícios apresentados para toda a sala de aula. O agrupamento menor, o apoio de outros estudantes, a atuação de voluntários e a disponibilidade de materiais, fora do horário regular das aulas, formam um conjunto de condições ideais para que aqueles com mais dificuldade possam superar suas defasagens.

Pensando na inclusão de todos, abre-se um espaço na escola para aumentar o tempo de aprendizagem e multiplicar as interações.

APRENDIZAGEM INSTRUMENTAL²

Quando falamos de aprendizagem instrumental, nos referimos à aprendizagem daqueles conhecimentos e destrezas fundamentais para o desenvolvimento dos estudantes e sua inserção na sociedade (ler, escrever, calcular, relacionar informações, etc.). Esses instrumentos são a base para alcançar outras aprendizagens, requisitos necessários para obter uma formação de qualidade.

Apple (2000), autor do livro *Escolas Democráticas*, defende que um currículo democrático inclui o ensino do currículo oficial para todos, pois só assim as oportunidades de ascender socialmente serão comuns. Desde a Educação Infantil e ao longo de toda a escolaridade, deve-se investir na leitura, na matemática, no ensino de idiomas. Apenas a qualidade na educação possibilitará ao estudante em condição socialmente desfavorecida a perspectiva de que possa ser incluído na sociedade atual, que requer cada vez mais conhecimento.

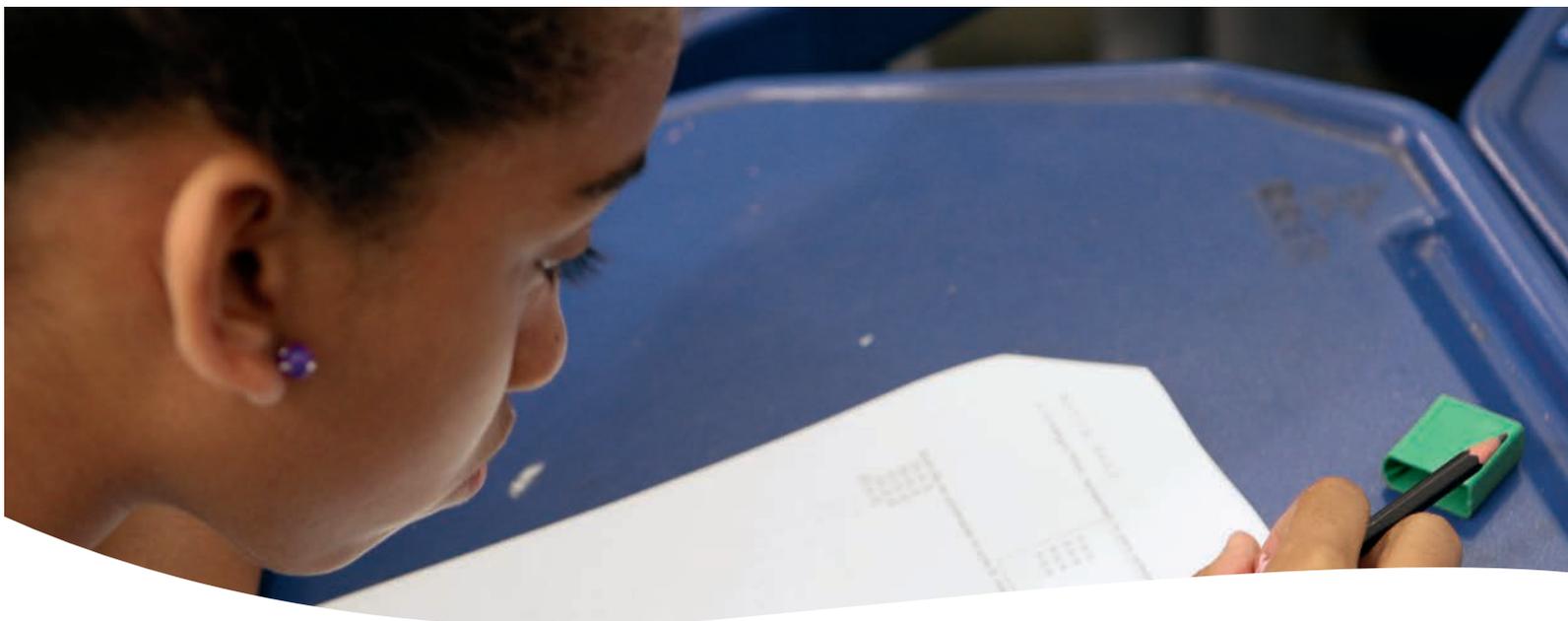
Os maus resultados não são encarados como inevitáveis; respeitar as diferenças entre os estudantes não pode ser confundido com aceitar que cheguem a resultados diferentes em relação à dimensão instrumental da aprendizagem. A busca da escola deve ser a excelência nos resultados de todos os estudantes.

CONSULTE 3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Grupos Interativos*

2. Capítulo *Aprendizagem Dialógica*

Na Biblioteca Tutorada, as atividades voltadas para a aprendizagem instrumental (Matemática, Língua, Ciências, Idiomas, etc.) são as mais indicadas. O objetivo é potencializar todos os espaços de aprendizagem da escola.





Como organizar a Biblioteca Tutorada?

A Biblioteca Tutorada pode acontecer em diferentes espaços da comunidade (biblioteca da escola, clube, sala de informática, etc.) ou em outros espaços da comunidade como associações de bairros, centros comunitários e organizações sociais. O importante é garantir que seja um lugar acessível, gratuito e que esteja aberto fora do período escolar regular (contraturno, férias, finais de semana).

Para organizar estes tempos e espaços, uma Comissão Mista pode ser acionada de forma que a escola não fique sozinha com a responsabilidade de garantir a extensão do tempo, em casos de escolas com jornada parcial. Nesses espaços, os estudantes terão a possibilidade de aumentar o número e a diversidade de interações, por isso, é indicado que estudantes de idades diferentes possam participar e interagir na realização das atividades, com apoio dos voluntários⁵.

Parcerias com universidades podem ser uma forma interessante de conquistar, como voluntários, estudantes universitários que possam contribuir com o ensino instrumental de disciplinas como matemática ou inglês.

Essa prática pode funcionar todos os dias e a frequência na participação dependerá da necessidade dos estudantes. Eles podem ser convidados pelos professores ou participar por escolha própria. O objetivo principal é o aprimoramento da aprendizagem instrumental.

É importante considerar que o grau de escolaridade do voluntário é indiferente para sua participação.



CONSULTE

5. Capítulo *Voluntários na Escola*



CONSULTE

3. Capítulo Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade

O Ginásio Carioca Bolívar, no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, incluiu a atuação em sua rotina. Organiza atividades de revisão de conteúdos e propõe jogos como xadrez, que foi escolhido para ser praticado em paralelo por também ajudar a desenvolver a capacidade lógica, estratégica e a concentração do estudante.

A organização dos encontros pode variar de acordo com as demandas identificadas pela comunidade escolar, podendo ser fruto de um consenso entre familiares, estudantes, professores, outros profissionais da educação, etc. No caso de escolas que se transformaram em Comunidades de Aprendizagem, a Biblioteca Tutorada é, normalmente, administrada por uma Comissão Mista³.

Orientações e dicas para organizar e formar a Biblioteca Tutorada

I. ANTES

ESCOLHA DO LOCAL E BUSCA DE VOLUNTÁRIOS

Como Para começar, é necessário encontrar um espaço (dentro ou fora da escola) que possa receber a comunidade gratuitamente e que funcione fora do período regular de aula. A biblioteca não implica a contratação de mais recursos humanos, pois é sempre acompanhada por voluntários (professores, familiares e pessoas da comunidade).

Depois de definir onde e quando acontecerão os encontros, é hora de buscar voluntários, que ajudarão os estudantes nas diferentes tarefas, favorecendo a interação e o diálogo.

É importante que os voluntários recebam além das boas vindas, formações a respeito do que é esperado de sua atuação. Embora não sejam requeridos conhecimentos acadêmicos para atuar na Biblioteca Tutorada, alguns aspectos são importantes para que o investimento do tempo de voluntariado alcance os resultados esperados, tais como conhecer o projeto, as Atuações Educativas de Êxito e suas responsabilidades. Ver capítulo Formação de Voluntário.

PLANEJAMENTO DO TRABALHO

Como O responsável – ou, no caso das escolas que são Comunidades de Aprendizagem, a comissão responsável – planeja e organiza as atividades que serão oferecidas na Biblioteca Tutorada, com o suporte do professor. Como destacado anteriormente, podem ser atividades de leitura, pesquisa, Tertúlia Literária, realização das tarefas de casa, resolução de dúvidas, campeonatos de xadrez e, principalmente, atividades de apoio individual ao estudante com mais dificuldade de forma a acelerar sua aprendizagem. Em muitos casos, a biblioteca é organizada em forma de cantos, oferecendo diferentes atividades ao mesmo tempo. Ou seja, vários grupos podem estar juntos no mesmo espaço, mas envolvidos cada um deles com uma atividade diferente. Por exemplo: um grupo pode estar fazendo um trabalho de artes, outro jogando xadrez e um terceiro tirando dúvidas e recebendo apoio individualizado em matemática.

Por quê e para quê O objetivo principal da Biblioteca Tutorada é aumentar o tempo e o acesso à aprendizagem instrumental

(ler, escrever, contar, etc.), melhorando os resultados de todos os estudantes e, conseqüentemente, facilitando-lhes o acesso à Sociedade da Informação e uma possível superação das desigualdades sociais pela oferta de oportunidades iguais para todos.

2. DURANTE

INTERAÇÕES DIVERSIFICADAS

Como Os estudantes se dividem nos diferentes espaços da biblioteca e realizam a atividade de forma interativa. Em algumas escolas, o grupo de estudantes para cada uma das atividades é selecionado previamente, garantindo, por exemplo, que aqueles com mais dificuldade fiquem na mesa destinada ao apoio individual ao estudante com dificuldade ou para trabalhar aspectos específicos ou dúvidas. Nesse caso, a participação de um voluntário especialista (um pedagogo ou estudante universitário, por exemplo) pode ser muito bem aproveitada.

Os voluntários ajudam na organização e na realização das atividades, potencializando as interações entre os estudantes e a troca de conhecimento.

Por quê e para quê Quanto mais atividades de aprendizagem instrumental forem implementadas na escola, mais tempo os estudantes terão para se dedicar à aprendizagem e, assim, obter êxito educativo.

A oferta de atenção individualizada e outras atividades de caráter instrumental no período extraescolar, possibilitam acelerar a aprendizagem de todos os estudantes, ao mesmo tempo em que ajudam aqueles com maiores dificuldades a alcançar melhores resultados de forma inclusiva.

A entrada dos voluntários na escola parte da ideia de que a aprendizagem depende de todas as interações que se estabelecem, tanto dentro da aula como fora dela.

Além disso, a participação da comunidade aumenta os recursos humanos da escola e possibilita a implementação de práticas que ampliam o tempo de aprendizagem dos estudantes, melhorando o rendimento e a convivência escolar.

Esta etapa do trabalho tem a intenção de facilitar que todos os estudantes alcancem a aprendizagem esperada.

3. DEPOIS

REGISTRO DO ENCONTRO

Como Após a Biblioteca Tutorada, os voluntários podem fazer um registro do encontro, anotando quem foram os participantes, como se agruparam, quais atividades foram realizadas, quais estudantes demonstraram maior dificuldade, entre outras informações que considerarem relevantes.

Por quê e para quê A intenção desse registro é construir um instrumento de acompanhamento tanto dos encontros como da aprendizagem dos estudantes. Ele pode ser usado para planejar outros momentos da Biblioteca Tutorada e para aproximar professores e voluntários do processo de aprendizagem dos estudantes: como aprendem, quais suas principais dificuldades e demandas, etc.

Ideias para guardar

Biblioteca Tutorada

O QUE É

- 1.** Ampliação do tempo de aprendizagem com atividades de atenção individual ao estudante que apresenta mais dificuldades e outras atividades diversificadas de caráter instrumental, para todos os que quiserem participar fora do período regular de aulas.
- 2.** Prática inclusiva que não separa do grupo de referência os estudantes menos favorecidos e com maiores dificuldades educativas.
- 3.** Professores e voluntários têm altas expectativas em relação aos estudantes: esperam que todos alcancem os mesmos resultados. O currículo é igual para todos os estudantes.
- 4.** Cada grupo de trabalho conta com a presença de um voluntário que, com o apoio do professor, realiza atividades de acordo com as necessidades identificadas, favorecendo as interações entre todos e incentivando-os a ajudar uns aos outros.
- 5.** Pode ter o formato mais adequado às demandas de cada escola e comunidade: os estudantes podem ser convidados a participar ou participar por adesão voluntária; as atividades podem ser preparadas pelo professor ou propostas pelos estudantes; é possível a convivência entre estudantes de idades diferentes. O importante é garantir a ampliação do tempo de aprendizagem fora do período regular de aula e ter um número maior de voluntários para ajudar.

O QUE NÃO É

- 1.** Atividades de reforço oferecidas aos estudantes com ritmo mais lento de aprendizagem durante o período regular de aulas.
- 2.** Prática que separa do grupo de referência os estudantes com maiores dificuldades educativas, propondo-lhes atividades mais fáceis.
- 3.** Adaptação do currículo para estudantes com ritmo mais lento de aprendizagem, esperando que eles alcancem os resultados que lhes são possíveis naquele momento.
- 4.** O professor trabalha sozinho na sala e os estudantes são separados por nível de aprendizagem.
- 5.** Uma metodologia que determina como devem acontecer as atividades de reforço escolar na escola para os estudantes com ritmo mais lento de aprendizagem.



Formação de familiares

A photograph of a female teacher with long blonde hair and glasses, wearing a denim jacket, leaning over a desk to assist a young boy. The boy is focused on writing in a notebook. Another student with glasses is partially visible on the left. The background shows a green chalkboard.

o que é?

É uma Atuação Educativa de Êxito que consiste na formação de familiares com o propósito de facilitar o estudo de conteúdos e habilidades elegidas por eles próprios, tendo como foco principal a formação instrumental.



Introdução

É comum afirmar que o êxito escolar dos estudantes depende do nível de formação de seus progenitores: filhos de pais e mães com titulação universitária têm maior probabilidade de não abandonar a escola, de frequentar uma universidade e de obter melhores resultados.

No entanto, o fato de haver uma correlação estatística entre o nível de educação dos pais e os resultados escolares dos estudantes, conforme demonstram algumas pesquisas, não é determinante. Ater-nos a essa perspectiva significa acreditar que a escola pouco pode fazer diante das desigualdades, e seria preciso esperar que as novas gerações, aos poucos, ganhassem formação acadêmica para que um dia todas as crianças pudessem ter a chance de vir a cursar uma universidade.

Sabemos, hoje, que é possível mudar essa situação e que todas as mães, pais e outros responsáveis pelos estudantes, a despeito do seu nível de escolaridade, podem esperar que seus filhos estudem nas melhores universidades.



CONTRIBUIÇÕES AO ÊXITO ESCOLAR

Estudos revelam que o que mais influencia no êxito escolar dos estudantes não é a titularidade acadêmica dos familiares, mas, sim, o envolvimento destes em processos formativos concretos. Esse envolvimento promove a interação cultural e educacional com seus filhos, contribuindo para o sucesso escolar deles.

A pesquisa INCLUD-ED³ identificou quais tipos de envolvimento familiar e comunitário têm maior impacto no rendimento acadêmico dos estudantes e na convivência de todos:

- Participação dos adultos na aprendizagem das crianças a partir das Atuações Educativas de Êxito que acontecem dentro da escola: Grupos Interativos³, Tertúlias Literárias³ e Biblioteca Tutorada³.
- Participação dos adultos em atividades para sua aprendizagem a partir da **Formação de Familiares**.

Segundo essa mesma pesquisa, é possível superar as desigualdades sociais fomentando atividades educacionais para as famílias e demonstrando que o entorno da escola também pode se transformar. A Formação de Familiares é uma das formas de envolver as famílias na escola que reflete positivamente na educação de seus filhos e filhas. Esse tipo de atuação educativa encoraja-os a participar de processos educacionais que melhoram sua formação e conhecimento e ampliam as expectativas em relação a sua aprendizagem e a de seus filhos, promovendo espaços onde todos aprendem juntos e dando sentido à educação.

É preciso deixar claro que esse tipo de Formação de Familiares difere de algumas práticas comuns, nas quais geralmente os familiares participam de palestras de especialistas sobre temas relativos à educação de seus filhos (como alimentação, limites, sono, etc.). Ainda que, nesses casos, se estabeleça um espaço de troca, a abordagem implícita consiste em um especialista dizendo aos pais como educar seus filhos e filhas. A Formação de Familiares a que nos referimos não tem a ver com esse tipo de prática, nem tampouco com programas de formação escolhidos pelos professores e demais profissionais da educação de acordo com suas próprias opiniões, sem levar em conta as demandas e necessidades dos participantes.

Essa Atuação Educativa de Êxito pressupõe que mães, pais, tios, tias, avós, avós, etc, decidam o que necessitam aprender, quando e como querem fazê-lo. Nas escolas que são Comunidades de Aprendizagem, profissionais da escola, familiares, estudantes e comunidade em geral se reúnem, levantam as demandas, elegem as que lhes são mais importantes, pensam formas de realizá-las, como local, dias, horários, especialista que dará o curso, colocam em prática seu plano e avaliam no decorrer da realização de modo a fazer adaptações, caso se faça necessário.

Quando os familiares decidem sobre sua própria formação, é possível alcançar um alto comparecimento. Portanto, trata-se de implementar programas eficazes que gerem nas famílias maior motivação e desejo de participar; se envolver; melhorar sua vida e, assim, transformar e melhorar o ambiente de aprendizagem e a convivência com seus filhos.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Comunidade de Aprendizagem*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Grupos Interativos*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Tertúlia Dialógica*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Biblioteca Tutorada*

Em uma Comunidade de Aprendizagem na Espanha, foi criada uma Comissão Mista de pedagogia que decidiu propor um curso de inglês para que pais e mães pudessem ajudar os filhos nas tarefas de casa. O curso é avaliado pela comissão a cada seis meses, aproximadamente.



BENEFÍCIOS DA FORMAÇÃO DE FAMILIARES

A Formação de Familiares beneficia a todas as pessoas adultas que participam diretamente dela, aos filhos e a toda a comunidade, e, dessa forma, se converte em uma forma de superação de desigualdades sociais e educativas.

- Proporciona aos adultos que participam diretamente da formação, conhecimentos e ferramentas que podem aplicar na sua vida pessoal, familiar e social: aprendem a ler ou melhorar seu nível de escrita e leitura, aprendem idiomas, a usar a *internet*, etc. É uma realização e desenvolvimento pessoal que se estende a todas as atividades cotidianas, uma vez que abre novas oportunidades no mercado de trabalho devido à melhora da formação acadêmica. Também desenvolve a autoconfiança e uma capacidade maior de intervir e participar de discussões e debates.
- Amplia as possibilidades e disponibilidade de ajudar seus filhos nas lições de casa, já que também estão estudando, acabam atentando mais para algumas situações que fazem a diferença na aprendizagem de seus filhos, como criar um espaço para realização das tarefas, sentar-se juntos para estudar, de transmitir a satisfação e o interesse por aprender e pela educação em geral. Dessa forma, meninos e meninas transformam a visão que têm de seus familiares, passando a enxergá-los como pessoas que podem sanar suas dúvidas, com quem podem compartilhar o que aprendem, criando um sentido em torno da aprendizagem.
- Traz mudanças nas relações entre a escola e seu entorno ao aproximar a família e gerar maior esforço e motivação nos estudantes para melhorarem a cada dia. Também influencia as expectativas da família quanto à educação e ao futuro de seus filhos e ao seu próprio, aumentando sua motivação para continuar estudando. A participação na formação aumenta a confiança entre familiares e professores e cria novos vínculos de compreensão e tolerância entre eles.



Em geral, as Comunidades de Aprendizagem oferecem atividades de formação de familiares sem precisar investir em recursos adicionais – como a contratação de mais pessoas para essa finalidade –, mas contando com a ajuda de voluntários, estagiários, dos próprios familiares, ou a partir da reorganização dos professores já existentes.

Na Escola de Educação Infantil Odette Edith Périgo de Lima, em São Bernardo do Campo, São Paulo, uma das primeiras Atuações Educativas de Êxito a ser implementada foi a Tertúlia Dialógica Literária com um grupo de familiares e outras pessoas interessadas. O livro escolhido pelos participantes foi “A hora da estrela”, de Clarice Lispector. Todas as sextas-feiras, assim que entregavam as crianças na sala de aula, mães, avós e a motorista do transporte escolar, se reuniam com a responsável pela Biblioteca para participar de um delicioso momento de troca e aprendizagem a partir da leitura.



CONSULTE

3. Capítulo Atuações Educativas de Êxito – Tertúlia Dialógica

TIPOS DE ATIVIDADES DE FORMAÇÃO

As atividades de formação podem ser bastante variadas. No entanto, é recomendável (e as famílias preferem) que a formação seja dirigida para a melhoria das habilidades e dos conhecimentos úteis e necessários à maior inclusão na sociedade atual e para capacitar os familiares a ajudar os filhos nas lições de casa, a ler, a participar dos assuntos acadêmicos, etc.

A seguir, algumas das atividades de formação de familiares mais comuns nas Comunidades de Aprendizagem.

Tertúlias Dialógicas Literárias³– Membros da comunidade de diferentes perfis (com ou sem titulação acadêmica, de diferentes culturas, idades, procedências, estilos de vida, religiões, ideologias, etc.) dialogam, refletem, constroem conhecimento a partir da leitura compartilhada de uma obra clássica universal. Dessa forma, pessoas que nunca leram livros desse tipo ou nenhum outro, mostram uma grande satisfação e entusiasmo pela leitura de clássicos como *A Odisseia*, de Homero, *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói, *A Metamorfose*, de Franz Kafka, entre muitos outros.

Tecnologia da Informação e Comunicação – Demanda frequente dos familiares para a realização de cursos e oficinas de programas específicos como *Word*, *Excel*, etc, ou mesmo de plataformas sociais como *Facebook* e *Twitter*. Em algumas ocasiões, é possível propor a participação conjunta de familiares e estudantes, de modo que possam ajudar-se mutuamente no uso dessas ferramentas.

Línguas – É possível realizar aulas de língua estrangeira, como inglês e espanhol, por exemplo. Em países onde há uma grande população de imigrantes estrangeiros, as famílias podem optar por aprender o idioma do país de destino, bem como os nativos do país, podem aprender o idioma dos imigrantes. Assim, ampliam-se as possibilidades de aprendizagem de uma nova língua para ambas as partes.

Alfabetização – Nas escolas em que muitos familiares são analfabetos, este tipo de formação é, sem dúvida, uma prioridade. Muitas pessoas adultas, às vezes, ficam inibidas de participar de grupos de Educação de Jovens e Adultos nas escolas onde estes são oferecidos, porém, quando é oferecida essa oportunidade num pequeno grupo na escola de sua comunidade, animam-se em vencer esse desafio.

Matemática – Alguns familiares têm dificuldade de ajudar seus filhos e filhas nos deveres de matemática, e este pode ser um tema de formação.



Como organizar a Formação de Familiares?

As orientações e dicas aqui apresentadas para organizar e desenvolver atividades de Formação de Familiares não constituem um modelo rígido. Existem distintas maneiras de implementar essa Atuação Educativa de Êxito, em função das necessidades e desejos dos familiares e da comunidade, bem como das especificidades da escola e seu entorno.

Orientações e dicas

I. ANTES

LEVANTAMENTO DAS DEMANDAS DA COMUNIDADE

Como Organiza-se uma Comissão Mista³ (formada por professores, familiares, estudantes, voluntários em geral), para atuar como articuladora das demandas de Formação de Familiares que surgem na comunidade.

É possível que alguns dos sonhos compartilhados pela comunidade já tragam ideias para essas formações, porém, quando não aparece nos sonhos, é interessante fomentar um diálogo com a comunidade sobre suas necessidades de aprendizagem/formação. Isso pode ser feito em reunião ou por meio de entrevista/pesquisa com a colaboração dos estudantes.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade*

Por quê e para quê Para melhorar o nível de aprendizagem é preciso transformar a cultura escolar. Isso implica uma revisão do currículo, das práticas pedagógicas e das relações interpessoais na escola (mudança nas relações de poder).

PLANEJAMENTO DO TRABALHO

Como A Comissão Mista analisa as demandas apresentadas e identifica quais são as mais urgentes, quais poderiam ser realizadas mais prontamente, para quais seria necessário mais tempo para viabilização, ou outros aspectos que considerarem importantes para planejar os próximos passos. Refletindo entre todos, decidem por qual ou quais irão iniciar; levantam o que será necessário e traçam um plano que será levado para a aprovação do Conselho Escolar ou da Comissão Gestora. Aprovado o plano, realiza-se a divulgação para as famílias e comunidade e faz-se as inscrições.

É preciso assegurar:

- Que os cursos oferecidos atendam às necessidades das famílias.
- Que sejam, preferencialmente, aqueles que melhoram os conhecimentos e as habilidades úteis para a vida cotidiana e, assim, capacitem os familiares a ajudar seus filhos nas tarefas da escola.
- Que o horário seja adequado aos participantes.
- Que haja um espaço disponível.
- Que haja um ou mais voluntários para coordenar o curso.
- Que seja pensada uma rotina que garanta a continuidade dos encontros, quando forem cursos de longa duração.
- Que seja pensada a possibilidade da própria escola reorganizar seus recursos humanos, disponibilizando pessoas de sua equipe para dar cursos, bem como na possibilidade de recorrer a pessoas da comunidade.

Caso haja necessidade de dispor de recursos financeiros, seja para oferecer ajuda de custo ao especialista que dará o curso, seja para a compra de material, planejar entre todos como irão consegui-lo, de modo que os envolvidos e, não só a Comissão Mista, se sintam responsáveis por essa demanda.

Por quê e para quê

- Para que todos participem de maneira efetiva e não desistam no meio do processo, é preciso garantir que as aulas sejam escolhidas a partir da demanda dos familiares e oferecidas dentro de suas possibilidades, principalmente no que diz respeito ao horário.
- Para criar um novo sentido na vida dos participantes, é preciso que a escola se converta em um projeto comunitário de educação, no qual seus profissionais possam cooperar com os demais agentes educativos, ampliando a oferta de educação a todos da comunidade.

- Para fortalecer a vivência do princípio da solidariedade e a gestão democrática é importante que a maior parte possível das pessoas esteja comprometida na busca de soluções para a realização dos cursos.
- Para que a comunidade de fato participe, é preciso que haja um esforço de comunicar a todos, de maneira eficaz, a intenção de abrir a escola para a Formação de Familiares.

2. DURANTE

REALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

Como Nos dias e horários marcados realizam-se os cursos ou outras atividades de formação que tenham sido planejadas.

Algo a ser considerado é que as Tertúlias Literárias Dialógicas podem não ser solicitadas pela comunidade como uma demanda direta, mas podem ser oferecidas se aparecerem demandas relacionadas a aprender a ler, desenvolver-se mais na leitura, ter mais conhecimento para ajudar os filhos nas tarefas. Além de serem atividades muito agradáveis, favorecem a aprendizagem de muitos conteúdos.

Por quê e para quê

- Para que se estabeleça uma relação de confiança entre todos que veem realizado aquilo que foi proposto e planejado.
- No caso das Tertúlias, para que se favoreça a aprendizagem de conteúdos ligados à língua escrita, o desenvolvimento da comunicação oral, além da vivência plena do diálogo igualitário e os demais princípios da Aprendizagem Dialógica, favorecendo, assim, que os participantes transformem mais rapidamente sua forma de se relacionar uns com os outros, melhorando a convivência entre todos.

3. DURANTE E DEPOIS

MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Como A Comissão Mista responsável, realiza, junto com os participantes do (s) curso (s), monitoramento e avaliação contínua da formação, presenciando alguns dos encontros e/ou organizando breves conversas para ouvir o que os participantes e os voluntários estão sentindo do curso, se estão aprendendo como esperado, se têm sugestões para melhorar, etc. Quando um curso é finalizado, faz-se uma avaliação sobre a possibilidade e importância de formar um novo grupo ou aproveitar o espaço para uma nova proposta ou algo que já estava planejado na continuidade.

Por quê e para quê As avaliações processuais, envolvendo todos os participantes, contribuem para a melhoria do trabalho ainda em sua execução, possibilitando maior aproximação dos objetivos pretendidos. As avaliações ao final do percurso permitem corrigir desvios e planejar uma nova etapa com mais chance de acerto.

Ideias para guardar

Formação de Familiares

O QUE É

1. Formação a partir de conteúdos e habilidades escolhidas pelos próprios familiares em um diálogo com os professores, demais profissionais da escola e comunidade em geral.
2. Formação de familiares a partir de conteúdos e habilidades que priorizam a formação instrumental.

O QUE NÃO É

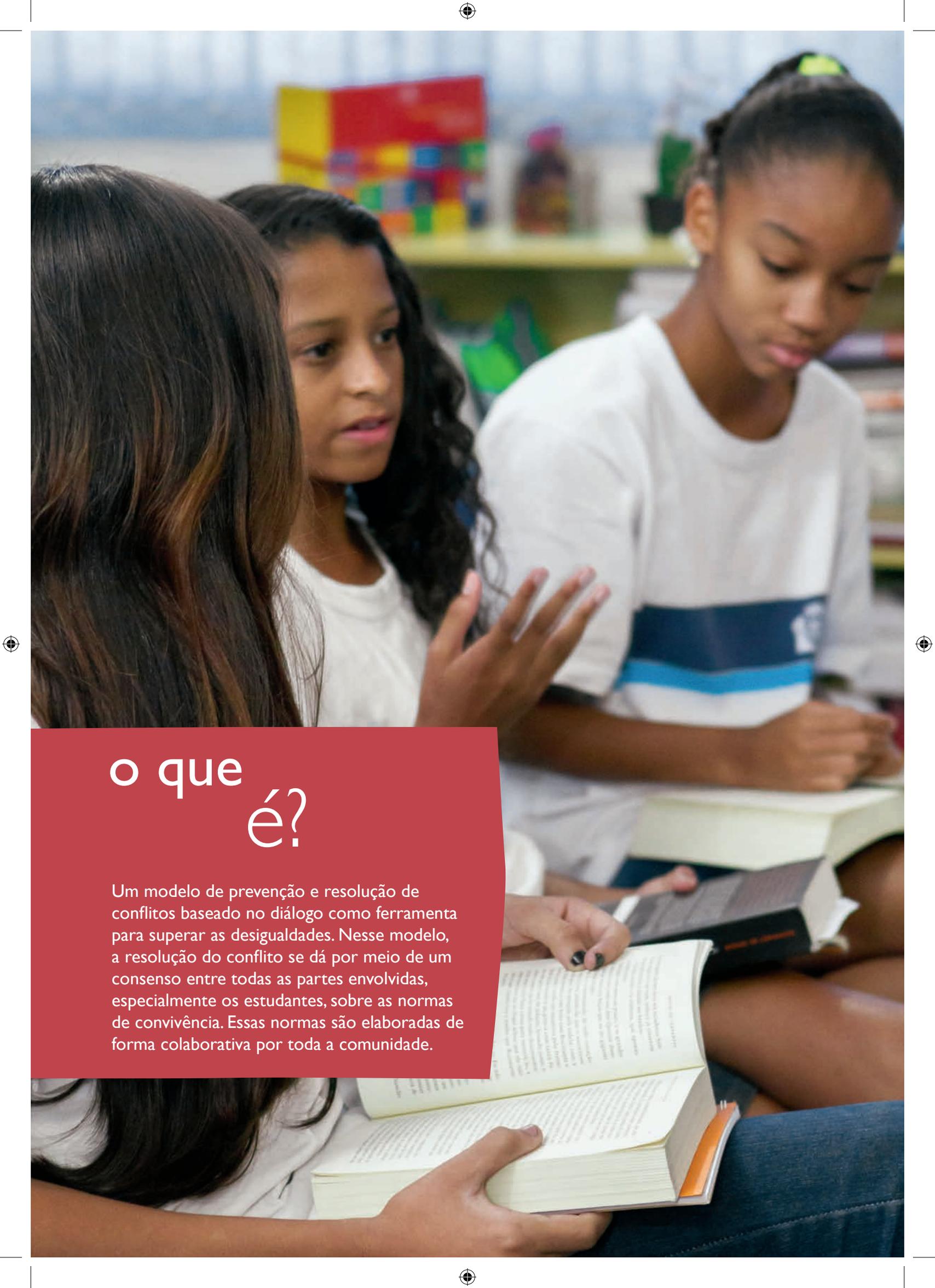
1. Programas de formação oferecidos a partir dos interesses dos professores ou de outros profissionais da escola.
2. Encontros com especialista sobre temas relativos à educação de filhos e filhas.

BENEFÍCIOS DA FORMAÇÃO DE FAMILIARES

- Melhora os resultados acadêmicos dos estudantes.
- Favorece a superação da desigualdade social.
- Oferece oportunidade de estudos às pessoas que tiveram menos chances na sua trajetória de vida.
- Cria interações entre a escola e a família.
- Desenvolve maior cumplicidade entre famílias e escola na formação dos estudantes, bem como maior confiança das famílias na escola e nos professores.
- Atrai outras pessoas adultas para a formação, aumentando a participação da comunidade na escola.
- Melhora a vida dos estudantes e das famílias, que, por conseguinte, passam a atuar de forma diferenciada em outros espaços da comunidade, colaborando para transformá-los em algo melhor.
- Transforma a vida dos participantes.



Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflito

A photograph of three young women in a library or classroom. They are sitting on the floor, looking at books and talking. The woman in the foreground is holding an open book. The woman in the middle is gesturing with her hand while talking. The woman in the background is also looking at a book. The background shows shelves with books and a colorful display.

o que é?

Um modelo de prevenção e resolução de conflitos baseado no diálogo como ferramenta para superar as desigualdades. Nesse modelo, a resolução do conflito se dá por meio de um consenso entre todas as partes envolvidas, especialmente os estudantes, sobre as normas de convivência. Essas normas são elaboradas de forma colaborativa por toda a comunidade.

Introdução

Existem várias formas de atuação diante dos conflitos, que podemos agrupar em três modelos: disciplinar, mediador e dialógico.

MODELO DISCIPLINAR

A partir da sociedade industrial, o modelo mais desenvolvido para lidar com conflitos nas escolas ou preveni-los tem sido o **modelo disciplinar**, que é baseado em hierarquias e no papel da autoridade (professor, coordenador e diretor), sobre a qual incide a responsabilidade de manter a convivência. Nesse modelo, as normas são estabelecidas por pessoas investidas de autoridade que estabelecem as normas e as aplicam, sem a participação dos estudantes, e aplicadas verticalmente, ou seja, de cima para baixo. Em outras palavras, a autoridade toma as decisões e as demais pessoas devem se comportar de acordo com elas. A garantia do cumprimento das regras é conseguida por meio de sanções, contra quem as infrinja ou tenha condutas inadequadas, como a advertência oral, escrita, a suspensão das aulas por alguns dias, o encaminhamento para programas alternativos e, nos casos mais graves, a transferência ou a expulsão da escola.

As medidas punitivas muitas vezes rotulam alguns estudantes como “briguentos”, “violentos” ou “desajeitados”, o que pode reforçar estereótipos e levá-los a interiorizar essas características que lhes são atribuídas. Além disso, sejam medidas temporais ou definitivas, as punições não oferecem a possibilidade de reflexão sobre ações que poderiam ser acordadas em conjunto e os comportamentos que poderiam ser modificados.

MODELO MEDIADOR

Caracteriza-se pela presença de um especialista para mediar o conflito entre as partes e oferecer respostas que atendam a uma norma já estabelecida. A mediação, nesse caso, consiste em buscar uma resposta ao conflito já existente. Ainda que, nesse modelo, as normas também sejam definidas por uma autoridade, sua aplicação é horizontal.

O modelo mediador delega a responsabilidade de resolver situações de conflito a pessoas especializadas, que devem manter a imparcialidade durante as resoluções para que os implicados no conflito não se sintam prejudicados ou adequadamente considerados.

Ao especialista, cabe auxiliar os indivíduos a alcançarem um acordo mutuamente aceitável, de caráter consensual. É uma forma de intervenção em que os envolvidos têm a chance de retomar a comunicação quando o conflito já está instalado, não atuando diretamente em sua prevenção.

É preciso que as escolas sejam espaços seguros para todos os estudantes, espaços em que possam aprender, crescer e se relacionar em liberdade e igualdade. O Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos permite a melhora da convivência tanto dentro da escola quanto no conjunto da comunidade educativa.

MODELO DIALÓGICO

O fundamento deste modelo está assentado sobre o diálogo, envolvendo todos os atores implicados direta (estudantes, professores, coordenadores, direção) e indiretamente (familiares e comunidade). Trata-se aqui, de colocar em prática o princípio do diálogo igualitário, em que todas as pessoas, independentemente da cultura, do nível acadêmico, etc, têm a capacidade de intervir e opinar na busca de soluções consensuais. Neste modelo, todos têm oportunidades iguais para se expressar e participam conjuntamente tanto da criação das normas de funcionamento da escola quanto da forma de resolver os conflitos, criando assim um maior entendimento e sentido para todos os envolvidos. Além disso, quando um número expressivo de atores da comunidade escolar está envolvido para pensar soluções para os conflitos na escola, a agilidade e assertividade dessas é igualmente maior.

Portanto, por meio deste procedimento, consegue-se, não somente resolver conflitos pontuais, como também, o mais significativo, prevenir os possíveis conflitos futuros.

Em um ambiente complexo como a escola, a responsabilidade e a capacidade de gerenciar a convivência não pode se limitar a algumas autoridades, nem a um especialista, mas deve ser estendida a todos os estudantes, professores e pessoas da comunidade. Trata-se de superar as posições de poder (tão presentes no modelo disciplinar) e abrir caminho para as relações igualitárias.

O Modelo Dialógico representa um passo a mais para prevenir problemas de convivência. Isso não significa que os modelos anteriores sejam substituídos completamente, mas, sim, que eles, por si só, não erradicam esses problemas.

Criar oportunidades de diálogo (em assembleias, conselhos, reuniões de classe, comissões, etc.) evita conflitos. Isso requer o envolvimento de toda a comunidade para estabelecer as causas e origens dos conflitos e suas soluções, enquanto o conflito ainda está latente.

A **ética procedimental** estabelece que a eficácia das decisões ou dos acordos não depende tanto de seu conteúdo (uma ou outra norma), mas principalmente do procedimento com que se chegou a ele: o consenso. Quanto mais pessoas, e mais diversas elas forem, mais argumentos existirão, e, em consequência disso, maior a possibilidade de obter normas válidas para todos.

A **democracia deliberativa**, por sua vez, baseia-se na ideia de que o diálogo e o consenso superam a votação e o confronto entre diferentes opiniões. Em uma votação, duas ou mais posições se enfrentam e se estabelece, democraticamente, a maioria. No entanto, em uma deliberação, por meio de argumentos, é possível modificar uma posição ou apresentar-lhe alternativas, de modo a chegar a um consenso.

FOCO NA ATENÇÃO À VÍTIMA NO MODELO DIALÓGICO DE PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Em uma situação de conflito ou de violência no contexto escolar é muito comum que a atenção em um primeiro momento seja direcionada ao agressor. O estudante que cometeu a violência verbal ou física é encaminhado à diretoria, recebe advertências ou suspensões, de forma que seu papel simbólico de “valentão” ou “rebelde” sai fortalecido. Desta forma, a transgressão às normas do respeito e da boa convivência levam o estudante a receber o tipo de atenção que muitas vezes busca atrair com seu comportamento.

No Modelo Dialógico, cabe à escola e aos educadores, ao contrário, adotar práticas de atendimento e atenção à vítima, de forma que ela e não seu agressor recebam atenção e atendimento prioritários.

Nenhum tipo de violência na escola deve ser naturalizado ou aceito sob nenhuma justificativa. Por exemplo, entre crianças pequenas, morder ou atirar objetos nos colegas não deve ser tolerado ou entendido como algo aceitável em função da faixa etária, mas, sim, ensinado como um comportamento indesejado.

Da mesma forma, não é admissível banalizar a violência de forma que essa seja vista como inevitável ou parte da cultura, aceitando por exemplo que os meninos tenham comportamentos explosivos ou sexualmente agressivos com as meninas.

Como todo comportamento humano, a violência e o desrespeito com o outro são aprendidos e adotados socialmente conforme são ou não aceitos. Por isso, é papel da escola adotar práticas pedagógicas que ensinem em todos os espaços a boa convivência e o respeito como norma.

Quando a escola se cala diante de qualquer tipo de violência, um importante ensinamento está sendo transmitido, o de que a intimidação e o desrespeito são instrumentos possíveis para o manejo dos conflitos.

Desta forma, é fundamental que a escola não seja cúmplice de ações violentas, e com isso, reprodutora de comportamentos agressivos que se desdobrarão em padrões sociais nefastos, como, por exemplo, a violência contra a mulher e contra as minorias sexuais.

Os educadores devem ensinar aos estudantes que sofrerem agressão a não continuar se relacionando com o agressor em face da continuidade do tratamento desrespeitoso, mas apenas quando este se retratar e mudar o seu comportamento.

Quando estudantes, familiares e professores têm a oportunidade de opinar e participar conjuntamente da gestão da escola, da criação de normas e da resolução de conflitos, a convivência na escola e na comunidade melhora qualitativamente.



Condições para a construção consensual de normas

Para que todas as normas sejam respeitadas e exercidas por todos, é imprescindível que estudantes, professores e comunidade estejam de acordo com elas. É possível organizar um procedimento específico para estabelecer um consenso para uma norma, ou um conjunto delas, em toda a comunidade.

O procedimento de consenso consiste em uma deliberação da comunidade educativa ao redor da criação de normas, começando por aquela que todos se comprometam a cumprir. O objetivo desse modelo dialógico é que toda a escola e a comunidade em geral construam o conjunto de normas (regulamento da escola) de forma consensual e compartilhada, seguindo algumas condições importantes. Para ajudar na compreensão de cada uma dessas condições, apresentamos o exemplo de uma norma adotada em uma Comunidade de Aprendizagem.

NORMA: NENHUM ESTUDANTE PODE SER INSULTADO OU AGREDIDO PELA SUA FORMA DE SE VESTIR.

Para eleger uma norma que represente a opinião de todos os envolvidos (estudantes, professores, gestores e comunidade em geral), é importante que ela cumpra determinadas condições:

Que tenha relação direta com um tema importante na vida de meninos e meninas.

Trata-se de buscar normas que incidam diretamente na vida dos estudantes, que ajudem a resolver problemas reais de convivência. A maioria das normas que propomos está centrada em necessidades percebidas pelos professores ou demais pessoas adultas (como a pontualidade e o cuidado com o material). Para que uma norma seja escolhida por consenso, é preciso, em primeiro lugar, que ela seja relevante para o conjunto dos estudantes.

Que tenha o apoio verbal de toda a sociedade.

Todos concordam e apoiam, ao menos no plano do discurso, que a norma é essencial à boa convivência, dentro e fora da escola. Por exemplo, ainda que haja controvérsias em relação ao modo de vestir de cada um, é preciso que todos se posicionem contra agressões motivadas pelas roupas que as pessoas usam.

Que seja frequentemente quebrada na escola, apesar de ter o apoio verbal de toda a sociedade.

Nas escolas, é frequente que as meninas se sintam agredidas quando os meninos levantam suas saias, mas esse tipo de comportamento, lamentavelmente, é visto como normal, como “coisa de menino”.

Que responda a um comportamento possível de eliminar.

A norma precisa especificar claramente o comportamento conflitante, de modo que ele se torne facilmente identificável e possível de ser mudado.

Que, com a superação do conflito, a comunidade dê um exemplo à sociedade, aos familiares, professores, gestores e estudantes.

Com o consenso de uma norma, não apenas se soluciona o conflito concreto, como também se promove a capacidade da comunidade de resolver qualquer conflito futuro, o que é um bom ponto de partida para criar outras normas e compreender que o entendimento é possível.

COMO ASSEGURAR O DIÁLOGO E A PARTICIPAÇÃO DE TODA A COMUNIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS NORMAS DA ESCOLA

Para decidir e respeitar a norma, propõe-se um processo dialógico², que pode durar algumas semanas, baseado nos sete passos a seguir e na participação de toda a comunidade.

PASSO I

Como Organizar uma Comissão Mista³ para debater e propor uma norma para o conjunto da comunidade.

Por quê e para quê Para garantir que todos estejam representados no processo de consenso das normas em um processo dialógico, baseado na busca dos melhores acordos, nos quais o que vale são os argumentos das pessoas e não o cargo que ocupam na escola ou na comunidade.



CONSULTE

2. Capítulo *Aprendizagem Dialógica*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Participação Educativa da Comunidade*



PASSO 2

Como Expor a proposta da norma em uma **assembleia**³ com toda a comunidade, na qual todos debatam com a máxima participação possível.

Por quê e para quê Para que todas as pessoas da comunidade tenham a oportunidade de ouvir e/ou participar da elaboração das normas. Ainda que em uma assembleia nem todos participem, é imprescindível oferecer espaços para que a comunidade possa debater, acordar e decidir de forma democrática.

PASSO 3

Como Membros da Comissão Mista difundem a norma, **distribuindo-a por todas as salas**, onde os representantes de classe recolherão comentários, reflexões e propostas de mudanças para que seja possível assegurar o cumprimento da norma.

Por quê e para quê Como a norma eleita deve ter relação direta com um tema importante na vida dos estudantes, é imprescindível que ela seja debatida com todos os meninos e meninas da escola.

PASSO 4

Como Os representantes de classe **debatem a concretização da norma** e sua aplicação com o apoio dos membros da Comissão Mista.

Por quê e para quê Nesse momento visibiliza-se, com maior clareza, que a escola está adotando outra maneira de trabalhar, a de construir de forma conjunta: tomam-se decisões com a participação coletiva para a formulação de uma proposta comum.

PASSO 5

Como **Convoca-se uma assembleia** na qual os representantes de classe explicam aos professores, familiares e comunidade o resultado de suas deliberações. Também recolhem as avaliações desses agentes, levando-as de volta para suas respectivas classes na presença do professor e de um representante da Comissão Mista.

Por quê e para quê É muito importante dar a oportunidade de participação em todo o processo, especialmente nesse momento de chegada a um consenso definitivo. É também o momento de comprometer as pessoas com a norma que elas mesmas construíram.



CONSULTE

**3. Capítulo Atuações
Educativas de Êxito -
Participação Educativa
da Comunidade**

PASSO 6

Como Reescreve-se a norma de acordo com as sugestões dadas na assembleia. A nova versão é entregue às classes na presença do professor e de um representante da Comissão para validação e começa-se a aplicá-la **mediante a monitoria de toda a comunidade**. Sempre que necessário a norma é revisada.

Por quê e para quê Para que todos sejam responsáveis pelo cumprimento da norma, é preciso que sua aplicação e revisão sejam feitas continuamente entre todos. Dessa forma, é possível que as atitudes de todos se tornem exemplos para todos e que a comunidade seja capaz de resolver qualquer conflito futuro.

PASSO 7

Como Todo esse processo é acompanhado por formação realizada mediante Tertúlias Dialógicas³, fóruns e outras atividades.

Por quê e para quê Para garantir o desenvolvimento desse Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos, é importante que sejam propostas atividades nas quais as pessoas possam entender todos os conceitos que o embasam: ética procedimental, democracia deliberativa, diálogo igualitário, etc.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Formação Pedagógica Dialógica e Tertúlia Dialógica*

NOVAS

Ideias

para guardar

Socialização preventiva da violência nas relações

Boa parcela dos problemas de convivência que acontecem nas escolas tem sua origem nas relações de gênero, ainda que para os professores, educadores, mães e pais esses conflitos possam parecer de outra natureza. Não identificá-los corretamente impede que os responsáveis adultos possam dar respostas adequadas a eles, pois um ambiente seguro e livre de conflito é imprescindível para a aprendizagem dos estudantes.

Para oferecer uma educação que desenvolva nos estudantes relações saudáveis e igualitárias, é preciso considerar o que diz a comunidade científica internacional e evitar os muitos erros hoje encontrados nas escolas.

A seguir, são destacados os principais aspectos – identificados pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades, o CREA⁶ e outros estudos científicos relevantes – a ser trabalhados com os estudantes para a superação e prevenção de conflitos, especialmente aqueles relacionados com a violência de gênero, nos espaços de diálogos que cabe à escola promover (assembleias, comissões, etc).

O estudo sobre a socialização preventiva da violência nas relações pode acontecer em momentos de Formação Pedagógica Dialógica. Dessa forma, professores e diretores contribuem para a construção de um novo modelo de relações dentro e fora das escolas.



CONSULTE

6. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*

Se o amor e a atração são sociais, por meio do diálogo é possível transformar o desejo, de modo a vinculá-lo não à violência, mas a modelos igualitários.

O CARÁTER SOCIAL DO AMOR

A pesquisa pioneira de Jesús Gómez (2004) sobre a socialização no amor e na atração, identificou que a atração é o resultado de interações sociais e não um determinismo biológico. Seus estudos demonstram que a maioria das socializações (ainda que não sejam as únicas) promovem a vinculação entre atração e violência e desencorajam modelos de relação igualitária. Por exemplo, muitos agentes socializadores, como filmes, novelas e seriados, “vendem” como modelos masculinos atraentes aqueles mais agressivos ou mesmo violentos; poucos são os mais solidários e abertos a diálogos.

A articulação simbólica entre violência e representação social de masculinidade desdobra-se em efeitos sociais perversos para homens e mulheres. O Brasil está entre os países que mais cometem violência contra a mulher; em 2014, foram recebidas 52.957 denúncias de violência contra a mulher. E na última década cerca de 44 mil mulheres foram assassinadas no país.

Este tipo de comportamento afeta também os meninos cujas taxas de evasão escolar são as mais altas (37,9% - dados do IBGE/2011), atribuídas em grande parte aos padrões que relacionam agressividade e indisciplina com estereótipos masculinos de poder.

As discriminações ocorrem ainda mais fortemente no que se refere a estudantes com orientações sexuais ou identidades de gênero que não se encaixam nos estereótipos considerados “normais”. Estudantes homossexuais ou transgêneros são, ao longo de sua vida estudantil, submetidos a todo tipo de violência física e psicológica, que se convertem em evasão escolar e exclusão social.

Diante disso, é fundamental que a escola assuma seu papel de instituição formadora em valores, não admitindo a intolerância a qualquer tipo de diferença e atuando para a convivência que favoreça relações equânimes e solidárias.

A ideia de que o amor e a atração são fruto das interações sociais significa que os modelos violentos de atração são reforçados pela sociedade, mas também que esse tipo de socialização pode mudar. A socialização preventiva da violência de gênero consiste em motivar interações sociais que promovam a atração pelos modelos igualitários e a rejeição dos modelos violentos. Trata-se, portanto, de potencializar as socializações que transmitam a igualdade como algo atrativo e excitante.

Assim, a valorização e apoio ao estudante agredido numa relação de conflito, são importantes para essa mudança de postura, uma vez que, tradicionalmente dá-se mais atenção ao agressor (a) por meio das sanções e reprimendas, que só o colocam em destaque, em detrimento do agredido (a).

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

A diferença fundamental entre sentimentos e emoções é a duração: as emoções podem ser pontuais, enquanto os sentimentos tendem a permanecer por mais tempo. Às vezes se reforça uma dicotomia entre a intensidade (das emoções) e a permanência no tempo (dos sentimentos): onde há sentimentos (amizade, amor duradouro), não existe ou há menos intensidade emocional. Essa perspectiva errônea obriga a eleger entre uma coisa e outra.

É possível destacar dois erros da educação emocional proposta em muitas escolas:

1. Muitas realizam trabalhos que reforçam a expressão das emoções, mas se esquecem de trabalhar os sentimentos.
2. Com a melhor das intenções, trabalham exercícios específicos de educação emocional baseados em propostas de contato físico. Algumas vezes conseguem resultados opostos ao desejado (distantes do desenvolvimento, da confiança e amizade) e podem contribuir para perpetuar casos de assédio.

Mais importante que as emoções são os sentimentos, que incluem e reforçam as emoções positivas. As amizades e amores (sentimentos) que têm meninas e meninos, terão uma influência enorme em sua vida pessoal, acadêmica e profissional futura. Por isso, é fundamental que a escola fomente o sentimento de amizade. A amizade não se ensina, mas é motivada em atividades cotidianas baseadas no diálogo igualitário² e na igualdade de diferenças², nas quais estudantes se conhecem e se ajudam diariamente.

Por exemplo, nos Grupos Interativos³: quando os estudantes estão fora das aulas, aquele que ajudou ou aquele que recebeu ajuda, durante a atividade em sala, já não é mais um “outro” que se pode ignorar, mas um amigo ou amiga a quem proteger e ajudar.

O IDEAL DO AMOR ROMÂNTICO

Quanto ao sentimento de amor, há uma confusão desastrosa, baseada em ocorrências e não em evidências científicas, que consiste em responsabilizar o amor romântico ou os contos de “príncipes e princesas” pela violência nas relações entre meninos e meninas. Na literatura científica sobre o amor romântico, não existe nenhuma evidência disso. Nos contos que estimulam a ideia do amor romântico, não há nenhum príncipe que maltrate a menina de quem está enamorado e nenhuma princesa que se apaixone por alguém que a maltrate. O que é possível encontrar nesses contos são modelos tradicionais, estereotipados, dos papéis masculino e feminino, aspectos que precisam ser trabalhados, mas não são eles a causa

De um lado a linguagem da ética, que representa o que é bom e o que dizem os pais, mães e professores; de outro, o que desejam meninas e meninos e como atuam em consequência de seus desejos. A linguagem do desejo é a linguagem do gosto, do desejável, do atraente.



CONSULTE

2. Capítulo *Aprendizagem Dialógica*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Grupos Interativos*

“Ao contrário de ‘ideologias’ ou ‘doutrinas’ sustentadas pela fundamentação de crenças ou fé, o conceito de gênero está baseado em parâmetros científicos de produção de saberes sobre o mundo. Gênero, enquanto um conceito, identifica processos históricos e culturais que classificam e posicionam as pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder. É, nesse sentido, que o conceito de gênero tem sido historicamente útil para que muitas pesquisas consigam identificar mecanismos de reprodução de desigualdades no contexto escolar (...)

Quando se reivindica, então, a noção de “igualdade de gênero” na educação, a demanda é por um sistema escolar inclusivo, que crie ações específicas de combate às discriminações e que não contribua para a reprodução das desigualdades que persistem em nossa sociedade. Falar em uma educação que promova a igualdade de gênero, entretanto, não significa anular as diferenças percebidas entre as pessoas (o que tem sido amplamente distorcido no debate público), mas garantir um espaço democrático onde tais diferenças não se desdobrem em desigualdades. Exigimos que o direito à educação seja garantido a qualquer cidadã ou cidadão brasileiro e, para isso, políticas de combate às desigualdades de gênero precisam ser implementadas. (...)”

Manifesto pela igualdade de gênero na educação: por uma escola democrática, inclusiva e sem censuras – Elaborado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e assinado por 113 pesquisadores e grupos de estudos.

da violência de gênero. É fato que os programas de prevenção de violência de gênero centrados exclusivamente em superar estereótipos sexistas não conseguiram erradicá-la.

O amor romântico, sobre a base do respeito, não fomenta a violência de gênero. As adolescentes que buscam encontrar meninos que se apaixonem por elas e creem nesse ideal têm mais probabilidade de estabelecer relações igualitárias do que aquelas que não acreditam que o amor existe ou que associam a atração à violência.

MASCULINIDADES ALTERNATIVAS

A prevenção da violência nas relações também requer que se trabalhe o tema da masculinidade a partir da rejeição de modelos violentos e da promoção de masculinidades não violentas.

No campo das relações heterossexuais, distinguem-se três tipos de modelos: masculinidade tradicional dominante, masculinidade tradicional oprimida e novas masculinidades alternativas (Flecha, Puigvert & Ríos, 2013).

A masculinidade tradicional dominante se baseia no domínio sobre as mulheres e no menosprezo por elas. É a masculinidade criadora da violência de gênero.

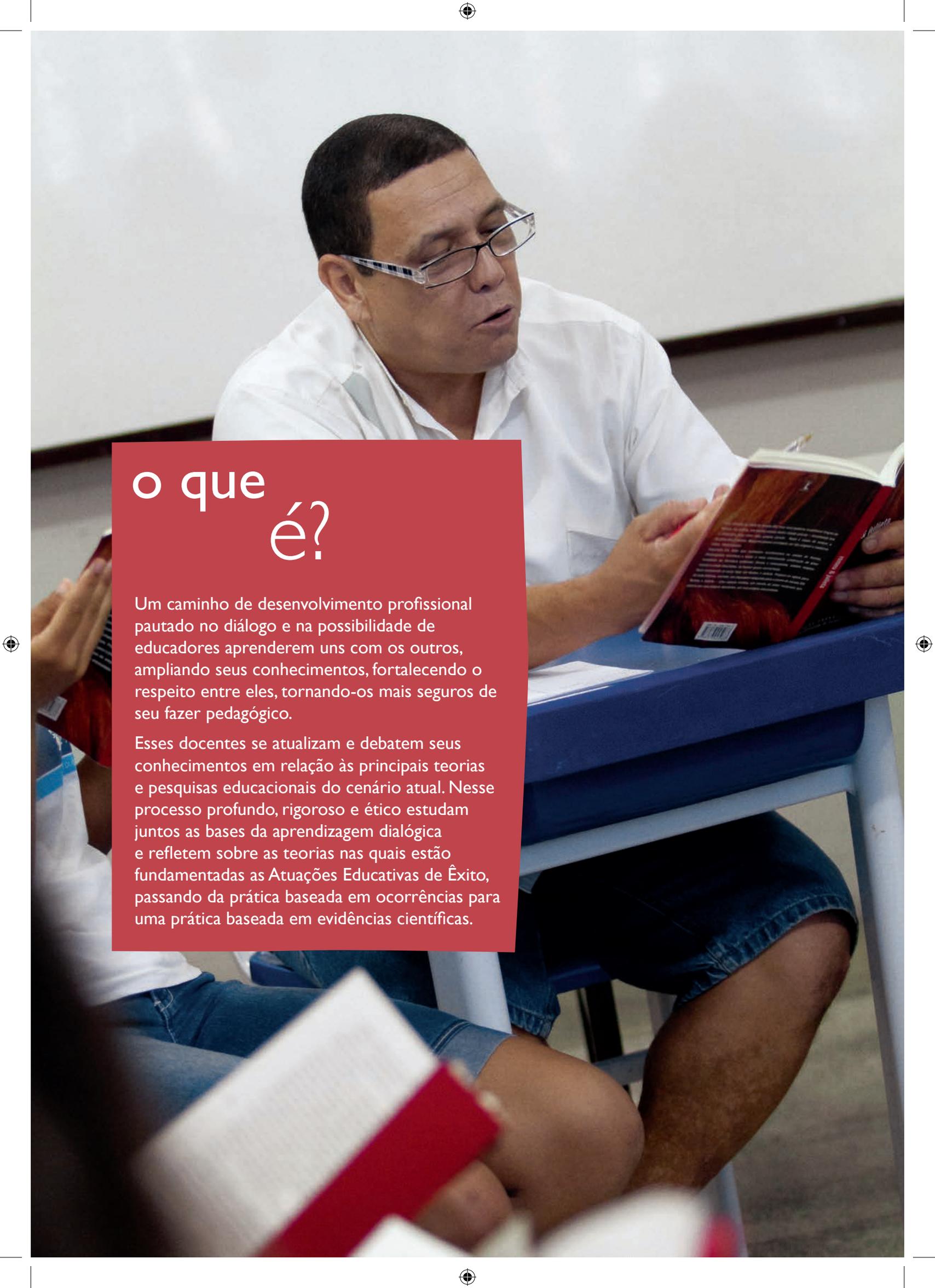
A masculinidade tradicional oprimida é aquela que desenvolve relações mais igualitárias com mulheres, mas não é considerada atrativa. Não é a causa da violência, mas sua condição de oprimida não contribui para a superação da violência de gênero, e a sua falta de atração alimenta a existência da masculinidade dominante.

As novas masculinidades alternativas rompem com essa dicotomia de opressor e oprimido, pois são modelos “convenientes” e excitantes. São homens que não rejeitam valores como a coragem, mas tampouco aceitam relações com mulheres que buscam os meninos “bonzinhos” depois de se divertirem com os meninos “maus”. Esse modelo de masculinidade alternativa é o que realmente rompe com a violência de gênero, uma vez que quebra o vínculo entre atração e violência.

A teoria da socialização preventiva da violência de gênero [desenvolvida pelo CREA] coloca ênfase no papel central do processo de socialização nas relações afetivo-sexuais e nos modelos de atração e escolha, ou seja, quem atrai, quem não atrai, quem escolher, quem não e por quê. Parte-se do caráter social do amor e dos diferentes componentes que influem em sua construção [...]. Considera-se que através do diálogo é possível intervir nos processos de socialização e modificar os gostos e as preferências que influenciam as escolhas nas relações afetivo-sexuais. (Chistou & Ríos, 2010)



Formação Pedagógica Dialógica

A man with short dark hair and glasses, wearing a white button-down shirt, is seated at a blue desk in a classroom. He is looking down at an open book with a red cover. The background shows a whiteboard and other desks. The text is overlaid on a red rectangular box.

o que é?

Um caminho de desenvolvimento profissional pautado no diálogo e na possibilidade de educadores aprenderem uns com os outros, ampliando seus conhecimentos, fortalecendo o respeito entre eles, tornando-os mais seguros de seu fazer pedagógico.

Esses docentes se atualizam e debatem seus conhecimentos em relação às principais teorias e pesquisas educacionais do cenário atual. Nesse processo profundo, rigoroso e ético estudam juntos as bases da aprendizagem dialógica e refletem sobre as teorias nas quais estão fundamentadas as Atuações Educativas de Êxito, passando da prática baseada em ocorrências para uma prática baseada em evidências científicas.



Introdução

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

As Atuações Educativas de Êxito que acontecem nas escolas que são Comunidades de Aprendizagem estão fundamentadas em contribuições teóricas da comunidade científica internacional¹. Do mesmo modo, a formação dos professores, vista como uma dessas atuações, não pode basear-se em discussões veiculadas em artigos de jornais e revistas. Não há problema em ter opiniões pessoais, desde que estas não sejam tratadas como conhecimento científico.

Para se alcançar uma prática de qualidade, é fundamental que os professores se atualizem nos espaços formativos em relação aos conhecimentos científicos da área, assim como é esperado que os médicos se atualizem desde sua formação inicial. Quando a formação dos professores se reduz a estudos não científicos, corre-se o risco de oferecer uma educação sem rigor, que terá consequências negativas para a vida dos estudantes.

Para um melhor entendimento dessa proposta e de seu funcionamento, indicamos a leitura da seção *Tertúlia Dialógica*, presente neste caderno.



CONSULTE

I. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*

As bases científicas permitem que os professores tenham bons argumentos, não só opiniões pessoais, para justificar sua prática perante as famílias e outras instâncias, tais como a Secretaria de Educação do município ou estado. No diálogo com as famílias, amplia-se o conhecimento dos responsáveis sobre a educação dos filhos, e eles passam a valorizar esses encontros. As trocas com outros educadores também ficam mais ricas quando se fundamentam em argumentos científicos.

Nessa perspectiva, é certo que os professores precisam conhecer as principais teorias na área da Educação e, em se tratando de Comunidades de Aprendizagem, construir conhecimento específico para o trabalho com as Atuações Educativas de Êxito. Além disso, precisam vivenciar os princípios da Aprendizagem Dialógica, teoria que embasa o projeto, para melhor exercê-los no dia a dia com os estudantes, colegas e comunidade em geral. A Formação Pedagógica Dialógica constitui-se um excelente espaço para a vivência do diálogo igualitário; para o reconhecimento da inteligência cultural de todos; para ocorrerem transformações pessoais e sociais que se iniciam na equipe pedagógica, mas que se expandem para outros espaços onde esses docentes atuam para além da sala de aula; para a vivência da solidariedade entre todos; para o desenvolvimento da dimensão instrumental, já que aprendem cada vez mais e melhor uns com os outros; e para o respeito a cada um em sua forma de ser, agir e pensar, reconhecendo as diferenças entre todos como uma potencialidade.

É necessário ter critérios para escolher quais livros e autores ler, já que o tempo e o ritmo de trabalho na escola não deixam muito espaço e disposição para isso. Neste capítulo, sugerimos o estudo de autores que são extremamente relevantes para a história da educação e, ao mesmo tempo, fundamentais no embasamento das Comunidades de Aprendizagem. Entre eles estão: Vygotsky, Freire, Bruner e Habermas.



CONHECIMENTO ESPECÍFICO PARA O TRABALHO COM AS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO

Um aspecto importante na formação dos professores que trabalham com as Atuações Educativas de Êxito é conhecer a especificidade de cada uma delas: como acontecem, que ganhos proporcionam e quem pode participar. Existem diferentes formas de aprofundar e atualizar esse conhecimento:

- Conhecer o referencial teórico em que estão embasados os princípios da Aprendizagem Dialógica².
- Estudo de textos, artigos científicos, relatórios de pesquisa disponíveis na *internet*, apreciação de vídeos com depoimentos de diferentes participantes ou entrevistas com especialistas em Comunidade de Aprendizagem (consulte a biblioteca do portal da Comunidade de Aprendizagem).
- Contato com professores de outros centros educativos que implementaram as Atuações Educativas de Êxito e alcançaram melhores resultados de aprendizagem.
- Estudo deste caderno.
- Realização de cursos a distância (EAD) no Portal Comunidade de Aprendizagem.

As Tertúlias Pedagógicas potencializam as interações entre os professores e fomentam processos essenciais à melhora da prática pedagógica, como a reflexão e o pensamento crítico. Durante essa atividade de estudo, os professores buscam conjuntamente soluções para os problemas do dia a dia da escola e refletem sobre a prática com as Atuações Educativas de Êxito.

Um dos princípios da Aprendizagem Dialógica, o diálogo igualitário², deve ter destaque na formação dos professores que atuam em escolas que são Comunidades de Aprendizagem ou que colocam em prática uma ou mais Atuações Educativas de Êxito.

Para tanto, são garantidos momentos de estudo utilizando as sugestões acima, pautados no modo de funcionar da leitura dialógica:

1. Experiência subjetiva do material que está sendo estudado.
2. Reflexão intersubjetiva e interpretação coletiva.
3. Reflexão e reinterpretação.

Para que a qualidade da educação melhore, é primordial cuidar para que sejam banidos atos comunicativos de poder, nos quais privilegia-se a fala pela posição que a pessoa ocupa; que o diálogo igualitário aconteça pautado em argumentos, privilegiando-se atos comunicativos dialógicos (Soler e Flecha, 2010) com toda a comunidade escolar (familiares, professores, funcionários, estudantes). Essa é uma forma de os professores vivenciarem os valores que estão ensinando.

O material de formação em Comunidade de Aprendizagem é formado por 2 cadernos:

Este Caderno que você está lendo, composto por:

- Capítulo 1
Comunidade de Aprendizagem
 - Capítulo 2
Aprendizagem Dialógica
 - Capítulo 3
Atuações Educativas de Êxito
 - Capítulo 4
Fases de Transformação
 - Capítulo 5
Voluntários na Escola
 - Capítulo 6
Atividades de Estudo
- e um Caderno de Formação.



CONSULTE
2. Capítulo *Aprendizagem
Dialógica*

Essa prática favorece o pensamento crítico dos professores, o desenvolvimento de sua capacidade de argumentação, o respeito entre os colegas, a disponibilidade para ouvir diversas opiniões e fortalece a equipe, tanto do ponto de vista do conhecimento, como das relações entre todos.

A formação dos professores deve ser avaliada em função de sua incidência na melhora dos resultados (convivência, valores, sentimentos, aprendizagens instrumentais) e da contribuição dos conhecimentos estudados para o aprimoramento da prática.

ESTUDOS TEÓRICOS

Infelizmente, o estudo teórico é, muitas vezes, tido como uma tarefa exaustiva, desinteressante, distanciada do cotidiano da sala de aula. Em função disso, muitas vezes, acaba-se recorrendo a autores que leram os originais e produzem livros falando sobre o teórico e determinada teoria, como que a traduzir para que os demais possam compreender; outra prática comum, é recorrer a artigos ou especiais de revistas especializadas em Educação, onde se tem acesso em uma linguagem bem mais simples, ao que o jornalista entendeu do que o teórico quis dizer. Essas saídas nos colocam a armadilha de não termos certeza do que estava dito pelo teórico e a insegurança para comentar sobre o assunto.

Mas nas práticas de Tertúlia Pedagógica essa dificuldade é dissipada. Autores que parecem difíceis são muito mais acessíveis quando lidos com outras pessoas, compartilhando as ideias, relacionando-as com a prática e construindo o conhecimento conjuntamente. Se o objetivo é melhorar a base teórica dos professores, é preciso estudar. E, estudando juntos, aprende-se mais facilmente e melhor!



Lev Vygotsky (1896-1934)

Psicólogo soviético que estudou a psicologia infantil e suas implicações pedagógicas e elaborou a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem.

A tese fundamental da perspectiva sociocultural é que o desenvolvimento cognitivo das pessoas está intimamente relacionado com a sociedade e a cultura. Por isso, Vygotsky dá muita importância para a dimensão social e interpessoal na constituição do sujeito. Um de seus conceitos mais importantes é o da Zona de Desenvolvimento Proximal, que diz respeito a tudo aquilo que a criança pode aprender quando tem o apoio educacional adequado. Outra contribuição de Vygotsky é a relação que ele estabelece entre pensamento e linguagem, dedicando um livro inteiro a esse assunto.



Paulo Freire (1921-1997)

Educador e filósofo brasileiro, desenvolveu a teoria da ação dialógica. Segundo Freire, estamos constantemente em diálogo com o mundo, com os outros, e, nesse processo, nos criamos e recrimos.

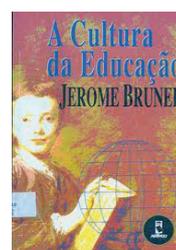
O livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1968 que o tornou mundialmente conhecido, é uma de suas diversas publicações. Destacou-se por seu trabalho na área de educação popular; voltada tanto para a escolarização como para a consciência política. Seu último livro, publicado em vida, em 1996, *Pedagogia da Autonomia*, é uma obra que conversa diretamente com os educadores e suas práticas.

Em 2012, foi declarado Patrono da Educação Brasileira.



Jerome Bruner (1915)

Norte americano de família polonesa, formou-se em psicologia e foi professor de universidades como Harvard e Oxford, consideradas entre as melhores do mundo. Pioneiro na psicologia cognitiva, escreveu muitos trabalhos sobre educação. Para Bruner, a educação é um processo dialógico, uma forma de diálogo a partir da qual o estudante aprende a construir conceitualmente o mundo, com o apoio dos adultos.



Jürgen Habermas (1929)

Filósofo e sociólogo alemão, é um estudioso da teoria crítica, sendo o principal herdeiro das discussões da Escola de Frankfurt. Considerado um dos mais importantes intelectuais contemporâneos.

Desenvolveu a teoria da Ação Comunicativa, baseada na premissa de que todas as pessoas têm capacidades de linguagem e de ação. Graças a essas capacidades de linguagem, todos podem atuar de forma comunicativa, contribuindo com argumentos para o diálogo².

* Os textos acima foram elaborados a partir da obra de A. Aubert et al., *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información* (Barcelona: Hipatia, 2008).



CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem Dialógica



Como organizar encontros de Formação Pedagógica Dialógica?

Os encontros de formação de professores podem ser organizados de diversas maneiras, a depender do conteúdo que se pretende abordar e dos objetivos a alcançar.

Geralmente, a primeira etapa de formação, nas escolas que desejam se transformar em Comunidades de Aprendizagem, é a chamada Semana de Sensibilização⁴. Durante 20 horas, a equipe da escola, estudantes, familiares, entre outras pessoas da comunidade interessadas em participar, conhecem as principais teorias educativas que embasam a proposta e as Atuações Educativas de Êxito. Toda a formação é coordenada por profissionais especialistas, pertencentes a uma rede validada pelo CREA¹.



CONSULTE

4. Capítulo *Fases da Transformação*

1. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*

Após essa etapa inicial com profissionais externos, é muito importante que os encontros de formação continuem, podendo acontecer entre a equipe de uma mesma escola ou em reuniões com professores de diferentes escolas. A troca de experiências entre os professores é fundamental. Para isso, podem-se organizar encontros, presenciais ou virtuais, para que os docentes compartilhem suas experiências (relatos orais ou escritos, vídeos, fotos) e possam juntos debater sobre as contribuições das atuações para a melhora dos resultados de todos os estudantes.

Em alguns momentos, podem ser convidados formadores externos, especialistas em determinado assunto e estudiosos da Aprendizagem Dialógica; porém, na maior parte do tempo, o estudo é conduzido pela equipe da própria escola, criando-se uma cultura de autoformação contínua.

O objetivo principal é aprofundar o conhecimento dos professores nas bases teóricas da Comunidade de Aprendizagem. Para isso, é necessário estudar a fundo os autores de referência, dividir experiências com outras escolas que também estão implementando Atuações Educativas de Êxito e dialogar bastante entre todos, de modo a estimular a troca e a construção conjunta de conhecimento.

Uma das formas de organizar esses encontros de formação são as Tertúlias Pedagógicas. A dinâmica de funcionamento da Tertúlia Pedagógica é igual a da Tertúlia Literária; a diferença está no gênero do texto lido. Enquanto na literária se leem clássicos da literatura, na pedagógica são lidos os livros dos autores mais importantes na área da educação, sempre recorrendo às fontes originais.

Orientações e dicas para organizar Tertúlias Pedagógicas

Aqui foram consideradas especificamente as Tertúlias Pedagógicas. Leia o capítulo Atuações Educativas de Êxito - *Tertúlias Dialógicas* para conhecer a dinâmica e a forma de organização desses encontros.

I. ANTES

LEITURA INDIVIDUAL

Como A equipe pedagógica da escola (professores, diretores e coordenadores, etc), lê o texto escolhido e seleciona trechos que gostaria de compartilhar no momento da Tertúlia.

Por quê e para quê Essa leitura aprofunda os conhecimentos pedagógicos, oferecendo as bases teóricas das Atuações Educativas de Êxito.

A Tertúlia Dialógica Pedagógica é uma proposta de estudo relevante para a formação dos professores e muito frequente nas escolas que são Comunidades de Aprendizagem. Uma professora de São Carlos, após participar de Tertúlias com o livro "Formação Social da Mente", de Vygotsky, afirmou: "estudei tanto a Zona de Desenvolvimento Proximal e só agora, na Tertúlia Pedagógica, é que entendi direito do que se trata."



2. DURANTE

DISCUSSÃO SOBRE O TEXTO

Como Após a leitura, em um momento de formação, os participantes compartilham os trechos que chamaram sua atenção, relacionando aspectos teóricos com a prática educativa e as experiências cotidianas vividas na escola. Ao mesmo tempo, buscam soluções coletivas com base na vivência dos que participam da Tertúlia e no que se aprende com a leitura dos textos. Dessa forma, constroem um novo conhecimento a partir da interação entre todos.

Por quê e para quê A construção coletiva do conhecimento se baseia no diálogo igualitário² sobre a leitura.

O exercício de leitura compartilhada proporciona aos participantes a oportunidade de discutir a respeito das práticas educativas, recorrendo sempre a evidências e às fontes primárias.



CONSULTE

2. Capítulo *Aprendizagem Dialógica*

A dialética entre a prática e a teoria deve ser plenamente vivida nos contextos teóricos de formação, para buscar a razão de ser das coisas. A formação continuada é uma reflexão crítica da prática que se apoia na dialética entre a prática e a teoria. (Freire, 1994)

3. DEPOIS

REFLEXÃO SOBRE O TEXTO

Como A partir da discussão feita entre todos, os participantes refazem suas interpretações sobre o texto e refletem sobre sua prática.

Por quê e para quê As reflexões conjuntas incorporam ao debate diferentes pontos de vista, sempre expostos por meio da argumentação. Dessa forma, o processo de formação proporciona a todos uma maior compreensão intersubjetiva do conhecimento que está sendo discutido.

Esse processo de compreensão possibilita relacionar teoria e prática, permitindo que os participantes aprendam estratégias e competências necessárias à prática docente.



Ideias para guardar

Formação Pedagógica Dialógica

O QUE É

1. Aproximar professores do saber científico na área da Educação, garantindo o acesso às fontes originais.
2. Incentivar o diálogo igualitário entre os professores, de modo que possam emitir suas opiniões com argumentos pautados em bases científicas relevantes para a área. O conhecimento se constrói na interação entre os professores.
3. Planejar os encontros de formação de acordo com as necessidades e possibilidades de cada escola. O importante é garantir que os professores conheçam os fundamentos das Atuações Educativas de Êxito e o funcionamento de cada uma delas.
4. Compreender que a formação é um processo contínuo, que deve ser conduzido pela própria equipe da escola, visando criar uma cultura de autoformação.
5. Realizar encontros para ampliar os conhecimentos dos educadores interessados, por meio da leitura e análise conjunta de algum texto relevante na História da Educação.

O QUE NÃO É

1. Oferecer aos professores materiais, como artigos, que tragam interpretações facilitadas de textos científicos na área da educação.
2. Organizar cursos conduzidos por especialistas que ensinem aos professores o que eles devem saber sobre determinado assunto.
3. Planejar modelos fechados de encontros de formação a ser reproduzidos em diferentes lugares.
4. Considerar que a formação de professores só é possível com a presença de um especialista e, portanto, oferecer apenas alguns encontros durante o ano.
5. Realizar encontros somente com participantes que conhecem muito bem o livro escolhido para estudo e análise.



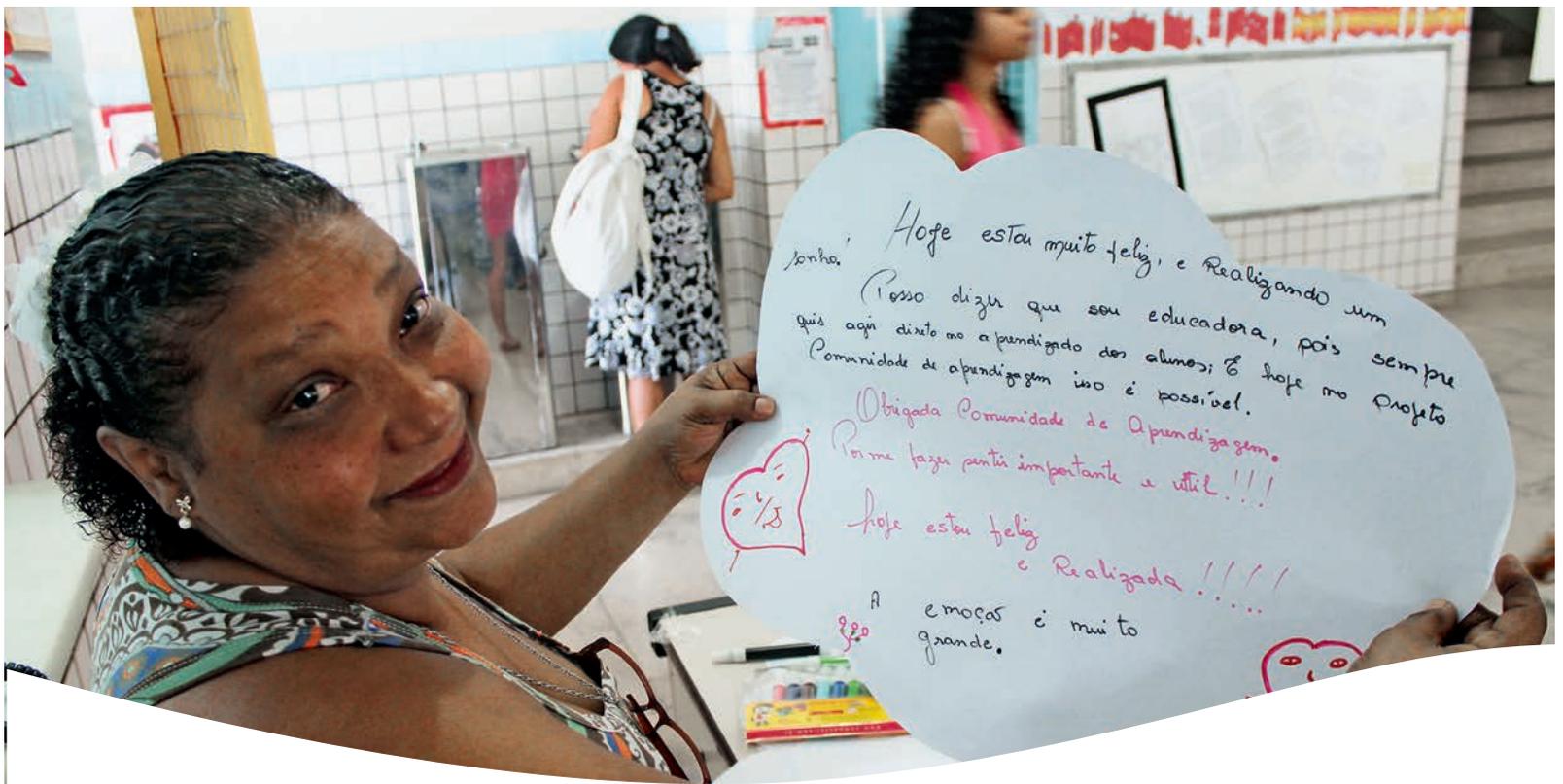
The background is a solid green color with a pattern of overlapping, light green outlines of various leaf shapes. The leaves are scattered across the page, creating a textured, organic feel. The text is centered in the middle of the page.

Fases de Transformação



o que são?

É o processo pelo qual a escola passa para ser uma Comunidade de Aprendizagem. Nesse processo, todas as pessoas envolvidas conhecem os objetivos a serem alcançados e se comprometem com sua realização. As escolas que optam pela transformação, abrem suas portas para a comunidade (familiares, agentes comunitários, vizinhos, etc) e sonham juntas uma educação de qualidade que supere o fracasso escolar e os problemas de convivência. As fases necessárias para que a transformação aconteça são: sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento.



Introdução

Neste capítulo você encontrará informações básicas sobre as fases de transformação pelas quais a escola passa para tornar-se uma Comunidade de Aprendizagem¹.

Iniciamos nossa conversa com uma apresentação deste processo e seus ganhos para a escola, os estudantes e a comunidade.

A transformação de uma escola demanda a realização de cinco fases (sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento) bem como a implantação das Atuações Educativas de Êxito³ no cotidiano escolar, descritas neste caderno.

Descreveremos cada uma dessas fases e como elas acontecem (“Como organizar as fases de transformação da escola?”), com orientações de dicas que consideramos necessárias para que esse processo ocorra da melhor forma possível.

O objetivo é aumentar a quantidade e a qualidade das interações entre os estudantes e as outras pessoas da comunidade escolar, conduzindo a uma melhora visível dos resultados de aprendizagem para todos.

Tudo isso implica uma mudança de cultura em que a gestão da escola, incluindo as decisões educativas, passa a ser compartilhada com toda a comunidade escolar: professores, outros profissionais da escola, famílias, agentes da comunidade, vizinhos e quem mais queira participar.



CONSULTE

1. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*
3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito*



Como se organiza uma Comunidade de Aprendizagem?

A organização das Comunidades de Aprendizagem tem as seguintes características:

- É democrática, horizontal, reconhece as vozes de todas as pessoas da comunidade e favorece o diálogo igualitário, que dá mais valor aos argumentos do que a quem fala ou a sua posição; nas decisões, buscam-se consensos.
- Baseia-se na participação de toda a comunidade em todos os espaços e em todas as atividades que acontecem na escola, com ênfase especial nas atividades de aprendizagem.
- Submete-se às prioridades definidas pela comunidade e todas as decisões são tomadas por todos, considerados como iguais.

Uma escola com essas características está dirigida para a transformação social e educativa, buscando melhores resultados para todos os estudantes. Colocando em prática as Ações Educativas de Êxito, ampliam-se o tempo de aprendizagem e as interações e criam-se novos espaços de estudo para os estudantes fora do horário letivo, além de se abrirem espaços de formação para os familiares de acordo com as necessidades da comunidade. As mudanças que acontecem nas escolas chegam às casas dos estudantes e transformam o entorno.

Todas as pessoas são vistas como capazes de desenvolver ao máximo suas capacidades, portanto, nessas escolas cria-se um clima de altas expectativas, tanto em relação aos estudantes como às famílias, aos professores e à comunidade. Todas as pessoas possuem habilidades importantes de ser aprendidas pelos estudantes, e estas podem ser revertidas para o trabalho na escola. A reflexão, o diálogo e a participação de todos os agentes favorecem o enriquecimento mútuo.

Com a transformação da escola, a convivência também melhora, uma vez que estudantes, professores e familiares aprendem a respeitar valores diferentes dos seus. Em um ambiente de ajuda e solidariedade, em que estão envolvidas pessoas adultas diversas, os conflitos diminuem e incentiva-se o desenvolvimento emocional dos estudantes.

O processo de transformação

As escolas que decidem tornar-se Comunidades de Aprendizagem podem passar por esse processo de transformação de diferentes formas. Embora as fases estejam claramente definidas, cada instituição passa por elas de maneira única, respeitando suas particularidades e/ou necessidades.

Em cada uma das fases coloca-se em prática uma série de ações que promovem a transformação da escola, sempre com a orientação principal de alcançar os melhores resultados para todos os estudantes. Essa orientação, mais do que uma adaptação das circunstâncias que já existem, é a chave que define o êxito de todo o processo.

O processo de transformação não termina no planejamento; os sonhos permanecem e as pessoas que passam a fazer parte da Comunidade de Aprendizagem os revisitam sempre que necessário – é um processo contínuo. Quando todos os sonhos são alcançados, a escola volta a sonhar.

Durante mais de vinte anos, a maioria das escolas que optou por se transformar, tomou essa decisão graças à participação de algum membro da equipe escolar em uma conferência, encontro, seminário ou espaço formativo, onde conheceu o projeto e, ao voltar à escola, sentiu vontade de compartilhar com os colegas o que aprendeu a respeito das contribuições da comunidade científica internacional. No entanto, essa não é a única via que leva as escolas a se converterem em Comunidades de Aprendizagem. Também há casos em que, desde o início, a decisão de saber mais sobre a proposta é tomada pela direção da escola; em outros casos, as próprias famílias têm a oportunidade de conhecer o projeto e passam a sonhar em transformar as escolas de seus filhos. Também pode acontecer de a própria Secretaria de Educação tomar a iniciativa de colocar a informação e a formação ao alcance das escolas, para que elas, então, decidam se querem ou não tornar-se Comunidades de Aprendizagem.

As fases de transformação da escola

SENSIBILIZAÇÃO

As pessoas que realizam a formação em Comunidade de Aprendizagem têm que conhecer bem as bases científicas dessa proposta, incluindo seus fundamentos psicológicos e sociológicos, estudos sobre gênero, entre outros, e conhecer as Atuações Educativas de Êxito que a comunidade científica internacional demonstrou contribuir para o sucesso educativo e a melhora da convivência. (Flecha & Garcia, 2007)

O objetivo da sensibilização é colocar à disposição de todas as pessoas interessadas, os conhecimentos científicos de diferentes áreas (sociologia, psicologia, antropologia) em que estão embasadas as Comunidades de Aprendizagem e as Atuações Educativas de Êxito. A partir do momento em que todos têm acesso a esse conhecimento, professores, familiares e outras pessoas da comunidade educativa podem refletir, debater e escolher se querem ou não transformar a escola. A inclusão das famílias e de outras pessoas nessa fase enriquece a reflexão e o debate e contribui para a consolidação do projeto, uma vez que se trata da transformação global da escola e, para que se efetive, necessita do envolvimento de toda a comunidade educativa.

Como acontece Inicialmente, há uma formação intensiva de 16 horas da qual participam necessariamente toda a equipe da escola e outras pessoas que possam se interessar: familiares, membros da comunidade, outros profissionais da escola e até estudantes, dependendo de como a escola se organizou para essa fase. A sensibilização tem como finalidade apresentar o projeto, as bases teóricas da Aprendizagem Dialógica, que é a concepção na qual o projeto está fundamentado, e as Atuações Educativas de Êxito que a comunidade científica internacional comprovou serem atuações que melhoram de forma impactante os resultados de aprendizagem e convivência nas escolas. Por meio desses estudos, promove-se reflexão conjunta entre todos os interessados, contribuindo para que avaliem se o que é proposto em Comunidade de Aprendizagem pode ser interessante e eficaz para a melhoria da sua escola. Complementando essas 16 horas iniciais, há um encontro de 2 horas, aberto a toda a comunidade, que visa garantir que quem não teve oportunidade de participar da formação mais longa, tenha a chance de entender minimamente a proposta para ajudar a refletir e tomar a decisão. Além disso, a partir do momento que a escola opta por se tornar uma Comunidade de Aprendizagem, são dedicadas horas mensais de estudo, aprofundamento, avaliação do processo, com o acompanhamento de um formador certificado.

Tanto no Brasil como nos países da América Latina, há profissionais que participam de um curso de aprofundamento em Comunidade de Aprendizagem, coordenado pelo Instituto Natura, e tais profissionais, devidamente certificados, ficam aptos para fazer Sensibilizações e o acompanhamento da implementação.



TOMADA DE DECISÃO

É a fase em que toda a comunidade educativa decide se quer ou não transformar a escola em Comunidade de Aprendizagem. A decisão não deve ser fruto de um consenso somente entre professores, embora o façam primeiro; deve contar também com o consentimento das famílias e da comunidade educativa em geral. Nesse sentido, a tomada de decisão representa em si mesma um processo formativo, uma vez que é realizada de forma democrática e envolve a participação de

professores, agentes da comunidade escolar, familiares e estudantes. A partir do diálogo e da busca de consensos, todos se comprometem com a transformação da escola e inicia-se o processo.

Como acontece

- 1.** A equipe gestora e os professores tomam a decisão. Pelo menos 80% dos docentes deve estar de acordo com a proposta. Isso não significa que todos precisam atuar diretamente com as práticas da Comunidade de Aprendizagem, mas é necessário que, pelo menos, não se oponham a elas.
- 2.** Realiza-se uma ou mais assembleias de familiares e, se possível, com os demais funcionários da escola e outras pessoas da comunidade interessadas em ajudar. A participação de todos os familiares é muito importante, por isso, muitas vezes as escolas realizam mais de um encontro, em horários diferentes para atingir o maior número possível de familiares. Nessas assembleias, apresenta-se aos familiares a proposta de Comunidade de Aprendizagem, abrindo-se então um espaço de decisão no qual os pais votam a favor ou contra a implementação do projeto.
- 3.** Desde o início do envolvimento da escola com o projeto é importante que as famílias tenham oportunidade de saber sobre o interesse da escola. Para tanto, é importante que em todos os momentos (reuniões de pais já programadas, conversas individuais, realizações de campanhas agendadas, festas, etc) planeje-se uma maneira de informar sobre o projeto e já anunciar a data, ou datas, em que haverá a apresentação mais detalhada para a comunidade.





SONHO

Muitas vezes, o processo de sonhar ajuda a superar resistências e barreiras entre os professores e as famílias, que, pela primeira vez, tomam consciência de que ambos têm os mesmos objetivos.

Uma vez que a comunidade decidiu transformar-se, inicia-se a fase do sonho. É a etapa mais emocionante, pois é nesse momento que a escola começa a se transformar de maneira real. Tal como afirma Ramón Flecha (Vieites, 2006), “os sonhos são possíveis; melhorar a realidade sem sonhos é impossível”. Todos os exemplos históricos de grandes mudanças sempre tiveram como ponto de partida o sonho das pessoas. Paulo Freire (1997) dizia que a educação precisa tanto de educação técnica, científica e profissional como de sonhos e utopias. A Comunidade de Aprendizagem é um projeto que leva em conta todas as vozes da comunidade, que nasce do sonho das pessoas em relação à escola que todo mundo quer: familiares, docentes, estudantes, funcionários da Secretaria de Educação, etc. Não há lugar para discursos vazios: a escola que se planeja para todos os estudantes é a mesma que queremos para nossos filhos e filhas. O lema dessa fase é: sonhar sem limites. Essa fase é central ao processo, é o ponto de partida para que as expectativas de pais e mães em relação aos seus filhos, de professores e demais funcionários da escola e dos próprios estudantes em relação a eles mesmos, sejam alcançadas, de modo que aprendam e cheguem aos melhores resultados. Por isso, é importante que todo mundo sonhe, participe e tenha a oportunidade de compartilhar seus ideais, sempre com o objetivo de melhorar a educação de todos.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade*

É importante revisitar os sonhos, revisá-los, ver quais já foram alcançados e quais não. Depois de um certo tempo, é provável que a escola embarque em uma nova etapa de sonho. Isso sucede quando os sonhos já foram realizados, quando mudam muitas famílias ou quando a comunidade decide que é conveniente. É um processo contínuo, porque sempre há novos objetivos a serem perseguidos, novas metas, novos sonhos, novas possibilidades, novas oportunidades.

Como acontece Uma Comissão Mista³ que contém pelo menos uma pessoa de cada segmento da comunidade escolar (professores, familiares, estudantes, funcionários e outros agentes) planeja como recolher e juntar os sonhos de todos. Para isso, podem ser organizadas grandes assembleias de sonhos, reuniões mais pontuais ou múltiplas estratégias. Fica a critério da criatividade de cada escola. O sonho responde à pergunta: que escola queremos para que todos aprendam mais e melhore a convivência? Os sonhos podem parecer muito diversos, porém, ao analisá-los, todos se dão conta de que têm um sonho comum e essencial, mesmo que expresso de maneira diferente: querem uma educação de qualidade.

Na escola, os sonhos podem ser criados por turmas de estudantes, no grupo de professores, no grupo dos outros profissionais (faxineira, porteiro, cozinheira, secretária), e depois socializados entre todos.

Na Escola Ruy Nazareth, em São José do Rio Preto, SP, que atende 700 estudantes, pensou-se numa forma de garantir que todos sonhassem. A primeira coleta de sonhos foi feita por sala. Nesse dia, as mães da Comissão Mista colaboraram com as professoras ajudando a organizar o trabalho em todas as salas. Cada estudante compartilhava seu sonho e juntos escolhiam três. Desse modo, conseguiram que todos compartilhassem seus sonhos e que tivessem um diálogo franco e sincero no momento de escolher quais eram os sonhos de cada sala.

É fundamental que as famílias também participem dessa etapa, e a melhor forma de convidá-las vai depender da realidade de cada escola – contanto que se garanta a participação do maior número de pessoas. O essencial é criar condições para que todos se sintam convidados a sonhar a escola que querem para seus filhos e filhas e a compartilhar

seus sonhos. É possível também diversificar os canais de comunicação, caso algumas famílias não possam participar de encontros presenciais. A fase do sonho não precisa limitar-se a uma reunião ou assembleia; pode durar algumas semanas para assegurar a participação de todos.



Depois de passar por uma fase plena de desejos e utopias, chega o momento de pensar o que e como se pode fazer, por onde começar, que sonhos serão realizados primeiro. Essa etapa é fundamental para a qualidade e o envolvimento do trabalho posterior. Nela, selecionam-se as prioridades em função do contexto, ou seja, é importante conhecer e considerar a realidade da escola que está se transformando. Cada escola tem sua realidade concreta, seus recursos próprios, e para decidir por onde começar é preciso avaliar quais recursos estão disponíveis, quais sonhos são os mais urgentes e quais podem esperar. É importante que as pessoas não se sintam impotentes frente à distância que existe entre a realidade e a situação a que se quer chegar. Com a participação de todos, muitos sonhos que antes pareciam impossíveis tornam-se possíveis.

Como acontece Uma Comissão Mista³ se encarrega de analisar os sonhos e organizá-los. Como na maioria das escolas a quantidade de sonhos é grande e o tempo de que a escola dispõe é pequeno, sempre vale a pena separá-los com antecedência em categorias. São criadas categorias conforme as ideias da Comissão Mista, porém, a experiência tem demonstrado que sempre aparecem categorias como: cultural, pedagógica, infraestrutura, convivência, etc. É interessante tentar estabelecer de três a quatro categorias, no máximo, pois dessa divisão é que se formarão as novas Comissões Mistas que trabalharão para levar os sonhos adiante. Nesse processo, é importante reconhecer as prioridades e os sonhos de todos os agentes envolvidos, considerando as aprendizagens dos estudantes e o diálogo entre todas as pessoas da comunidade, bem como, é aconselhável tomar nota de sonhos que tenham sido citados muitas vezes, pois mostra-se relevante para aquela comunidade e essa pode ser uma informação importante para as discussões seguintes e para a fase de planejamento.

SELEÇÃO DE PRIORIDADES

 **CONSULTE**
3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito – Participação Educativa da Comunidade*

A gestão das escolas como Comunidades de Aprendizagem acontece por meio da formação de Comissões Mistas de trabalho. Estas são formadas por professores, estudantes, familiares e outras pessoas da comunidade. Cada comissão tem uma função específica, relacionada às categorias de sonhos da comunidade. Podem ter várias Comissões Mistas e uma Comissão Gestora, integrada por representantes de cada Comissão Mista e pela equipe gestora da escola. As Comissões Mistas têm autonomia para propor, decidir e planejar, mas suas deliberações devem passar sempre pelo Conselho Escolar.

Devido à complexidade de alguns sonhos às vezes sua priorização se torna difícil. Há uma tendência a considerar, que sonhos claros e objetivos sejam mais fáceis de realizar a curto prazo e que aqueles mais complexos só poderão ser realizados a longo prazo e, algumas vezes, estes são relegados ao esquecimento. Para ajudar nessa equação entre pensar os sonhos do ponto de vista de sua complexidade e relevância para a melhora da aprendizagem e convivência na escola, a equipe do Instituto Natura utiliza uma tabela que facilita a visualização e a efetivação dessa tarefa.

Vejam os um exemplo:

	POUCO COMPLEXO	COMPLEXIDADE MÉDIA	MUITO COMPLEXO
Muita relevância	Mais passeios culturais/ pedagógicos	Todos se tratem com respeito no ambiente escolar	Compra de novas carteiras e cadeiras pela Secretaria de Educação
Média relevância		Mais festas na escola	
Pouca relevância			Piscina na escola





PLANEJAMENTO

Finalmente, após a seleção de prioridades, é necessário planejar junto com a comunidade os próximos passos. No projeto Comunidade de Aprendizagem, os sonhos não terminam em declarações de intenções, sem que se pensem e se organizem ações concretas que favoreçam sua realização. Na verdade, é nesta fase que se intensifica o trabalho nas Comissões Mistas, inicia-se a implementação das Atuações Educativas de Êxito e, por conseguinte, as ações para captar e formar voluntários.

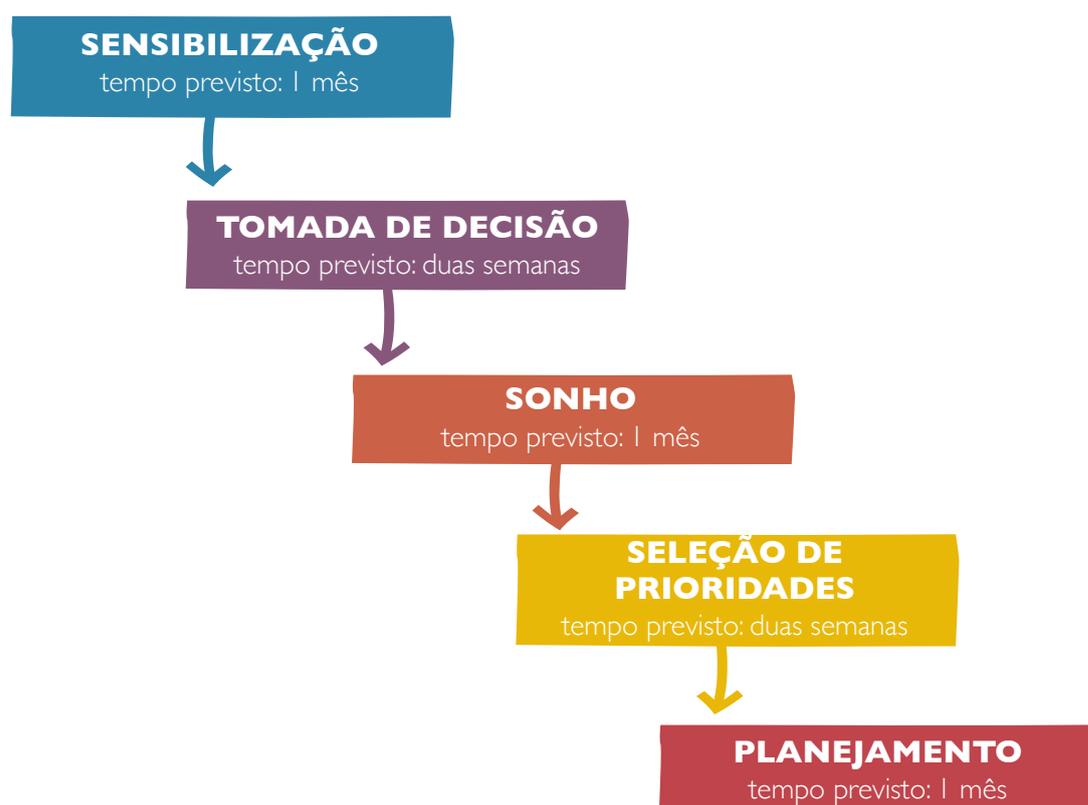
Como acontece Nessa fase é elaborado o plano de transformação. Para isso, a escola pode convocar uma assembleia na qual a Comissão Mista responsável pela seleção de prioridades apresentará o trabalho que fez de organização dos sonhos em categorias, revelando a todos as categorias que pensaram e quais seriam as Comissões Mistas necessárias para seguir adiante na realização da transformação da escola. A ideia é que nessa assembleia consiga-se formar diferentes Comissões Mistas de trabalho, com responsabilidades distintas, para tornar realidade os sonhos de toda a comunidade, entre eles, a implementação das Atuações Educativas de Êxito, que serão a alavanca para a melhoria da aprendizagem e da convivência entre todos.

As comissões devem respeitar uma série de princípios, tais como: ser formadas por pessoas diferentes; acolher todos que queiram participar; assegurar que todos tenham voz, independentemente de quem sejam; delegar responsabilidades às pessoas, potencializando assim sua autonomia e possibilitando que a transformação ocorra de forma mais rápida e eficaz, já que existirão várias pessoas envolvidas. Caso nessa assembleia não se consiga formar novas Comissões, é possível iniciar os trabalhos com a que foi formada para conduzir a fase do sonho, enquanto as demais vão se estruturando.

Alguns exemplos de Comissão Mista são: Comissão da Aprendizagem, Comissão de Voluntários, Comissão de Infraestrutura, Comissão de Relacionamentos, Comissão da Relação Família e Escola, Comissão de Reivindicações, Comissão de Biblioteca Tutorada, Comissão Pedagógica, etc.



Ideias para guardar

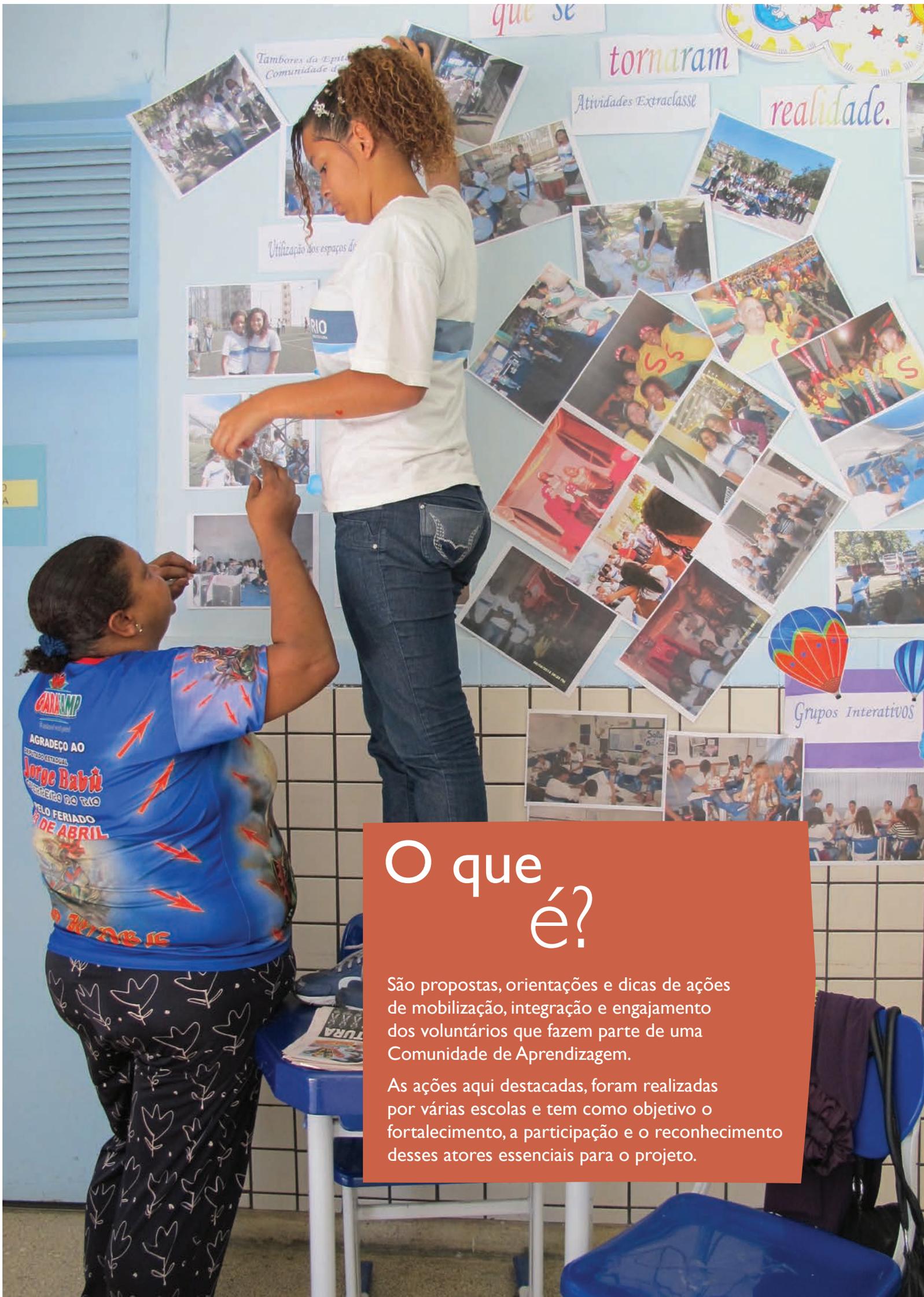


Para ser uma Comunidade de Aprendizagem, a escola deve implementar Atuações Educativas de Êxito. Quanto mais atuações forem colocadas em prática, mais rápido a escola chegará aos melhores resultados. As Atuações Educativas de Êxito são:

- Grupos Interativos
- Tertúlia Dialógica
- Biblioteca Tutorada
- Participação Educativa da Comunidade
- Formação Pedagógica Dialógica
- Formação de Familiares
- Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflito



Voluntários na Escola



O que é?

São propostas, orientações e dicas de ações de mobilização, integração e engajamento dos voluntários que fazem parte de uma Comunidade de Aprendizagem.

As ações aqui destacadas, foram realizadas por várias escolas e tem como objetivo o fortalecimento, a participação e o reconhecimento desses atores essenciais para o projeto.



Introdução

Em uma Comunidade de Aprendizagem, o papel dos voluntários é fundamental.

Sabemos que o projeto Comunidade de Aprendizagem parte da premissa de que, para melhorar a aprendizagem dos estudantes, é preciso aumentar o número de interações que eles vivenciam, assim como sua qualidade. Quando uma escola decide se transformar e abrir as portas para a entrada da comunidade, amplia as interações ali presentes, possibilita que outras inteligências entrem naquele lugar, criando, assim, um sentimento de corresponsabilização pela educação e aprendizagem de todos os envolvidos: estudantes, funcionários, professores, familiares e comunidade em sua volta. Sendo assim, os voluntários que participam das ações dentro da escola são peças fundamentais para garantir a ampliação e o fortalecimento dessas interações.

Também sabemos que essa transformação começa com os sonhos de todos e, nesse momento, pais, mães, responsáveis legais, irmãos e irmãs, vizinhos, pessoas da comunidade e voluntários da escola têm uma participação muito importante nesse processo. Todos compartilham o sonho da escola que querem, criando um novo sentido para a aprendizagem, se envolvem e se comprometem nas ações que transformarão esses sonhos em realidade, por isso, oferecem seu tempo como voluntários nas Comissões Mistas, nos Grupos Interativos, na

CONSULTE
I. Capítulo Comunidade
de Aprendizagem

Biblioteca Tutorada ou qualquer outra Atuação Educativa de Êxito que possibilite a melhoria da aprendizagem e da convivência entre todos.

A ação voluntária, como o próprio nome diz, não é algo obrigatório. Pessoas da comunidade que se interessam por uma causa, uma meta ou um desafio investem seu tempo e dedicação para ajudar. É assim que acontece em uma Comunidade de Aprendizagem. O desafio, então, está em mobilizar a comunidade, para que ela se torne voluntária na escola. Para isso, é necessário pensar quais ações de integração e engajamento podem ser feitas para que exista uma participação verdadeira, que continue ativa no projeto, mesmo com o passar do tempo. Não existem receitas prontas.

Cada comunidade escolar organiza suas ações da maneira mais eficaz para atender suas necessidades e desejos. Mas, para ajudar, organizamos neste capítulo dicas importantes sobre como e o que fazer - e com algumas ações já feitas em escolas que são Comunidade de Aprendizagem e deram muito certo.

Qualquer pessoa pode participar como voluntária, não é preciso ter experiência nem formação acadêmica. Pode ser uma engenheira, um jovem que abandonou os estudos, um estudante universitário, uma avó analfabeta, etc. Quanto mais interações e mais diversas elas forem, mais oportunidades de aprendizagem podem ter os estudantes e mais contribuições importantes podem surgir para as decisões da escola.

É importante destacar que as propostas deste capítulo são sugestões de ações que podem acontecer nas escolas - e não etapas a serem seguidas. Quando a escola torna-se uma Comunidade de Aprendizagem¹, as pessoas que dela participam tomam decisões conjuntas para garantir que todos os sonhos e ações sejam realizados a partir do consenso de todos.

Assim, as propostas aqui colocadas podem e devem sofrer as alterações necessárias para atender as demandas da sua comunidade escolar.





Orientações e Dicas para as ações na escola

“Os pais estão vindo devagar (...) A minha comissão inclusive tem como objetivo chamar os pais (...) Eu sou funcionária, mãe e voluntária da escola, participo de tudo.”

Voluntária – GEC Eptácio Pessoa. Rio de Janeiro, RJ.

Ações de Mobilização

PARTICIPAR DAS FASES DE TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA

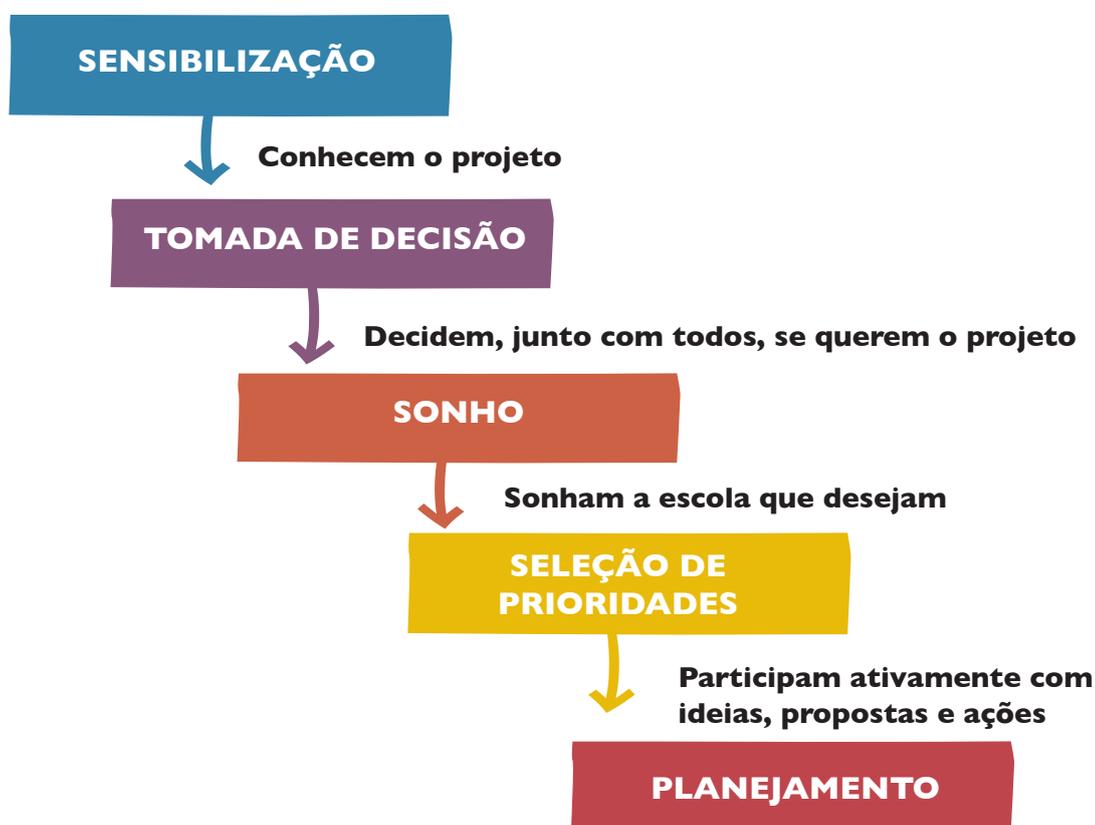
Como já dissemos antes, em uma Comunidade de Aprendizagem os voluntários são peças fundamentais. Por isso, é preciso mobilizar a comunidade para que venha fazer parte da escola. Como fazer isso? Ora, as Fases de Transformação⁴ pelas quais a escola passa já são momentos potenciais de mobilização da comunidade, uma vez que contam com a participação e envolvimento de familiares e comunidade para juntos refletirem e decidirem o que é melhor para a escola.



CONSULTE
4. Capítulo *Fases de Transformação*

Conte com a participação de todos para a tomada de decisões. Mesmo que a equipe da escola já esteja certa de que quer o projeto, a decisão só deve ser tomada quando for compartilhada com a comunidade e familiares.

Na etapa de Sensibilização a escola convida os familiares para conhecerem um novo projeto, apresenta a proposta e destaca a importância da participação de todos para seu sucesso. Na Tomada de Decisão, momento em que será definido se o projeto será implementado ou não, o debate é feito por todos os envolvidos e a decisão tomada em conjunto, não apenas pela equipe da escola. Na fase do Sonho, todos podem colocar suas aspirações e desejos de mudança. A Seleção de Prioridades e Planejamento também contam com a opinião, conhecimento e participação de todos – e isso é imprescindível para a boa implementação do projeto. Convide sua comunidade para participar das Fases de Transformação da escola, isso com certeza irá garantir a entrada dos primeiros voluntários na escola. Lembre-se: quanto maior e mais intensa for a participação dos voluntários e familiares nessas etapas, melhor e mais rápida será a transformação da escola.



Como o sucesso do projeto depende dos voluntários, muitas escolas que são Comunidade de Aprendizagem continuam realizando ações de mobilização durante o ano letivo.

ENVOLVER OS ESTUDANTES NAS AÇÕES DO PROJETO

- Elaboração de panfletos convidando pessoas para conhecerem o novo projeto da escola e participarem como voluntários. Os próprios estudantes ajudam na produção e distribuição dos panfletos para o comércio do entorno da escola, familiares, conhecidos e comunidade.

- Participação de estudantes e voluntários nas reuniões de pais para apresentar o projeto e para falar do importante papel que eles podem desempenhar.
- Estudantes que já participaram das Atuações Educativas de Êxito podem incentivar seus familiares a participar como voluntários.

CRIAR UMA COMISSÃO MISTA DE VOLUNTÁRIOS

- Criação de uma Comissão Mista³ que fique responsável pelas ações que tenham voluntários envolvidos. É preciso garantir que a comissão seja composta por diferentes atores - estudantes, professores, funcionários, familiares e gestão.
- Considerar os horários e disponibilidade de participação dos familiares para reuniões da Comissão Mista, eventos e ações de mobilização. Muitas vezes o melhor dia e horário para as pessoas da escola não é adequado para a participação da comunidade.
- Agendar encontros com diferentes organizações do entorno da escola: associações de bairro, cooperativas, faculdades, instituições religiosas para apresentar o projeto e convidar para serem voluntários.

DIVERSIFICAR AS FORMAS DE DIVULGAÇÃO

Garantir que a cultura da participação faça parte da escola por meio da divulgação de ações já desenvolvidas ou planejadas.

- Quando a escola iniciar o processo de transformação, fazer um comunicado por escrito para informar as possibilidades de participação, já que nem todos comparecem à mobilização.

Iniciamos em nossa escola o Projeto Comunidade de Aprendizagem com o objetivo de melhorar a convivência e a aprendizagem de todos. O envolvimento das famílias é fundamental e permitirá a participação em várias atividades.

Contamos com você!

Para nos organizarmos, caso você tenha disponibilidade, preencha os dados abaixo e nos envie:

Nome _____

Responsável pelo estudante _____ do ____ Ano

Dias da semana _____ Horário Disponível _____

Telefones para contato _____

- Representantes das Comissões Mistas podem se responsabilizar por afixar no comércio local, associações parceiras, postos de saúde e outras instituições públicas do bairro, cartazes como o exemplo abaixo:

Em uma escola no Rio de Janeiro foi realizado um evento muito especial para mobilização da comunidade: a Comissão Mista organizou uma caminhada pelas ruas do bairro e a produção de instrumentos de percussão, panfletos e cartazes nas oficinas da escola. O evento aconteceu em um sábado e contou com uma grande participação dos familiares dos estudantes.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Participação educativa da Comunidade*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Grupos Interativos*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Biblioteca Tutorada*

No município de Tremembé, SP, na Festa Junina, há uma barraca do voluntariado. Nela as pessoas podem conhecer o projeto, as atuações que precisam de voluntários e se inscrever para ajudar.

Organizar uma tabela de acompanhamento da ação dos voluntários na escola pode ajudar muito na organização da rotina escolar e nas ações que serão realizadas com eles ao longo do ano. Essa tabela pode conter os nomes, contatos e dias disponíveis de cada voluntário, a distribuição das Atuações Educativas de Êxito que contam com a presença deles em sala de aula e até mesmo observações para melhoria dessas ações.

Busque na biblioteca do portal possíveis modelos para esta tabela.

CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Grupos Interativos*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Biblioteca Tutorada*

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

PARA QUÊ?

Ajudar a tornar melhor a escola do seu bairro.

PARA QUEM?

Pessoas que possam comparecer à escola uma vez por semana, pelo período de duas horas.

QUE HABILIDADES PRECISA TER?

Desejo de colaborar para a melhoria da educação das crianças, adolescentes, jovens e adultos do seu bairro.

Disponibilidade para trabalhar de forma voluntária.

Compromisso e responsabilidade para cumprir a agenda combinada.

O QUE SE GANHA?

Satisfação por colaborar na transformação da sociedade em que vivemos.

Esperança de ver a superação das desigualdades sociais, por meio da educação.

Enriquecimento do seu currículo pessoal e profissional.

A QUEM PROCURAR?

Sr (a) _____

No horário das ___ às ____.

Diariamente, na secretaria da Escola _____.

Endereço: _____

- Colar cartazes na porta da escola com os horários que acontecem os Grupos Interativos³ e as Bibliotecas Tutoradas³. Dessa forma, familiares ou pessoas da comunidade que passam pela frente da escola e se interessam pelo projeto podem se inscrever nas atividades, conforme os horários que lhes forem mais adequados.
- Criar mídias digitais como *blogs*, grupos de redes sociais, etc. Estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola do Rio de Janeiro criaram um *blog* da escola e colocaram, ali, ações relacionadas ao projeto que acontecem no dia a dia escolar.
- Convidar voluntários para fazer contato com ex-alunos, por meio de telefonemas, *email*, recados, etc, para incentivá-los à participação como voluntários.
- Criar uma tabela com dados dos voluntários para ajudar na organização da rotina de implementação das Atuações Educativas de Êxito e agilizar o contato entre escola e voluntários, contendo: nome/tel/*email*/disponibilidade - dia, hora, frequência/em qual (is) ações participa.

Ações de Integração

Entendemos que as ações de integração são aquelas que vão desde esforços para a apresentação do projeto, aos voluntários da escola, de apoio as suas ações na escola e de formação sobre o que precisam saber para participar das Atuações Educativas de Êxito¹.

Para ser um voluntário em uma Comunidade de Aprendizagem é preciso:

CONHECER O PROJETO

Sempre que um novo voluntário chega à escola, é preciso que ele conheça o projeto Comunidade de Aprendizagem para que possa escolher como e quando participar.

Quem faz: Essa apresentação pode ser feita pela Comissão Mista de voluntários ou qualquer pessoa da comunidade escolar que se sinta confortável com esse papel - como, por exemplo, um funcionário da escola, um estudante, voluntários mais antigos, etc. O coordenador ou diretor da escola também possuem um papel importante nesta ação, pois sua presença e participação trazem legitimidade ao projeto e confiança aos participantes.

Como faz: Pode acontecer em uma conversa informal durante uma visita à escola, ou então em um momento mais geral, como por exemplo um evento de apresentação do projeto a novos voluntários interessados. Algumas escolas optam por realizar esses grandes eventos no início dos semestres letivos. Outras deixam as apresentações do projeto, que ocorrem sempre que necessárias, a cargo da comissão de voluntariado.

Material de apoio: Ao final deste capítulo há uma sugestão de pauta para apresentação do projeto e um esclarecimento sobre o papel dos voluntários. Você também pode indicar a leitura da seção “O que é” ou o curso a distância “Participação Educativa da Comunidade”, ambos no portal da Comunidade de Aprendizagem.

CONHECER SUAS RESPONSABILIDADES E AS NORMAS DA ESCOLA

Uma exigência principal que deve ser cumprida pelo voluntário é seu compromisso obrigatório e com os dias e horários combinados. Porém, sua participação é flexível, compreende-se que podem surgir contratempos que impeçam a participação em alguns momentos. Nesses casos, o voluntário deve avisar com antecedência a escola quando tiver que se ausentar e, se possível, ele mesmo conseguir alguém que o substitua. Além disso, é preciso que os voluntários conheçam as normas da escola para respeitá-las e para ajudar que todos as respeitem também.

Quem faz: Uma vez que a escola é uma Comunidade de Aprendizagem, as normas são construídas por todos e para todos.



CONSULTE
I. Capítulo *Comunidade de Aprendizagem*

Assim como a responsabilidade do voluntário, a escola também tem a sua. Por isso, é importante que as atividades aconteçam nos dias e horários previstos e que as reuniões de Comissões Mistas respeitem o horário de início e término.



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Formação de Familiares*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Tertúlia Dialógica Literária*



* Disponível no Portal

É preciso que os estudantes também conheçam qual o papel dos voluntários nas Atuações Educativas de Êxito que acontecem dentro das salas de aula, como a Tertúlia Dialógica Literária, a Biblioteca Tutorada e os Grupos Interativos. Por esta razão, ainda que sejam feitas formações ao longo do ano, é imprescindível que os professores apresentem os voluntários aos seus estudantes, destacando que eles estão ali para ajudá-los a interagir e não para ensinar o conteúdo - porque isto é papel dele, professor.

No entanto, é preciso que novos membros sejam apresentados às normas que já foram acordadas entre todos.

Como faz: Ter um documento que apresente as normas da escola e as responsabilidades dos voluntários é uma estratégia bastante utilizada pelas escolas que são Comunidades de Aprendizagem. Esse documento pode conter responsabilidades como a importância das atividades começarem no horário previsto pela escola (mostrando que pontualidade é fundamental), ou a responsabilidade da sua participação, avisando com antecedência se não poderá ir ou indicando outro voluntário para substituição no dia em questão.

Material de apoio: No final deste capítulo há um "Termo de Compromisso ao Serviço Voluntário"* que poderá ser usado como base para a elaboração do termo de sua escola.

CONHECER SUA AÇÃO NAS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO

O voluntário pode participar de uma ou mais Atuações Educativas de Êxito que a escola esteja implementando; pode favorecer a interação entre os estudantes nos Grupos Interativos e na Biblioteca Tutorada; participar ou oferecer seus conhecimentos nos cursos de Formação de Familiares³, ser mediador de uma Tertúlia Dialógica Literária³ ou ser membro de uma Comissão Mista para ajudar nas decisões e avaliações da escola, na construção das normas, na mobilização de mais voluntários, etc.

É importante que o voluntário conheça as práticas das quais irá participar. Para tanto, cada escola deve se organizar para oferecer a formação que considerar mais pertinente a depender do contexto da escola e das Atuações Educativas de Êxito que estão sendo implementadas.

Quem faz: As formações podem ser elaboradas e realizadas pela Comissão Mista de voluntários, pelos professores ou pela gestão da escola.

Como faz: Algumas escolas realizam encontros anuais, nos quais são apresentadas todas as Atuações de Êxito que implementam, destacando o papel dos voluntários em cada uma delas. Outras realizam pequenos cursos de formação em atuações específicas ao longo do ano. Outra sugestão é deixar a cargo dos professores que recebem voluntários em suas salas de aula a responsabilidade de orientar e acompanhar suas ações.

Material de apoio: Ao final deste capítulo você encontrará pautas de formação nas práticas de "Grupos Interativos", "Biblioteca Tutorada" e "Tertúlias Literárias" que poderão ser utilizadas como modelo para a realização de formações em sua escola. Há também no portal da Comunidade de Aprendizagem, cursos a distância, sobre várias das Atuações Educativas de Êxito que podem ser feitos mediante o interesse de cada voluntário, ou realizado em grupo com o apoio da Comissão Mista de Voluntários.

Quando o voluntário participa das Atuações Educativas de Êxito ocorrem mudanças importantes: maior valorização da escola por parte das famílias e dos estudantes, maior compreensão do trabalho realizado em sala de aula e do papel da gestão, ampliação das expectativas de aprendizagem dos estudantes, favorecimento de dinâmicas de aprendizagem mútua, vivência da solidariedade, etc.

Ações de Engajamento

O trabalho do voluntário em uma Comunidade de Aprendizagem é fundamental e, por isso, é preciso que cada pessoa seja bem recebida, reconhecida e que perceba a sua importância para o projeto - especialmente no que se refere à melhora na aprendizagem dos estudantes. Por isso, destacamos aqui algumas ações e dicas importantes para que as escolas possam realizar ações que favoreçam o engajamento dos voluntários.

Chamamos de Ações de Engajamento todas aquelas que contribuem para que os voluntários permaneçam no projeto, participando ativamente das Atuações de Êxito. Podem ser ações que acontecem no dia a dia da escola, como a participação em alguma Atuação Educativa de Êxito ou em Comissões Mistas, ou ações mais pontuais de reconhecimento de seu trabalho e dedicação.

EVENTOS

Dia do Voluntário. No dia 28 de agosto, comemora-se no Brasil o Dia do Voluntário. Algumas escolas que são Comunidade de Aprendizagem aproveitam a data para prestigiar e reconhecer os seus voluntários. Um café da manhã coletivo, uma apresentação dos estudantes e um cartão comemorativo são alguns exemplos de ações que podem acontecer nessa data.

Escola Aberta. O Programa Escola Aberta, do MEC, incentiva e apoia a abertura, nos finais de semana, de unidades escolares públicas para potencializar a parceria entre escola e comunidade. A ideia é ocupar criativamente o espaço escolar aos sábados e/ou domingos com atividades educativas, culturais, esportivas, etc. Nas escolas que são Comunidade de Aprendizagem este pode ser mais um dia de reconhecimento e valorização dos voluntários da escola. Muitas delas separam um momento do dia para apresentar os voluntários e agradecer a sua participação no dia a dia da escola.

COMPARTILHAR OS RESULTADOS E CONQUISTAS

É importante que os voluntários, professores, estudantes, familiares e demais funcionários da escola possam reconhecer o trabalho desenvolvido no ano e ter acesso aos resultados alcançados e conquistas efetivadas. Pode-se realizar isso por meio de uma reunião já

Compartilhar com os voluntários a melhora nas notas e conceitos obtidos pelos estudantes nas avaliações internas e externas é uma forma de reconhecer a contribuição que tiveram para esta conquista.

prevista no calendário escolar ou outra planejada somente para essa finalidade, em um café da manhã coletivo, organizado por todos, ou mesmo em um dia de final de semana de Escola Aberta. Esta pode ser também uma boa oportunidade para renovar os sonhos da escola: juntos, todos podem analisar quais sonhos já foram realizados, quais serão os próximos e quais são os novos.

MATERIAL DE APOIO

Na seção “Nossa Biblioteca” do portal da Comunidade de Aprendizagem existem vídeos de reconhecimento do trabalho dos voluntários em algumas escolas do Brasil, que podem ser utilizados como exemplo.

DICAS DE RECONHECIMENTO DO TRABALHO DO VOLUNTÁRIO

É importante fortalecer e reconhecer o trabalho dos voluntários – e isso pode ser feito a partir de algumas simples dicas. A escola pode organizar um documento que liste todas essas dicas, e outras que considerar importantes, disponibilizando o material no mural da escola. Dessa forma, todos saberão como e porque valorizar as ações dos voluntários nas Comunidades de Aprendizagem. Pode-se também, no início de cada semestre, ou sempre que a comunidade avaliar como necessário, apresentar os voluntários para a escola toda, criando assim um vínculo de reconhecimento mútuo.

- Sempre que iniciar um Grupo Interativo ou outra Atuação Educativa de Êxito que envolva os estudantes, apresente os voluntários aos estudantes, explique o que eles irão fazer e agradeça a presença de todos.
- Organizar o momento em que voluntários possam conversar sobre suas atuações em sala de aula, para que sejam solucionadas as dúvidas e compartilhar o que vivenciam em cada grupo. Uma sugestão é perguntar, ao final da aula, qual a avaliação dos voluntários sobre a atividade e o desempenho geral dos estudantes.
- Sempre que houver avaliações internas na escola, informe aos voluntários as melhoras do rendimento acadêmico dos estudantes, destacando o importante papel que tiveram para esta conquista.
- Garanta o cumprimento dos horários em que acontecem as Atuações Educativas de Êxito. Se, por exemplo, um voluntário chegar na escola para participar de um Grupo Interativo e este foi alterado de horário, é bem provável que ele não possa participar, o que compromete a realização da atividade, e contribui para que ele se sinta desrespeitado, influenciando negativamente sua participação no projeto.
- Avise com antecedência quando alguma atividade for cancelada. Imprevistos acontecem e algumas vezes a escola precisa cancelar uma atividade ou reunião de Comissão Mista, mas é importante que os voluntários sejam informados com antecedência.

- Valorize sempre a participação dos voluntários, recebendo-os com atenção e cuidado e agradecendo a sua presença. Mas cuidado para não desvalorizar quem não pode participar: Nem todos conseguem dispor do seu tempo para a realização do trabalho voluntário, e isso não pode ser um aspecto negativo.
- Utilize breves textos de agradecimento, seja em bilhetes ou cartazes espalhados pela escola, por exemplo: "Cada pequeno esforço voluntário, quando feito com dedicação e entusiasmo, transforma o mundo ao seu redor."
- Entregue cartões/lembranças confeccionados pelos próprios estudantes.
- Convide os voluntários para dar depoimento sobre sua participação nos diversos eventos realizados na escola.
- Divulgue na mídia local (Jornal do bairro, Site da SME, Rádio Comunitária, etc) os eventos que contaram com a participação dos voluntários e o resultado alcançado pela ação.
- Busque patrocínio para confecção de camisetas, bonés, etc, para identificação dos voluntários.
- Prepare momentos de reconhecimento pelo trabalho voluntário, como cafés da manhã, chás da tarde, que dê visibilidade ao trabalho realizado e possibilite a mobilização de novos interessados.
- Estabeleça um cronograma com os estudantes (representantes de sala) para se empenharem nas ações de reconhecimento. A cada trimestre uma sala pode ficar responsável por planejar e realizar uma ação, por exemplo.

PROFESSORES E FAMILIARES TAMBÉM SÃO AGENTES MOBILIZADORES

- Toda a comunidade escolar precisa estar contagiada pelo projeto! Para isso, é importante que os professores lembrem aos estudantes, semanalmente, quais as ações que estão acontecendo na escola e que a comunidade como um todo, institua o costume de convidar as pessoas à participação, seja para fazer parte das Comissões Mistas ou para o voluntariado em alguma outra Atuação Educativa de Êxito.
- Em todos os eventos - reuniões de pais, festas comemorativas, campanhas de vacinação, de saúde pública, etc - reservar um tempo de ao menos dez minutos para falar sobre o projeto e a importância da participação de todos.
- Incentivar para que os próprios professores consigam os voluntários junto às famílias dos estudantes, com a ajuda destes, já que, os professores, muitas vezes, têm muito mais contato com os pais do que os gestores e podem ter informações como: quais pais são mais participativos, quais estão com horário livre, quais poderiam se sensibilizar ou se motivar com as propostas.
- Os próprios voluntários que estão colaborando com a Comunidade de Aprendizagem podem ajudar a mobilizar novas pessoas com seus testemunhos a respeito de sua participação.

- É importante que os responsáveis pelos estudantes percebam e reforcem, a cada dia, a ideia de que eles são parte da escola e de que sua participação faz grande diferença para a melhoria da aprendizagem e convivência de todos. Isso contribui para ampliar e fortalecer os vínculos de respeito e confiança entre família e escola e, transforma as atitudes de todos, já que passam a se ver como corresponsáveis pela educação, não apenas dos estudantes da sua família, mas da comunidade como um todo. Essa percepção da importância de sua participação se dará pela forma como a pessoa é acolhida e valorizada na escola a cada vez que participa de alguma atividade e vê reconhecido o esforço que fez para estar ali, independentemente do tempo que teve para dispor.

A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA CONTRIBUI PARA O ENGAJAMENTO DO VOLUNTÁRIO

- Uma escola organizada deixa claro em seus murais quais são as atividades planejadas e quem participará delas, como no modelo que apresentamos abaixo:

Em continuidade ao Projeto Comunidade de Aprendizagem, realizado em nossa escola, necessitamos da presença de familiares ou outras pessoas interessadas em transformar a nossa unidade escolar em uma verdadeira Comunidade de Aprendizagem, por meio das seguintes ações:

<i>Ação</i>	<i>O que é</i>	<i>Dias que pode participar</i>	<i>Horários</i>	<i>Telefone</i>
<i>Grupo Interativo</i>	<i>Atividade em grupo realizada no horário de aula regular. O professor prepara e dirige a atividade, mas conta com a colaboração de voluntários para melhorar a aprendizagem dos estudantes.</i>			
<i>Comissão Mista</i>	<i>Comissão formada por estudantes, professores e voluntários que se reúnem periodicamente para tomar decisões sobre diferentes temas.</i>			
<i>Biblioteca Tutorada</i>	<i>Espaço de estudo que acontece fora do horário letivo. Tem o objetivo de acelerar a aprendizagem e diminuir a defasagem na sala de aula.</i>			
<i>Apoio na Infraestrutura</i>	<i>Possibilidade de realizar pequenos reparos, produção de materiais, organização dos espaços, etc. Algumas ações podem ser realizadas em casa.</i>			

- O calendário das atuações que envolvem a presença de voluntários (Grupos Interativos, Comissões Mistas, Biblioteca Tutorada) deve estar sempre exposto em local de grande visibilidade por toda a comunidade escolar. Um breve texto de apresentação do projeto (exemplo do item 1) também pode ser entregue aos familiares quando comparecem à escola para tratar assuntos do dia a dia. O(a) profissional responsável por atender as pessoas precisa estar apropriado do projeto para falar sobre ele às pessoas que procuram a escola, bem como, para convidar para participar.
- Endereços e telefones precisam ser atualizados. Um ou mais voluntários podem assumir esta responsabilidade, periodicamente.
- Roduzir a responsabilidade de coordenação dos trabalhos para que gradativamente a equipe gestora possa assumir o papel de apoio e não condução direta das ações, contribuindo, assim, para o exercício da gestão democrática e o fortalecimento da autonomia das Comissões Mistas.
- Junto às Comissões Mistas, define-se um prazo para que as Comissões passem a ter autonomia no encaminhamento das propostas, de maneira que ela seja comunicada, mas não necessariamente esteja à frente de tudo.





Materiais de apoio para as ações na escola

Nesta seção você encontrará materiais de apoio para as ações de mobilização, integração e engajamento dos voluntários em sua escola. São materiais que podem ser utilizados como apoio para as ações com os voluntários ou modelos para elaboração de materiais específicos para cada escola.

Todos esses materiais podem ser encontrados também em versão digital na seção "Nossa Biblioteca" do Portal Comunidade de Aprendizagem.

OS MATERIAIS

- Exemplo de um termo de compromisso do voluntário.
- Sugestão de pauta.
- O primeiro encontro com o grupo de voluntários.
- O papel dos voluntários em uma Comunidade de Aprendizagem.
- Formação em Grupos Interativos.
- Formação em Biblioteca Tutorada.
- Formação em Tertúlia Literária.

TERMO DE COMPROMISSO AO SERVIÇO VOLUNTÁRIO

Nome da Escola: _____

Endereço: _____

Nome do(a) voluntário(a): _____

Endereço: _____

Telefones para contato: _____

Atuação: _____ Dia da semana e horário: _____

O(A) voluntário(a) é: () menor de 18 anos () maior de 18 anos

O trabalho voluntário a ser desempenhado junto a esta Instituição de Ensino não será remunerado e não gerará vínculo empregatício nem funcional ou quaisquer obrigações trabalhistas, previdenciárias e afins, pois faço constar o caráter voluntário do que realizo a título de colaboração pessoal desinteressada. Além disso, me comprometo com a escola de:

- Participar das reuniões organizadas para a formação do voluntário;
- Avisar com antecedência, caso não possa comparecer à atividade prevista;
- Respeitar as normas de comportamento da escola com destaque para:
 - Não utilizar o celular durante o período que estiver na sala de aula.
 - Cuidar da linguagem utilizada dentro da escola, evitando usar palavrões e gírias desrespeitosas.
- Não comentar sobre um estudante com outras famílias e/ou pessoas conhecidas dentro e fora da escola, garantindo o respeito à privacidade dos estudantes.

CONFIRMO MEU INTERESSE EM SER VOLUNTÁRIO(A). DENTRO DA SALA DE AULA SEGUIREI AS INDICAÇÕES DOS PROFESSORES RESPONSÁVEIS PELA ATIVIDADE E BUSCAREI PARTICIPAR COMO MULTIPLICADOR DE OUTROS VOLUNTÁRIOS(AS).

Caso o(a) voluntário(a) seja menor de idade:

CONCORDO QUE MEU/MINHA FILHO(A) PARTICIPE COMO VOLUNTÁRIO(A) NESTA INSTITUIÇÃO DE ENSINO.

_____, ____ de _____ de 201__

.....

Assinatura do candidato a voluntário(a) ou do responsável

OBS: é importante dar destaque às Atuações Educativas de Êxito que a escola implementa para que o papel do voluntário fique sempre muito claro.

SUGESTÃO DE PAUTA PARA O PRIMEIRO ENCONTRO COM O GRUPO DE VOLUNTÁRIOS

A equipe gestora deve estabelecer um prazo para conseguir um número mínimo de pessoas que serão as possíveis voluntárias (sugere-se algo em torno de 5% do número de matrículas).

Tendo a lista de interessados, marcar uma conversa com todos em horário e local previamente anunciados. Caso já esteja constituída uma Comissão Mista, a pauta precisa ser compartilhada/planejada com esta. A seguir algumas ideias do que pode ser tratado nessa primeira reunião:

- Apresentar os dados reais de aproveitamento dos estudantes e convidar para uma reflexão sobre os possíveis encaminhamentos à luz da possibilidade de implementação de algumas das Atuações Educativas de Êxito.
- Selecionar alguns sonhos da própria comunidade e refletir sobre eles, pensando sobre as possibilidades de sua realização, associando-os aos resultados que foram apresentados inicialmente.
- Conversar sobre qual ou quais atuações seriam adequadas para iniciar o trabalho e planejar juntos: Por quais turmas se iniciaria? Quais seriam os melhores dias e horários para realizar as atuações pensadas? Se necessário material, como o conseguiriam? Quando seria o início? Em que data se encontrariam novamente para preparar melhor os voluntários para iniciar a (s) atuação (ões)? Que ações realizariam no intervalo para conseguir mais voluntários?
- Distribuir as tarefas entre todos e trocar contatos. Se for de costume dos participantes, pode-se montar um grupo no *Whatsapp* para facilitar a comunicação entre todos.
- Cuidar do tempo, atrelado aos objetivos do encontro. Se possível, ocupar no máximo uma hora e meia, para garantir a concentração e atenção dos envolvidos.
- Ao final do encontro documentar, e comunicar os encaminhamentos que deverão ser apresentados em assembleias periódicas.

O PAPEL DOS VOLUNTÁRIOS EM UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

DURAÇÃO 1H

OBJETIVO

- Apresentar aos voluntários o projeto Comunidade de Aprendizagem e o papel dos Voluntários nas Atuações Educativas de Êxito

CONTEÚDO

- O papel dos voluntários no Projeto Comunidade de Aprendizagem

ESTRATÉGIA

Contexto/Vínculo

- Breve apresentação do projeto
- Trocando ideias no coletivo: cada participante se apresenta (nome, de onde é, qual a relação com a escola) – 5'
- Apresentação do vídeo "[Animação de Apresentação CA](#)"* – 5'



* Disponível no Portal

Problematização/Vínculo

- Trocando ideias em duplas: A partir do vídeo e de sua experiência na escola, qual é o papel dos voluntários em uma Comunidade de Aprendizagem? – 5'
- Socialização (anotar para retomar ao final) – 10'
- Apresentação do PPT "[Comunidade de Aprendizagem e o Papel dos Voluntários](#)" * – 10'

Finalização/Dar Caminhos

- Qual o papel dos voluntários em uma Comunidade de Aprendizagem: Retomar a lista do papel dos voluntários (PPT) e completar com as sugestões de todos – 10'
- Apresentação das Atuações Educativas de Êxito presentes na escola e inscrição para novos voluntários – 10'
- Avaliação do encontro – 5'

FORMAÇÃO EM GRUPOS INTERATIVOS

DURAÇÃO 1H

OBJETIVO

- Ajudar o voluntário a compreender o que é a Atuação Educativa de Êxito “Grupos Interativos” e quais suas funções nesta atividade

CONTEÚDO

- Grupo Interativo
- Ação Voluntária

ESTRATÉGIA

Contexto/Vínculo

- Breve apresentação da proposta de formação dos voluntários
- Trocando ideias no coletivo: cada participante se apresenta (nome, de onde é, qual a relação com a escola) – 10’
- Vídeo “[Grupos Interativos – vídeo para formação](#)”^{*} – 15’

Problematização/Vínculo

- Trocando ideias em duplas: A partir do vídeo e de sua prática, qual é a função do voluntário do Grupo Interativo – 10’
- Socialização (anotar para retomar ao final) – 5’

Finalização/Dar Caminhos

- Fechamento e sistematização: leitura coletiva “[Ideias para Guardar](#)”¹³ e retomada do quadro das ideias colocadas pelo grupo no início do encontro – 15’
- Avaliação – 5’



CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Grupo Interativo*



* Disponível no Portal

FORMAÇÃO EM BIBLIOTECA TUTORADA

DURAÇÃO 1H

OBJETIVO

- Ajudar o voluntário a compreender o que é a Atuação Educativa de Êxito “Biblioteca Tutorada” e quais suas funções nesta atividade

CONTEÚDO

- Biblioteca Tutorada
- Ação Voluntária

ESTRATÉGIA

Contexto/Vínculo

- Breve apresentação da proposta de formação dos voluntários
- Trocando ideias no coletivo: cada participante se apresenta (nome, de onde é, qual a relação com a escola) - 10'
- Leitura compartilhada do trecho final do texto “Biblioteca para ler, pesquisar e até brincar”, da Revista Carta Escola, página 27 “Como é uma Biblioteca Tutorada?”^{*} – 15'

Problematização/Vínculo

- Trocando ideias em duplas: a partir do texto e de sua prática, qual é a função do voluntário na Biblioteca Tutorada? – 10'
- Socialização (anotar para retomar ao final) – 5'

Finalização/Dar Caminhos

- Fechamento e sistematização: leitura coletiva “Ideias para Guardar”¹³ – 15'
- Avaliação – 5'



* Disponível no Portal



CONSULTE
3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Biblioteca Tutorada*

FORMAÇÃO EM TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA

DURAÇÃO 1H

OBJETIVO

- Ajudar o voluntário a compreender o que é a Atuação Educativa de Êxito "Tertúlia Literária Dialógica" e qual sua função nesta atividade.

CONTEÚDO

- Tertúlia Literária
- Ação Voluntária

ESTRATÉGIA

Preparação: Para essa formação é importante que o formador que liderará a tertúlia distribua, para cada participante, uma cópia de um pequeno conto de literatura clássica universal.

Ver indicação na biblioteca do portal:

www.comunidadeaprendizagem.com

Contexto/Vínculo

- Exibição do vídeo "Tertúlia Literária" de 08:14 a 12:29, para exibição da Tertúlia – 5'
- Trocando ideias no coletivo: formador pede para os participantes enumerarem em ordem, a partir do que viram no vídeo e de sua prática, as ações da Tertúlia - de acordo com a responsabilidade do moderador e dos participantes (registrar na lousa/quadro branco) – 10'

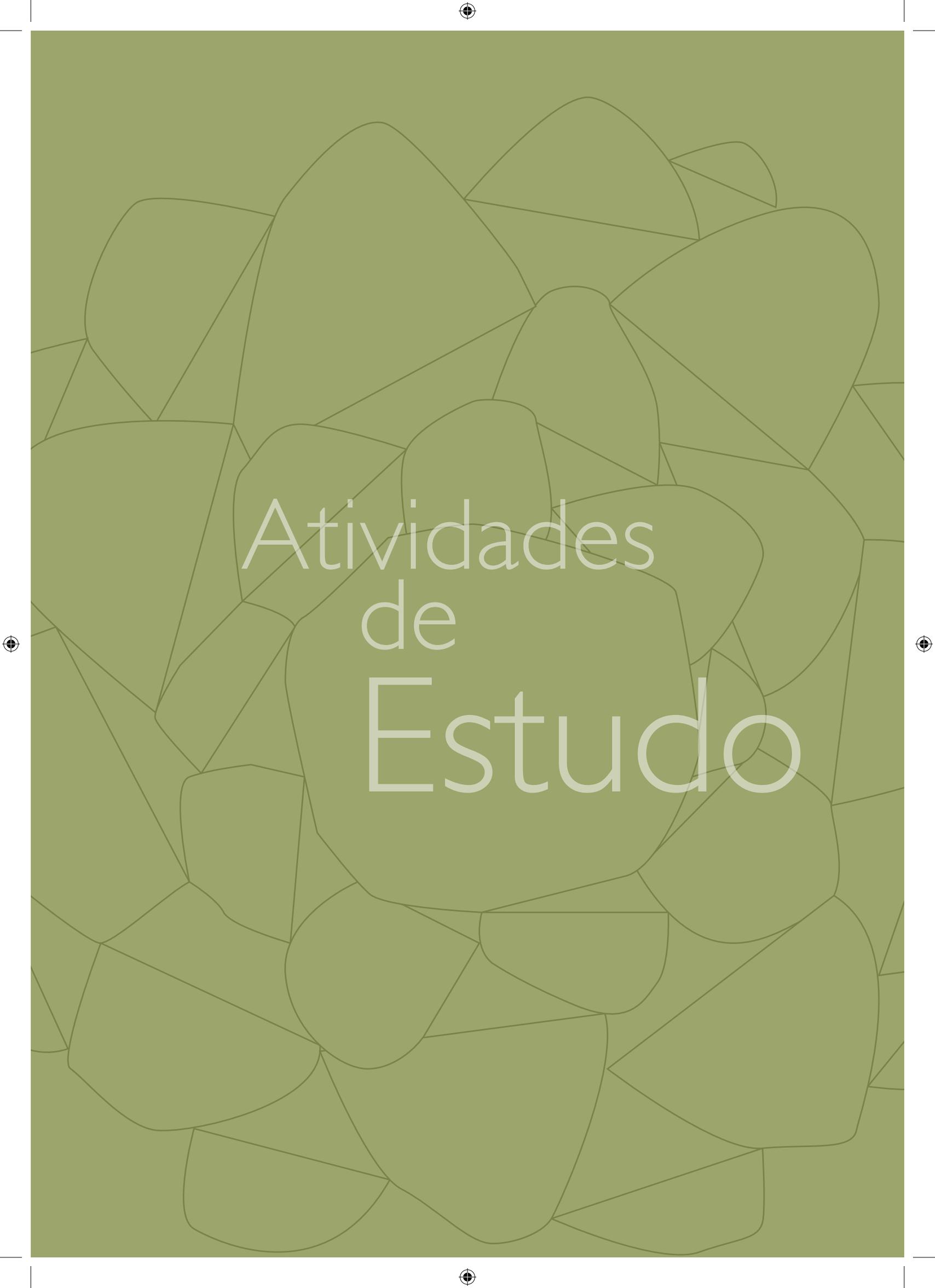
Problematização/Vínculo

- O grupo lê o conto e inicia a atividade da Tertúlia – 15'
- Socialização: conversar sobre como foi a vivência e checar com a lista levantada na primeira atividade de modo a enfatizar como é organizada a Tertúlia e qual o papel do moderador – 10'

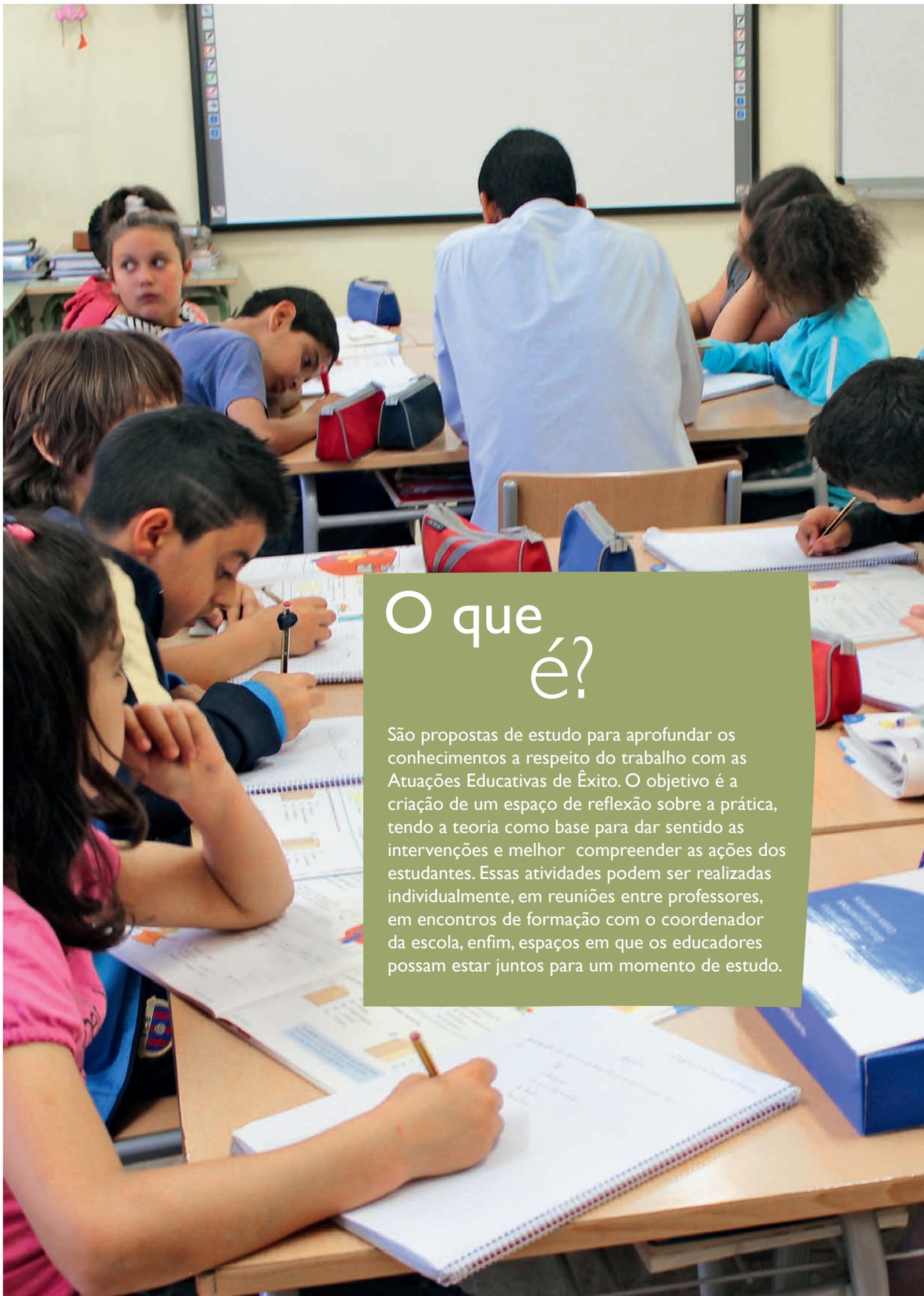
Finalização/Dar Caminhos

- Fechamento e sistematização: leitura coletiva "Ideias para Guardar"¹³ – 10'
- Avaliação – 5'

 **CONSULTE**
3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Tertúlia Dialógica*



Atividades
de
Estudo



O que é?

São propostas de estudo para aprofundar os conhecimentos a respeito do trabalho com as Atuações Educativas de Êxito. O objetivo é a criação de um espaço de reflexão sobre a prática, tendo a teoria como base para dar sentido as intervenções e melhor compreender as ações dos estudantes. Essas atividades podem ser realizadas individualmente, em reuniões entre professores, em encontros de formação com o coordenador da escola, enfim, espaços em que os educadores possam estar juntos para um momento de estudo.

Participação Educativa da Comunidade

ATIVIDADE I

Se a sua escola já realiza algum tipo de reunião com os pais e/ou a comunidade, faça uma lista de quais são as características desses encontros. Descreva os aspectos que acredita ser importante, como por exemplo:

- Motivo da reunião.
- Tema principal da reunião.
- Escolha do horário e local.
- Papel do professor durante a reunião.
- Papel dos familiares e/ou comunidade durante a reunião.

Registre tudo o que considerar oportuno.

Compare as características das Comissões Mistas com as reuniões já feitas pela sua escola. Você pode organizar as informações em uma tabela como esta:

	REUNIÕES COM FAMILIARES E/OU COMUNIDADE JÁ EXISTENTES NA ESCOLA	COMISSÕES MISTAS
Forma de participação: informativa, consultiva, decisória, avaliativa ou educativa		
Quem são os participantes		
Papel dos professores e outros educadores da escola durante a reunião		
Papel dos familiares e da comunidade		
Tema da reunião		
Motivo da reunião		
Método de avaliação e continuidade		
Resultado da reunião: temas discutidos, decisões tomadas, etc.		

A partir da análise da tabela, reflita sobre as seguintes questões:

- a. Do ponto de vista das ações dos participantes durante as reuniões, quais são as principais diferenças entre os dois modos de participação da comunidade e dos familiares?
- b. Que tipo de participação é mais comum na sua escola: informativa, consultiva, decisória, avaliativa ou educativa? Por que você acha isso?
- c. Que contribuições a proposta das Comissões Mistas pode trazer para sua escola?

ATIVIDADE 2

Com base na realidade da escola e do entorno, identifique os possíveis problemas que poderão surgir na implementação das Comissões e Assembleias. Em seguida, junto com o grupo, pense nas possibilidades e soluções para superar esses problemas. Veja um exemplo:

PROBLEMA	POSSIBILIDADES E SOLUÇÕES
A escola fecha às 16 horas. Como possibilitar a participação dos pais e da comunidade com esse horário restrito?	Deixar a escola aberta por mais uma hora, para que os pais que buscam seus filhos possam entrar e participar de alguma comissão ou atividade formativa.

ATIVIDADE 3

Elabore um plano de comunicação para convidar os pais e a comunidade a participar da escola. Para isso, identifique quais são as associações, instituições, meios de comunicação, universidades, etc, que podem ser parceiras da escola nessa ação.

ATIVIDADE 4

Para assistir ao vídeo *Participação Educativa da Comunidade*, sugerimos alguns passos:

- a. Assista ao filme para ter suas primeiras impressões. Caso seja possível, convide um colega ou coordenador para assistir com você, assim poderão trocar impressões.
- b. No filme, é possível identificar – nas ações dos professores, estudantes e voluntários – muitas das orientações e dicas aqui apresentadas para a organização das Comissões Mistas. Identifique algumas e acrescente outras que considerar importantes. Você pode utilizar o quadro a seguir como modelo:

DICAS/ORIENTAÇÕES	AÇÕES DOS PROFESSORES, ESTUDANTES E VOLUNTÁRIOS

Grupos Interativos

ATIVIDADE 1

Se você trabalha ou já trabalhou com estudantes organizados em grupos, faça uma lista de quais são as características desse trabalho. Descreva os aspectos que acredita ser importantes, como por exemplo: critério utilizado para o agrupamento, escolha do conteúdo de trabalho, papel do professor, papel do estudante, motivação dos estudantes, modo de avaliação, resultados obtidos, etc.

Registre tudo o que considerar oportuno.

Compare cada um desses aspectos com as características dos Grupos Interativos para identificar quais contribuições essa proposta pode trazer para o que você já vem realizando. Você pode organizar suas informações em uma tabela como esta:

	TRABALHO EM GRUPO	TRABALHO EM GRUPOS INTERATIVOS
Critério de agrupamento		
Escolha do conteúdo de trabalho		
Papel do professor		
Papel do estudante		
Grau de motivação dos estudantes		
Ritmo de aprendizagem		
Método de avaliação e continuidade		
Resultados obtidos		

A partir da análise da tabela, reflita sobre as seguintes questões:

- Quais são as principais diferenças entre os dois modos de agrupamento dos estudantes? Nos Grupos Interativos, o que se destaca em relação ao trabalho em grupo e à aprendizagem de todos?
- Se considerarmos o papel do professor e o papel do estudante no trabalho em grupo e nos Grupos Interativos, quais diferenças poderiam ser explicitadas do ponto de vista da ação de cada um?
- Por que o trabalho com Grupos Interativos pode acelerar o ritmo de aprendizagem de todos os estudantes e facilitar que todos cheguem a melhores resultados?

ATIVIDADE 2

Releia o capítulo *Aprendizagem Dialógica*, que apresenta os sete princípios dessa aprendizagem, e retome cada um deles.

Em seguida, elabore um planejamento para as duas próximas aulas em que trabalhará com Grupos Interativos, elegendo os objetivos de aprendizagem instrumental e aqueles relacionados à convivência, além dos resultados esperados.

Você pode usar o quadro a seguir como sugestão para o planejamento:

MATÉRIA:				
GRUPO 1:				
GRUPO 2:				
GRUPO 3:				
GRUPO 4:				
	ATIVIDADE 1	ATIVIDADE 2	ATIVIDADE 3	ATIVIDADE 4
Objetivos e resultados esperados de aprendizagem instrumental				
Consigna da atividade				
RESULTADOS ESPERADOS DOS GRUPOS INTERATIVOS:				
VOLUNTÁRIOS:				

Após a realização das atividades, você pode elaborar um registro para analisar sua prática. Caso tenha possibilidade, entregue os planejamentos e registros para seu coordenador – ou para um colega professor – para que ele possa dar uma devolutiva e assim ajudá-lo a avançar em suas reflexões.

Para guiar o registro:

1. De maneira geral, como foram as atividades? Os estudantes permaneceram envolvidos com a proposta durante os minutos dedicados a cada uma? E durante o tempo total de trabalho com os Grupos Interativos? Anote outros comentários mais gerais (organização do espaço e do tempo, materiais disponibilizados, etc).
2. Como você avalia a composição dos grupos? Qual grupo funcionou melhor? Qual interagiu menos? Quais fatores colaboraram para o bom funcionamento do grupo? O que pode não ter colaborado para a interação entre os estudantes?
3. Como você avalia a adequação das propostas? Todos os estudantes foram capazes de chegar ao resultado esperado?
4. Retome os objetivos de aprendizagem instrumental e os resultados esperados e avalie em que medida foram alcançados. Registre uma cena ou ação observada que indique que foram alcançados.

5. Como foi a atuação dos voluntários? Conseguiram facilitar as interações entre os meninos e meninas sem fazer a atividade por eles? Como você pode ajudá-los nas próximas situações?
6. Como você avalia a sua atuação? Quais foram suas principais ações durante o trabalho com Grupos Interativos? Como ajudou os estudantes? De que forma apoiou o trabalho dos voluntários? Como você os recebeu? Como se despediu? Foi possível ter uma devolutiva da observação deles nos grupos?
7. Pensando em uma próxima atividade com Grupos Interativos, o que você manteria e o que mudaria?

ATIVIDADE 3

Para assistir ao vídeo *Grupos Interativos*, sugerimos alguns passos:

- a. Assista ao filme para ter suas primeiras impressões. Caso seja possível, convide um colega ou coordenador para assistir com você, assim poderão trocar impressões.
- b. Releia, então, o capítulo *Aprendizagem Dialógica* e retome cada um dos princípios.
- c. No filme é possível identificar os princípios da Aprendizagem Dialógica nas ações dos professores, estudantes e voluntários. Você pode utilizar o quadro a seguir para organizar sua análise do vídeo, relacionando os princípios com as ações de cada ator.

PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA	AÇÕES DO PROFESSOR	AÇÕES DOS ESTUDANTES	AÇÕES DOS VOLUNTÁRIOS
Diálogo igualitário			
Inteligência cultural			
Transformação			
Criação de sentido			
Solidariedade			
Dimensão instrumental			
Igualdade de diferenças			

Para pensar: do que você observou no vídeo, o que é possível aproveitar no seu cotidiano de trabalho? Quais ações você já identifica na sua prática, em relação tanto ao seu trabalho como ao comportamento dos estudantes? Quais são possíveis incorporar?

Tertúlia Dialógica

ATIVIDADE 1

Cena 1

Em uma escola pública da Grande São Paulo, os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, no horário do contraturno, estavam realizando uma Tertúlia Literária Dialógica com o livro *Romeu e Julieta*. Ao ser lida a frase “Ela quer morrer virgem?”, muitos participantes pediram a palavra para comentar o trecho. Surgiram muitos comentários sobre aborto, casamento, gravidez na adolescência, o momento e a escolha pessoal sobre quando perder a virgindade e a entrega do filho para a adoção.

Cena 2

Na mesma escola, em um outro dia, o trecho que suscitou maior participação foi aquele em que Romeu, desabafando com seu primo, diz que nos momentos tristes as horas custam a passar. Atendo-se a essa ideia, os comentários dos estudantes giraram em torno dos momentos bons e ruins que eles vivem na escola. Por exemplo: aulas chatas que demoram para acabar; aulas boas que voam, regras de que não gostam, o papel dos inspetores nos intervalos das aulas, a conduta de alguns professores, etc.

- Por que esses foram os temas trazidos pelos estudantes dessa escola?
- Retome o princípio da criação de sentido, no capítulo *Aprendizagem Dialógica*, e relacione-o com as cenas apresentadas.
- Em relação ao princípio da transformação, você considera que essas duas Tertúlias apresentaram um potencial transformador, tanto do contexto pessoal quanto do escolar? Por quê?

ATIVIDADE 2

Depois de ter realizado a Tertúlia Literária Dialógica, releia o trecho deste caderno que apresenta as possíveis variedades dessa prática e experimente fazer uma Tertúlia com clássicos de outra área, como música, artes visuais, ciências, matemática, etc.

Depois do encontro reflita sobre:

- Como foi a participação dos estudantes?
- Que comentários fizeram em relação à obra?
- O que foi diferente em relação à Tertúlia Literária? O que foi semelhante?

Convide os familiares, a comunidade, os professores, etc, para participar de Tertúlias. Sugira que experimentem o papel de moderador. Quanto mais experiências como essa, mais ricas serão as interações e as possibilidades de transformação social e educacional.

ATIVIDADE 3

Para assistir ao vídeo *Tertúlia Literária Dialógica*, sugerimos alguns passos:

- Assista ao filme para ter suas primeiras impressões. Caso seja possível, convide um colega ou coordenador para assistir com você, assim poderão trocar impressões.
- Releia, então, o capítulo que apresenta os princípios da Aprendizagem Dialógica² e retome cada um deles.
- No filme, é possível identificar os princípios da Aprendizagem Dialógica nas ações dos moderadores e participantes. Você pode utilizar o quadro abaixo para organizar sua análise do vídeo, relacionando os princípios com as ações de cada ator:



CONSULTE

2. Capítulo *Aprendizagem Dialógica*

PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA	AÇÕES DO MODERADOR	AÇÕES DOS PARTICIPANTES
Diálogo igualitário		
Inteligência cultural		
Transformação		
Criação de sentido		
Solidariedade		
Dimensão instrumental		
Igualdade de diferenças		

Para pensar: do que você observou no vídeo, o que é possível aproveitar no seu cotidiano de trabalho?

ATIVIDADE 4

A partir das experiências obtidas com a realização das Tertúlias, elabore um guia para o moderador com informações importantes para o desempenho do seu papel e dicas que facilitem as interações dos participantes.

Algumas questões que podem ajudá-lo na produção do guia:

- O que fazer quando um dos estudantes pede muitas vezes a palavra e acaba prejudicando o espaço de fala de outros? E o que fazer com aqueles que nunca pedem a palavra?
- Como iniciar uma Tertúlia quando nenhum dos participantes se dispõe a realizar a leitura?

No Portal da Comunidade de Aprendizagem você encontra uma lista de sugestão de clássicos por segmento e/ou faixa etária com temas centrais de cada obra.

Biblioteca Tutorada

ATIVIDADE 1

Depois de conhecer a Biblioteca Tutorada, reflita sobre por que é considerada uma prática que não promove a exclusão de estudantes com maiores necessidades educativas e no que se diferencia de outras atividades de reforço escolar que acontecem na escola. Alguns aspectos podem ser considerados nesse exercício de comparação e análise, tais como: o momento em que essas atividades costumam acontecer, o critério de agrupamento dos estudantes, as atividades propostas, a razão voluntário/estudante, o papel do professor, o envolvimento dos estudantes, os resultados obtidos, etc.

Você pode utilizar esta tabela como modelo:

	BIBLIOTECA TUTORADA	OUTRAS ATIVIDADES DE REFORÇO ESCOLAR
Momento que costumam acontecer		
Critério de agrupamento dos estudantes		
Atividades propostas		
Razão voluntário/estudante		
Papel do professor		
Envolvimento dos estudantes		
Resultados		

ATIVIDADE 2

Considerando a realidade da sua escola e as necessidades de seus estudantes, elabore propostas de atividades para a Biblioteca Tutorada.

Após a realização de uma ou mais Bibliotecas Tutoradas, você pode avaliar, junto com os voluntários envolvidos, as seguintes questões:

- a.** Os estudantes se envolveram com as atividades? Foi possível terminar no tempo previsto? O espaço foi adequado?
- b.** O critério escolhido para os estudantes se organizarem em grupos favoreceu as interações?
- c.** As ações criadas para atrair voluntários foram eficientes? O que manter? O que mudar? Como foi a atuação dos voluntários? Como ajudá-los para o próximo encontro?
- d.** Em uma próxima Biblioteca Tutorada, o que você mudaria e o que manteria?

ATIVIDADE 3

Esta atividade propõe um estudo da base teórica da Biblioteca Tutorada. Para isso, retome o capítulo *Aprendizagem Dialógica* e releia cada um dos princípios. Utilize o quadro abaixo para relacionar teoria e prática e, assim, aprofundar seus conhecimentos a respeito dessa atuação.

PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA	DESCREVA SITUAÇÕES OBSERVADAS NA BIBLIOTECA TUTORADA QUE SE RELACIONAM DIRETAMENTE COM OS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA
Diálogo igualitário	
Inteligência cultural	
Transformação	
Criação de sentido	
Solidariedade	
Dimensão instrumental	
Igualdade de diferenças	

ATIVIDADE 4

Elabore um caderno de registro para a Biblioteca Tutorada, que pode permanecer na biblioteca ou no espaço em que acontecerem os encontros. O registro pode ser feito por professores, voluntários e até estudantes, a cada encontro, como forma de acompanhamento e aprimoramento do trabalho. Pode incluir informações bem objetivas (quantidade de estudantes, atividades realizadas, voluntários presentes, etc), assim como comentários sobre o encontro (clima geral, interação entre estudantes e destes com os voluntários, estudantes que precisam de uma atenção maior; adequação das atividades, resultados obtidos, etc).

Ao final de um período de tempo (mês, semestre, ano), a escola terá uma memória do trabalho na Biblioteca Tutorada, o que lhe dará a possibilidade de fazer uma análise do percurso trilhado e avaliar o quanto as intervenções propostas nesses encontros ajudaram os meninos e meninas menos favorecidos a avançar e alcançar os melhores resultados.



CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem Dialógica

Formação de familiares

ATIVIDADE 1

Leia os relatos abaixo e reflita sobre as mudanças que ocorreram na vida da estudante e quais princípios da Aprendizagem Dialógica² são possíveis identificar.

Relato 1

Um professor ficou surpreso com a mudança de atitude de uma aluna que costumava “esquecer” de trazer as tarefas escolares. Essa mudança ocorreu quando a mãe da menina começou a frequentar as aulas de alfabetização. Mais surpreendido ele ficou quando a aluna disse com grande satisfação que, depois que sua mãe começara a estudar em casa, ela passou a ter tempo para fazer a tarefa e, algumas vezes, ajudou a mãe quando esta tinha dúvidas. Este relato exemplifica uma mudança positiva frente ao processo de aprendizagem da criança e também o diálogo e a cooperação estabelecida entre iguais (e não pela hierarquia adulto-criança.)

Relato 2

Quando o estudante Karim começou a 3ª série não sabia ler nem escrever (ele havia ingressado nessa escola no ano anterior). Após 18 meses de sua chegada, sua mãe iniciou o curso de alfabetização e começou a ir para a escola junto com o filho, ambos para estudar. Essa mudança causou uma grande transformação na vida escolar de Karim, que começou a encontrar sentido em aprender. Ele gosta de ver sua mãe na escola e todas as manhãs em que ela tem aula diz: “Venha mamãe, pegue a pasta e vamos para a escola”. Na parte da tarde, de volta para casa, Karim e a mãe fazem a lição de casa e leem juntos os livros que ele pega emprestado na biblioteca. Ele diz que sua mãe adora os livros e que, assim, ambos aprendem mais.

ATIVIDADE 2

Como apresentado neste capítulo, é preciso identificar as demandas das famílias para organizar uma formação destinada a elas.

Junto com sua equipe ou na Comissão Mista responsável pelo Pedagógico, pensem em instrumentos que podem ser utilizados para levantar as demandas de formação dos familiares e da comunidade em geral.

ATIVIDADE 3

A partir da realidade de sua escola e da comunidade, amplie a lista das atividades de Formação de Familiares apresentada neste capítulo:

- Tertúlias Dialógicas Literárias
- Tecnologia da Informação e Comunicação
- Línguas
- Alfabetização
- Matemática

ATIVIDADE 4

Junto com sua equipe, escolha uma das atividades listadas na atividade anterior e esboce um planejamento para apresentar a uma Comissão Mista de Formação de Familiares.

Considere tudo que foi estudado neste capítulo, os princípios da Aprendizagem Dialógica², a realidade de sua escola, etc.



CONSULTE

2. Capítulo Aprendizagem Dialógica



Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos

ATIVIDADE 1

Tente se lembrar dos principais conflitos que acontecem em sua escola e como são resolvidos.

Agora reflita sobre as seguintes questões:

- Quais são os conflitos mais comuns?
- Quais as origens desses conflitos?
- Como são normalmente resolvidos?
- Como as normas são estabelecidas?
- É comum os motivos que levam a situações conflituosas se repetirem em sua escola? Por que você acha que isso acontece?

CONSULTE

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Participação Educativa da Comunidade*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Formação de Familiares*

3. Capítulo *Atuações Educativas de Êxito - Grupos Interativos*

ATIVIDADE 2

Escolha uma situação de conflito comum em sua escola e tente elaborar uma forma de resolvê-lo a partir do modelo dialógico. A leitura do texto abaixo pode ajudá-lo nessa tarefa.

Nas Comunidades de Aprendizagem, fomenta-se a participação da comunidade na prevenção de conflitos em muitos espaços cotidianos: nas Comissões Mistas³, na Formação de Familiares³, nas assembleias³, entrando nas aulas, na biblioteca, etc. As diferentes pessoas da comunidade se conhecem e estabelecem relações de confiança que permitem atuar na prevenção dos conflitos antes que se manifestem mais duramente.

Em uma Comunidade de Aprendizagem, a Comissão Mista comentou que, no curso do terceiro ano do Ensino Fundamental, havia um estudante que atuava como líder, desprezando uma parte dos colegas de classe. Algumas crianças se juntaram a ele para não se tornarem vítimas de seu desprezo e outras ficavam desconfortáveis em muitas situações. A Comissão de Convivência decidiu conversar com as mães e os pais dos estudantes daquela sala, especialmente com a mãe do menino que atuava como líder. Esta última, já habituada ao caráter dialógico da direção e da comunidade escolar, reconheceu que seu filho tinha esse tipo de comportamento. Em conjunto, mães e pais decidiram que, ao invés de castigar o menino ou estabelecer mecanismos de mediação, iriam participar de diversas propostas de Grupos Interativos³, promovendo assim transformações nas diferentes relações dentro daquele grupo.

Formação Pedagógica Dialógica

ATIVIDADE 1

Experimente realizar uma Tertúlia Pedagógica Dialógica em sua escola. Para isso, siga os passos sugeridos na seção anterior e também no Capítulo Atuações Educativas de Êxito - *Tertúlia Dialógica*.

Após a realização da Tertúlia, faça um registro do encontro, refletindo sobre as seguintes perguntas:

- a. Como foi a participação do grupo? Fizeram referência a trechos do texto para comentar ou analisar?
- b. O grupo estabeleceu relações entre a teoria e prática? Como aconteceram essas relações?
- c. Quais assuntos foram os mais debatidos? Você pode retomar o princípio da criação de sentido e refletir sobre de que forma ele esteve presente nesse encontro.
- d. Como aconteceu o diálogo entre os participantes? O princípio do **diálogo igualitário** foi respeitado? Por quê? Em que momentos?
- e. Para fortalecer a dimensão instrumental, é possível complementar a leitura escolhida pelo grupo com outros textos? Quais?

ATIVIDADE 2

Para ampliar os conhecimentos de sua equipe, podem-se planejar encontros de formação de professores em diferentes formatos, estabelecendo os objetivos de acordo com a realidade da escola e as necessidades dos estudantes.

A sugestão aqui é a realização de alguns encontros para que a equipe aprofunde seu conhecimento acerca deste caderno – tanto dos capítulos teóricos (*Aprendizagem Dialógica* e *Comunidade de Aprendizagem*) quanto dos que apresentam as Atuações Educativas de Êxito. Para o aprofundamento, também pode-se realizar os cursos a distância (EAD), disponíveis no portal Comunidade de Aprendizagem. Lembre-se que neste capítulo que você está lendo é possível encontrar atividades de estudo que podem ser realizadas coletivamente.

Após os encontros, você pode registrar os resultados, orientando-se pelas perguntas a seguir:

- a. Quais eram os principais objetivos desses encontros? Foram alcançados? Que ações e comentários feitos pelos professores indicam isso?
- b. Das estratégias utilizadas nos encontros, quais foram as mais eficientes, considerando os objetivos?
- c. Ao final de todos os encontros, você avalia que os professores aprofundaram seus conhecimentos a respeito do trabalho com as Atuações Educativas de Êxito? É possível notar evidências na prática com os estudantes?

Para enriquecer o estudo, pesquise outros textos sobre Comunidades de Aprendizagem. Há muitas referências disponíveis na biblioteca do portal da Comunidade de Aprendizagem. Um bom começo pode ser a leitura do relatório INCLUD-ED.

Boa leitura!





Bibliografia

Adell, M.J., Herrero, C., Siles, B. (2004). *El aprendizaje dialógico en los grupos interactivos*. Networks: An Online Journal for Teacher Research, vol. 7, nº 1, disponible em: <http://journals.library.wisc.edu/index.php/networks/article/view/30/35.a>

Aguilar, C. (2008). *La tertulia literaria dialógica de LJJ*. Otra manera de entender la lectura en la formación de maestros y maestras. Revista de Literatura, 236, 27-35.

Aguilar, C., Alonso, M.J., Padrós, M., Pulido, M. (2010). *Lectura dialógica y transformación en las comunidades de aprendizaje*. Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 67 (24:1), 31-44, disponible em: <http://aufop.blogspot.com/2010/01/monografico-sobre-comunidades-de.html>.

Aguilar, C., Pallarés, V., & Traver, J. (2006). *La tertulia literaria dialógica del barrio "Sant-Agustí-Sant Marc" de Castelló*. Aula de Innovación Educativa, 152, 72-74.

Apple, M. (2000). *Official knowledge: Democratic knowledge in a conservative age*. Nova York: Routledge.

Creemers, B. P. M. & Reezigt, G. J. (1996). *School level conditions affecting the effectiveness of instruction*. School Effectiveness and Improvement, 7(3), 197-229.

Apple, M.W. (2012). *Can education change society?* Nova York: Routledge.

Apple, M.W., & Beane, J.A. (1997). *Escuelas democráticas*. Madridd: Morata.

Aubert, A., Duque, E., Fisas, M., Valls, R. (2004). *Dialogar y transformar, pedagogía crítica del siglo XXI*. Barcelona: Graó.

Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. Barcelona: Hipatia.

Aubert, A., García, C., & Racionero, S. (2009). *El aprendizaje dialógico. [Dialogical learning]*. Cultura & Educación, 21(1), 129-139.

Ausubel, D. P., Novak, J. D., & Hanesian, H. (1989). *Psicología educativa*. Un punto de vista cognoscitivo. México: Editorial Trillas.

Bakhtin, M. (1986). *Problemas de la poética de Dostoievski*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica.

_____. (2000). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press.

Beck, U. (2008). *La sociedad del riesgo mundial: en busca de la seguridad perdida*. Barcelona: Paidós.

Braddock, J. H., & Slavin, R. E. (1992). *Why ability grouping must end: Achieving excellence and equity in american education*. Common Destiny Conference, John Hopkins University, Baltimore, MD, EUA.

Bruner, J. S. (1995). *El habla del niño: Aprendiendo a usar el lenguaje*. Barcelona: Paidós.

Bruner, J. S. (2000). *La educación, puerta de la cultura*. Madridd: Visor.

Casals, J. (2012). Entrevista a Ramón Flecha. *La atención a la diversidad ha legitimado la desigualdad*. Cuadernos de Pedagogía, (429), 20-25.

Castells, M. (1997). *La era de la información. Economía, sociedad y cultura*. La sociedad red, vol. I. Madridd: Alianza.

Centro de Investigación en Teorías y Prácticas Superadoras de Desigualdades (CREA) (2005). *Lectura dialógica e igualdad de género en las interacciones en el aula*. Informe final. Plan Nacional de Investigación Científica y Desarrollo e Innovación Tecnológica 2000-2003.

Chistou, M., & Ríos, O. (2010). *Más allá del lenguaje sexista. Actos comunicativos en las relaciones afectivosexuales de los y las adolescentes*. Revista Signos, 43, Número Especial Monográfico Nº 2.

Chomsky, N. (1977). *El lenguaje y el entendimiento*. Barcelona: Seix Barral.

- Confapea (2012). *Manual de Tertulia Literaria Dialógica*, disponível em: <http://confapea.org/tertulias/wpcontent/uploads/2012/02/manual.pdf>. [Acesso em abril de 2013.]
- CREA (2010-2011). *Miratge de l'ascens i amor ideal [espejismo del ascenso y amor ideal]*. Institut Català de les dones. Investigadora principal: Dra. Elena Duque.
- Creemers, B. P. M., & Reezigt, G. J. (1996). *School level conditions affecting the effectiveness of instruction*. *School Effectiveness and School Improvement*, 7(3), 197-228.
- Cummins, J. (2002). *Lenguaje, poder y pedagogía*. Madrid: Morata.
- Davis, P. (2013). *Reading and the reader: the literary agenda*. Canadá: OUP Oxford
- Dewey, J. (1930). *Democracy and education*. Nova York: Macmillan.
- Díez-Palomar, J.; Molina S. (2010). *Talleres de matemáticas para familiares*. *Cuadernos de Pedagogía*, 401, 36-38.
- Egan, K. (2005). *Students' development in theory and practice: The doubtful role of research*. *Harvard Educational Review*, 75(1), 25-42.
- Elboj, C., Puigdellívol, I., Soler, M., & Valls, R. (2002). *Comunidades de aprendizaje. Transformar la educación*. Barcelona: Graó.
- Elboj, C., & Niemela, R. (2010). *Sub-communities of mutual learners in the classroom. The case of interactive groups*. *Revista de Psicodidáctica*, 15(2), 177-189.
- Elster, J. (2001). *La democracia deliberativa*. Barcelona: Gedisa.
- Epstein, J. L. (1983). *Longitudinal effects of family-school-person interactions on student outcomes*. In A. Kerckhoff (ed.), *Research in sociology of education and socialization* (pp. 101-128). Greenwich, CT: JAI.
- European Commission (2006). *Commission staff working document*. Accompanying document to the communication from the Commission to the Council and to the European Parliament. Efficiency and equity in European education and training systems.
- Flecha, A., Puigvert, L., & Redondo G. (2005). *Socialización preventiva de la violencia de género. Feminismos*. *Revista del Centro de Estudios Sobre La Mujer de la Universidad de Alicante*, 6, 107-120.
- Flecha, R. (1990). *La nueva desigualdad cultural*. Barcelona: El Roure.
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras*. Barcelona: Paidós.
- Flecha, R., & Garcia, C. (2007). *Prevención de conflictos en las comunidades de aprendizaje*. *Idea La Mancha: Revista de Educación de Castilla-La Mancha*, 4, 72-76.
- Flecha, R., García, R., & Gómez, A. (2013). *Transferencia de tertulias literarias dialógicas a instituciones penitenciarias*. *Revista de Educación*, 360, 140-161.
- Flecha, R., Gómez, J., & Puigvert, L. (eds.). (2001). *Teoría sociológica contemporánea*. Barcelona: Paidós.
- Flecha, A., Puigvert, L., & Redondo G. (2005). *Socialización preventiva de la violencia de género. Feminismos*. *Revista del Centro de Estudios Sobre La Mujer de la Universidad de Alicante*, 6, 107-120.
- Flecha, R., Puigvert, L., & Ríos, O. (2013). *The new alternative masculinities and the overcoming of gender violence*. *International and Multidisciplinary Journal of Social Sciences*, 2(1), 88-113.
- Flecha, R., Soler, M. & Valls, R. (2008). *Lectura dialógica: Interacciones que mejoran y aceleran la lectura*. *Revista Iberoamericana de Educación*, 46, 71-87, disponível em: <http://www.rieoei.org/rie46a04.htm>.
- Freire, P. & Macedo, D. (1990). *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'Água.
- _____. (2011). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.

- _____. (1987). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- _____. (1998). *Professora sim Tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Paz e Terra.
- García, C., & Lastikka, A.L. & Petreñas, C. (2013). *Comunidades de aprendizaje*. Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, XVII(427).
- García, E. (2002). *Student cultural diversity. Understanding and meeting the challenge*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- Gatt, S., Ojala, M., & Soler, M. (2011). *Promoting social inclusion counting with everyone: Learning communities and INCLUD-ED*. International Studies in Sociology of Education, 21(1), 33.
- Gatt, S., Puigdemívol, I., & Molina, S. (2010). *Mead's contributions to learners identities*. Revista de Psicodidáctica, 15(2), 223-238.
- Gómez, J. (2004). *El amor en la sociedad del riesgo*. Barcelona: Hipatia.
- Gómez, J., Latorre, A., Sánchez, M., & Flecha, R. (2006). *Metodología comunicativa crítica*. Barcelona: El Roure.
- Grolnick, W. S., Kurowski, C. O., & Gurland, S.T. (1999). *Family processes and the development of children's self-regulation*. Educational Psychologist (34), 3-14.
- Habermas, J. (1987). *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus.
- _____. (2001). *Teoría de la acción comunicativa*. Volumen I: Racionalidad de la acción. Madrid: Taurus.
- _____. (2001). *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Catedra.
- Henderson, A., & Mapp, K. L. (2002). *A new wave of evidence. The impact of school, family, and community on student achievement*. Annual synthesis. Washington: National Centre for Family & Community Connections with Schools. Institute of Education Sciences.
- Hill, N. E., & Taylor, L. C. (2004). *Parental school involvement and children's academic achievement pragmatics and issues*. Current Directions in Psychological Science, 13(4), 161-164.
- Hoover-Dempsey, K.V., Battiato, A. C., Walker, J. M.T., Reed, R. P., DeJong, J. M., & Jones, K. P. (2001). *Parental involvement in homework*. Educational Psychologist, 36, 195-209.
- INCLUD-ED Project (2011). *Actuaciones de éxito en las escuelas europeas*. Madrid: Ministerio de Educación, IFIE, European Commission, Estudios CREADE.
- INCLUD-ED Project (2006-2011). *Strategies for inclusion and social cohesion in Europe from education*. 6th Framework Programme.
- Citizens and Governance in a Knowledge-based Society*. CIT4-CT-2006-028603. Directorate-General for Research, European Commission.
- Ladson-Billings, G. (1994). *The dreamkeepers: Successful teachers of African American children*. San Francisco: Jossey-Bass.
- _____. (1995). *But that's just good teaching! The case for culturally relevant pedagogy*. Theory into Practice, 34(3), 159-165.
- Lastikka, A. L., & García Carrión, R. (2012). *Participación de las familias en el currículo y la evaluación*. Cuadernos de Pedagogía (Monográfico: Claves para conseguir el éxito educativo), (429), 61-63.
- Mead, G. H. (1973). *Espíritu, persona y sociedad. Desde el punto de vista del conductismo social*. Barcelona: Paidós.
- Mello, R. (2012). *Comunidades de aprendizagem: outra escola é possível* / Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga, Vanessa Gabassa. São Carlos: EdUFCar.
- Mello, R. (2009). *Diálogo y escuela en Brasil: Comunidades de aprendizaje*. Cultura y Educación, 21(2), 171-181.

- Molina, S., & Ríos, O. (2010). *Including students with disabilities in learning communities*. Psychology, Society & Education, 2 (1), 1-9, disponível em: <http://www.psye.org/articulos/Molina.pdf>.
- Molina, S., & Holland, C. (2010). *Educación especial e inclusión: aportaciones desde la investigación*. Revista de Educación y Pedagogía, 56, disponível em: <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyp/article/view/9818/9017>.
- Morán, C., Siles, G., & Molina, S. (2012). *Aportaciones científicas a las formas de agrupación del alumnado*. Organización y Gestión Educativa, 2, 13-18.
- Oakes, J. (1985). *Keeping track: How schools structure inequality*. Nova York: Vail-Ballou Press.
- Oliver, E., & Gatt, S. (2010). *De los actos comunicativos de poder a los actos comunicativos dialógicos en las aulas organizadas en grupos interactivos*. Signos, 43(2), 279-294.
- Oliver, E., & Valls, R. (2004). *Violencia de género. Investigaciones sobre quiénes, por qué y cómo superarla*. Barcelona: Hipatia.
- Oliver, E., Soler, M., & Flecha, R. (2009). *Opening schools to all (women): Efforts to overcome gender violence in Spain*. British Journal of Sociology of Education, 30(2), 207-218.
- Parlamento Europeu (2009). *Resolución del Parlamento Europeo, de 2 de abril de 2009, sobre la educación de los hijos de los inmigrantes* (2008/2328(INI)), C 137 E, 01 Cong.
- Piaget, J. (1964). In Ripple R. E. & Rockcastle, V. N. (eds.), *Development and learning*. Boston: Little, Brown & Company.
- Pomerantz, E. M., Grolnick, W. S., & Price, C. E. (2005). *The role of parents in how children approach school: A dynamic process perspective*. In A. J. Elliot, & C. S. Dweck. (eds.), *The handbook of competence and motivation* (pp. 259-278). Nova York: Guilford.
- Racionero, S., & Brown, M. *Lectura en más espacios y con más personas*. Cuadernos de Pedagogía, 429, dezembro de 2012.
- Racionero, S., Ortega, S., García, R., & Flecha, R. (2012). *Aprendiendo contigo*. Barcelona: Hipatia.
- _____ (2011). *Resolución del Parlamento Europeo, de 9 de marzo de 2011, sobre la estrategia de la EU para la integración de la población romaní* (P7_TA(2011)0092), 2276, INICong.
- Rogoff, B. (1993). *Aprendices del pensamiento. El desarrollo cognitivo en el contexto social*. Barcelona: Paidós.
- Saez-Benito, J. A., Traver, J. A. & Martí, J. E. (2007). *Tertulias contra la exclusión*. Cuadernos de Pedagogía, 365, 18-23.
- Sánchez Aroca, M. (1999). *La Verneda Sant Martí: A school where people dare to dream*. Harvard Educational Review, 69(3), 320-335.
- Scribner, S. (1988). *Head and hand: an action approach to thinking*. National Center on Education and Employment.
- Searle, J., & Soler, M. (2004). *Lenguaje y ciencias sociales*. Diálogo entre John Searle y CREA. Barcelona: El Roure Ciencia.
- Smith, P. H., White, J. W., & Holland, L. (2003). *A longitudinal perspective on dating violence among adolescent and college-age women*. American Journal of Public Health, 97(7), 104-110.
- Soler, M. (2001). *Dialogic reading: A new understanding of the reading event*. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de Harvard, disponível em: <http://www.lib.umi.com/dissertations>.
- Soler, M. (2011). *Special issue: Education for social inclusion*. International Studies in Sociology of Education, 21(1).

Soler, M., & Flecha, R. (2010). *Desde los actos de habla de Austin a los actos comunicativos*. Perspectivas desde Searle, Habermas y CREA. Revista Signos, 43(2), 363-375.

Valls, R., & Kyriakides, L. (2013). *The power of interactive groups: How diversity of adults volunteering in classroom groups can promote inclusion and success for children of vulnerable minority ethnic populations*. Cambridge Journal of Education, vol. 43, nº 1.

Valls, R., Soler, M., Flecha, R. (2008). *Lectura dialógica: interacciones que mejoran y aceleran la lectura*. OEI – Revista Iberoamericana de Educación, nº 46, disponível em: <http://www.rieoei.org/rie46a04.htm>.

Vázquez, T., Cidoncha, P., & Avilés, J. (2013). *Inteligencia instrumental visto y comprobado*. Suplemento Escuela, 5, 4-6.

Vieites, M. (2006). *Entrevista a Ramón Flecha: Los sueños son posibles, mejorar la realidad sin sueños es imposible*. Escuela, 3.718, 26-28.

Vivancos, J. (2003). *Les tertulies musicals dialògiques*. Papers d'Educació de Persones Adultes, 42, 15-17.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1996). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Península.

_____. (1995). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Weiss, H. (2005). *Research and evaluation of family involvement in education: What lies ahead?*. Montreal: Annual American Educational Research Association.

Wells, G. (2006). *Dialogue in the classroom*. Journal of the Learning Sciences, 15 (3).

_____. (2001). *Indagación dialógica*. Barcelona: Paidós.

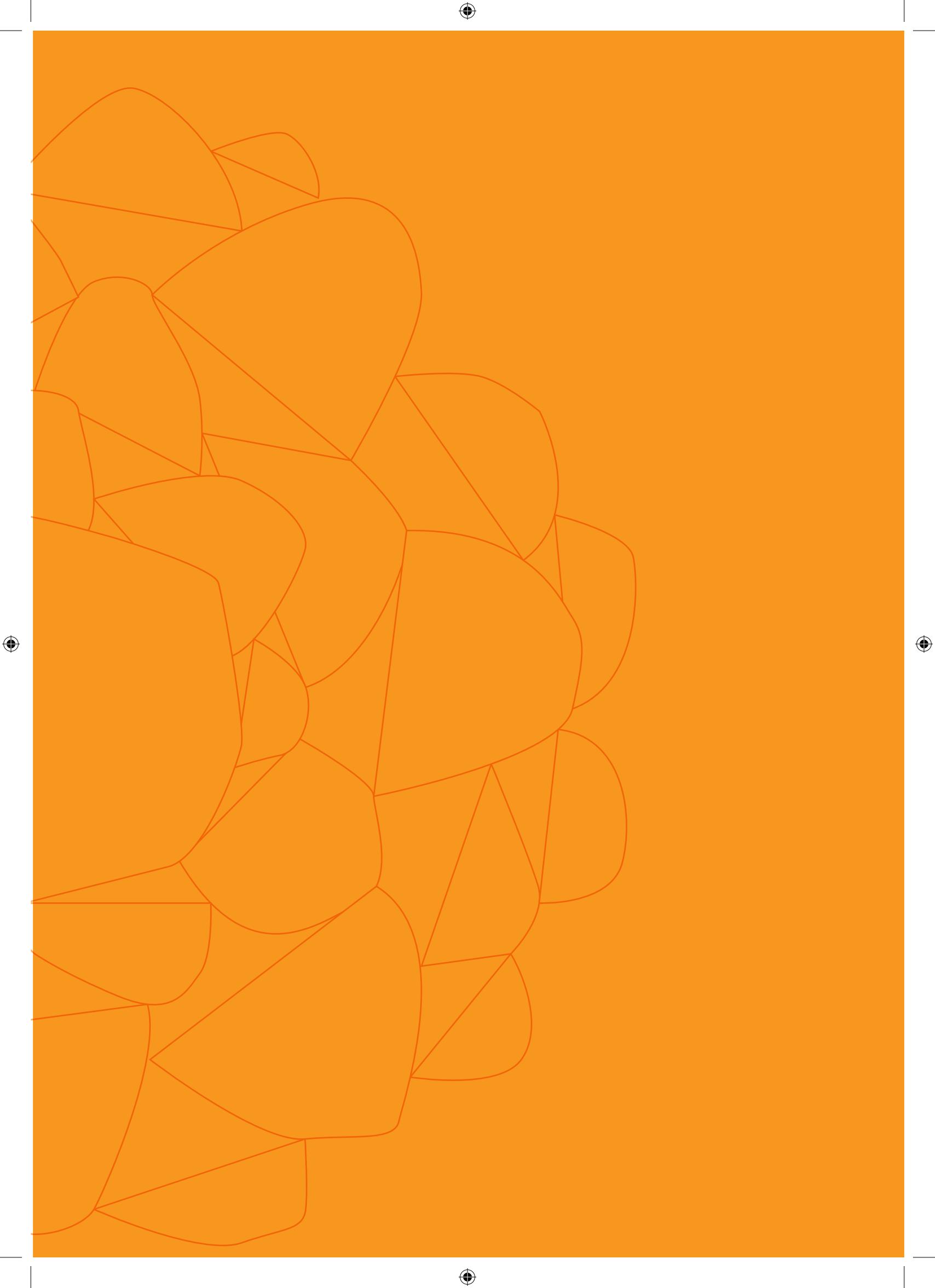
Wößmann, L., & Schütz, G. (2006). *Efficiency and equity in European education and training systems*. Analytical report for the European Commission prepared by the European Expert Network on Economics of Education (EENEE) to accompany the communication and staff working paper by the European Commission under the same title, 26 abr. 2006.

Yeste, C. G., Lastikka, A. L., & Caballero, C. P. (2013). *Comunidades de aprendizaje*. Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, 17.

Material Recomendado:

Vídeo sobre Tertúlias Literárias Dialógicas: Ania Ballesteros. Conferência final do projeto INCLUD-ED. Parlamento Europeu, dezembro de 2011, disponível em: <http://vimeo.com/34810056>. [Acesso em abril de 2013.]

Para ver outros materiais de apoio, acesse o Portal Comunidade de Aprendizagem - www.comunidadedeaprendizagem.com



Este caderno é uma adaptação feita a partir do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona.



Atribuição • Não comercial • Sem derivados

Você tem o direito de:

- **Compartilhar** – copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.
- **O licenciante** não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

De acordo com os termos seguintes:

- **Attribution** – Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.
- **NonCommercial** – Você não pode usar o material para fins comerciais.
- **NoDerivatives** – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.
- **No additional restrictions** – Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR